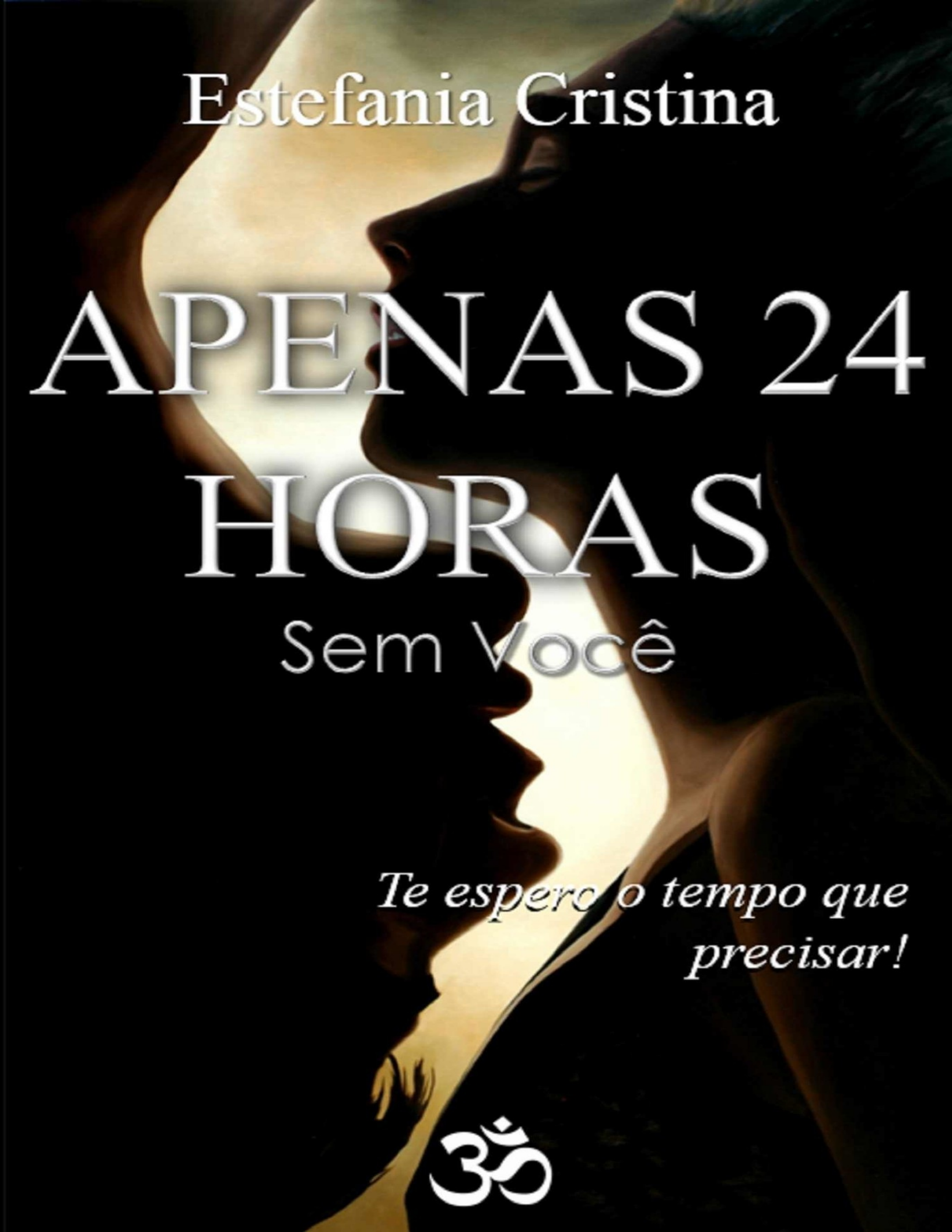




Estefania Cristina

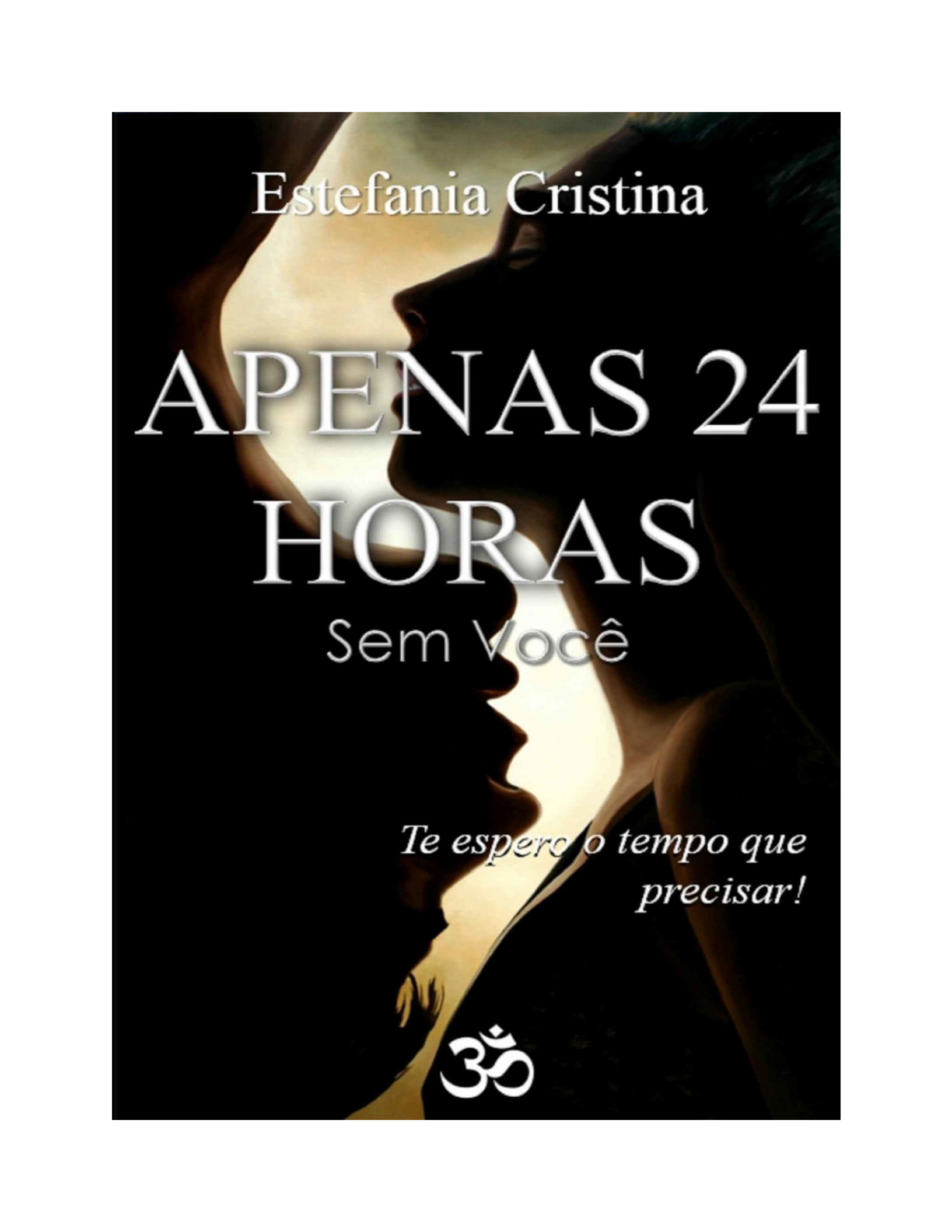
APENAS 24 HORAS

Sem Você

*Te espero o tempo que
precisar!*





The background of the book cover features a romantic silhouette of a man and a woman. The woman is in the foreground, her head tilted back and mouth open as if in a state of bliss or singing. The man is behind her, his face partially visible in profile. The lighting is soft and warm, creating a dreamy atmosphere.

Estefania Cristina

APENAS 24 HORAS

Sem Você

*Te espero o tempo que
precisar!*



Estefania Cristina

APENAS 24 HORAS
SEM VOCÊ

Te espero o tempo que precisar!

LIVRO II

Copyright©2018 by Estefania Cristina

Diagramação	Estefania Cristina
Capa	Emilly Cristina Estefania Cristina
Revisão	Luiza Medeiros Juliete Vasconcelos

C933a

Cristina, Estefania

Apenas 24 Horas Sem Você/ Estefania Cristina.

2. Ed – Belo Horizonte, MG

Esta obra é uma produção Independente.

Copyright [2018] by Estefania Cristina

ASIAN: B01COG5OVM

Todos os direitos desta edição reservados ao autor da obra.

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance - Brasil CDD 869.93
2. Romance CDU (82) - 31

LIVRO REGISTRADO PELA BIBLIOTECA NACIONAL

SUMÁRIO

PARTE 1- VENEZA

PARTE 2- XADREZ

PARTE 3 - A MÁSCARA

PARTE 4- FAMÍLIA GARDNER

PARTE 5- EU NUNCA

PARTE 6- SPIRIT OF ART

PARTE 7- DEIXA QUEIMAR

PARTE 8- A BOLA É SUA

PARTE 9- O PRESENTE ESTÁ NO PRESENTE

PARTE 10 - EM PEDAÇOS

PARTE 11- CÓDIGO DE HONRA E CONFIANÇA

PARTE 12- ADEUS VENEZA

PARTE 13- A OPORTUNIDADE PASSOU

PARTE 14- TÁ NO AR EM

BERCY PARIS

PARTE 15- CORRENDO CONTRA

O TEMPO

PARTE 16- AO SEU ENCONTRO

PARTE 17- DOIS ANOS MAIS TARDE

*"Cause all of me — Porque tudo de mim
Loves all of you — Ama tudo de você
Love your curves and all your edges — Ama as suas curvas e
seus limites
All your perfect imperfections — Todas as suas imperfeições
perfeitas
Give your all to me — Me dê tudo de você
I'll give my all to you — Eu darei tudo de mim para você"*

John Legend- All of Me

PARTE 1- VENEZA

Koll deitou-se ao lado de Christina, admirando-a dentro do vestido de noiva, em seguida, retirou as mechas de cabelo caídas sobre sua face e ficou ali por horas vendo-a dormir como um anjo.

— Você nunca foi um capricho, Chris! — murmura para si mesmo, sabendo que ela se encontrava em um sono profundo.

Koll acariciava com a ponta dos dedos o ombro de Christina. Trilhando a pele nua, ficou imaginando o quão desconfortável era aquele enorme vestido de casamento e desejou tirá-lo, mas não se atreveu.

“Ela vai querer me matar” pensou Koll ao tentar imaginar o que ela iria dizer ou fazer quando despertasse do sono. “Não importa, ainda assim valerá a pena”.

— Eu não vou te perder de novo, Chris!

Quando Gardner levou Christina para Carolina do Sul, seu desejo era apenas impedir que ela cometesse o erro de se casar com Jordan.

— Eu sei que você não está pronta para mim, mas vou esperar o tempo que precisar! — Inalou o ar. — Você mexe comigo, garota!

Gardner veio para Veneza para cobrir o evento cultural daquela noite. E em cinco dias, iria cobrir o show beneficente no Paris Bercy, no qual entrevistaria a cantora Anahí.

Durante esse tempo, o seu desafio seria impedir que Chris escapasse de sua vista.

— Acho que ela vai gostar daqui. — Mordeu os lábios, libertando o sorriso, pensando em todos os lugares que desejava descobrir junto a ela.

Levantou-se devagar, tirou a roupa e tomou um banho, não tinha jeito, não ia dormir, estava muito ansioso! De todas as loucuras que fez na vida, sequestrar Christina foi a maior! Arrependido? Não! De forma alguma.

No entanto, ele estava se preparando para tudo... “Quando fomos para Carolina do Sul, deu tudo certo” ... “Não era o dia do casamento” — papeava Koll com o seu demônio interior.

KG pediu para Barbara informar que Christina passou mal e foi levada para o hospital. Sorria sozinho enquanto a água caía sobre sua cabeça.

“Eles irão acreditar. Não é a primeira vez que Christina passa mal ao

ter que encarar a plateia”.

Abriu as portas da imensa janela coberta pela veneziana rosa pálido, e escorou-se na sacada, deixando a brisa da manhã bater em seu peito enquanto observava o dia nascer.

Seus olhos ficaram perdidos no infinito aproveitando o silêncio. Resolveu não pensar mais nas consequências e decidiu apenas viver cada segundo intensamente, como sempre fez.

Seguiu para sala, ligou bem baixinho o rádio e desejou cozinhar, era o que fazia para passar o tempo, mas ouvir música era uma boa opção já que cozinhar seria impossível naquele momento.

— Você é um idiota! — Ele foi surpreendido por uma sequência de socos nas costas, então girou na direção da garota que, ainda furiosa, lhe acertava o peitoral.

— Bom dia para você também! — Segurou o pulso dela e sorriu alegre ao vê-la acordada.

— Você é um babaca! — gritou. Koll a fez caminhar para trás, até derrubá-la no sofá, que não possuía encosto nas laterais. — Eu preciso voltar e explicar tudo para Jordan... Ele vai me matar... — Derrotada, jogou a cabeça na beirada do estofado, fitando a porta de cabeça para baixo, com os olhos marejados. — Seu idiota, imbecil... isso é crime!

— Crime era o que você ia fazer com a sua vida! — disse com a expressão séria. Não fazia bem para Christina ter o seu corpo quente ali tão perto do dele.

— Me solta, eu vou à delegacia, agora!

— Seja sincera com você mesma, pelo menos uma vez na vida! — Ela parou de se debater. — Você queria se casar mesmo com Jordan?

No seu íntimo, Christina estava aliviada de ter sido sequestrada antes que cometesse a pior besteira de sua vida. Ela assumiu um compromisso com Jordan, mas quando viu Koll a colocando a prova sobre o que realmente sentia, não teve coragem de fazer o certo: jogar tudo para o alto e abandonar o noivo no altar. Mas ela jamais confessaria isso para si mesma, quem dirá para Gardner!

— Diga que não desejou que eu cometesse uma besteira e acabasse com tudo?

— Koll, você é maluco? O que eu posso esperar de você, quando não aceitar algo? Você me arrastou para o outro lado do mundo!

— Você não ama o Jordan!

— Foda-se se eu não o amo! A vida é minha! — Koll se assustou, nunca tinha visto Christina falar um palavrão. Solto o braço e saiu de cima dela. — Você é um moleque mimado que não aceita um não! Eu nunca vou ficar com

você, Koll Gardner!

— Chris... — Ela se levantou rapidamente e saiu pela porta, arrastando o enorme vestido de noiva. — Aonde você vai?

— Vou embora — gritou, descendo as escadas, onde encontrou a recepção. — Vou consertar a merda que você fez!

A senhora, muito simpática, lhe deu os melhores cumprimentos e felicitações, concluindo que ela se casara com Gardner. Furiosa, Christina saiu do estabelecimento, sem entender uma palavra do que acabara de ouvir.

— Chris? — gritou, mas ela estava praticamente marchando pelas vielas. — Chris, espera!

Koll correu para alcançá-la, parando na sua frente, caminhando de costas.

— Sai do meu caminho! — gritou enquanto pisava duro no chão. — Você nunca mais vai me usar como um objeto, seu cretino!

Christina se sentia usada, como poderia confiar em uma pessoa que acha que pode fazer com ela o que bem desejasse? Ela se sentia desrespeitada e com toda razão. Cada vez que imaginava Jordan no altar e todos os convidados lhe esperando, sentia o estômago revirar.

— Vamos voltar para o hotel, Chris, você não pode sair por aí... vestida assim! — Por fim, Chris sentiu a garganta fechar e a respiração lhe faltar. Koll tentou ajudá-la.

— Não toque em mim! — gritou.

Um guarda que passava ali perto resolveu dar fim na discussão que, até então, ele acreditava ser uma briga de casal.

— “Che sta succedendo?” (O que está acontecendo aqui?)

— Desculpe! Você fala inglês? — perguntou Chris.

KG a olhou com espanto, não acreditava que ela ia fazer aquilo, mas ela fez!

PARTE 2- XADREZ

Maldita hora que conheci Koll Gardner, tudo na minha vida ia bem, até ele aparecer e revirar tudo! Como se não bastasse revirar a minha vida, estava revirando os meus sentimentos.

Estava transformando tudo sem minha permissão!

Eu o odeio! Odeio tudo isso que ele me faz sentir quando está do meu lado, odeio tudo que sinto quando ele está longe. Ah!!! Como eu posso viver com tudo isso que está dentro de mim?

Oh, Deus! Eu não sei mais quem eu sou ou quem eu quero ser!

Eu vivia uma vida que parecia não me pertencer. Ela não era ruim, mas era uma grande mentira. Então, em apenas 24 horas, tudo mudou.

Mudou para o jeito dele, e o jeito dele é tão diferente do meu! Ele mexe com as minhas estruturas, me leva para o céu e depois me joga no inferno. Por que ele tinha que me enganar?

Ou será que fui eu quem me enganei querendo acreditar no seu sorriso? No calor do seu corpo quando está junto ao meu? Oh, céus...

Seco as lágrimas que escorrem pela minha face e penso se ele está bem. Eu exagerei? Claro que não! Ele me sequestrou! E pela segunda vez! O que ele pensou que eu ia fazer? Pular em seus braços? Maldito Koll Gardner!

Vejo uma silhueta surgir na luz ao final do corredor, tomando forma à medida que se aproxima de mim.

— Christina, me desculpa por tudo isso! — Gad Gardner inclina-se me dando um abraço. — Eu não podia imaginar que Koll fosse capaz de uma loucura dessas.

Ele joga a ponta do terno para trás e coloca as mãos nos bolsos, só com a chegada dele é que percebi que haviam se passado horas desde que eu me sentara naquele banco.

— Você está péssima! Comeu algo? — Dou um aceno negativo, ao que ele franze a testa, morrendo de dó de mim e, ao mesmo tempo, preocupado com o seu irmão preso.

Gad olha para trás, vê um bebedouro e me oferece um copo de água.

— Obrigada, lamento nos encontrarmos assim!

— Eu é que lamento. — Gad é o irmão mais novo.

— Por que ele não podia ser responsável como você? — Ele sorri e coça a nuca. — Só um pouquinho pelo menos.

— Chris, vamos resolver isso. — Ele se ajoelha na minha frente e segura minhas mãos. — Sei que é pedir muito, mas retira a queixa. Eu juro que te coloco no primeiro voo que encontrar e resolvo tudo com a família Watson.

— Não posso fazer isso. Koll deve aprender que não pode brincar com a vida das pessoas!

— Eu sei... eu sei! Droga! — resmunga o palavrão e coça a testa. — Eu preciso dele... a KGG precisa dele livre, tem um evento muito importante na cidade hoje à noite...

— Por favor... — Desvio do seu olhar rápido.

— Seja sincera! — Ele me olha sério. — Você realmente se importa com esse casamento? Chris seu lugar não é com Jordan.

— E por acaso é com o seu irmão?

— O seu lugar é com você mesma! — Franzo a testa. — Você saiu de um relacionamento há pouco tempo e... sua vida está uma merda. Desculpa a expressão. Acho que você devia aproveitar que está na Europa e dedicar um tempinho para se encontrar. Você está perdida em um mar de sentimentos! Está perdida entre quem você era e quem quer ser!

— Eu estou morrendo de vergonha! A culpa dessa bagunça é minha! — Ele tinha razão.

— Não! A culpa é do meu irmão! Olha, eu estou disposto a te ajudar no que precisar, mas eu peço, por favor, retire a queixa. Isso pega muito mal. O Koll nunca foi preso. — Essa revelação foi uma surpresa. — O que me diz?

Ele aperta minha mão contra o seu peito e logo depois a beija em súplica.

— Tudo bem! — Ele se levanta e me ajuda a ficar em pé. Aquele vestido está me matando. — Como chegou aqui tão rápido?

— Eu estava na casa dos meus pais. — Seguimos até o fim do corredor. — Fica em Bolzano, três horas de viagem.

— Não conheço Bolzano.

— Se você tiver coragem, sinta-se convidada a conhecer a propriedade da família Gardner! — Rimos juntos.

Ainda na porta da delegacia, fico observando como os irmãos Gardner são parecidos fisicamente, mas KG é mais forte e tem um sorriso muito mais atraente e carnal.

— Fico te devendo uma! — diz Koll, dando um abraço lateral no irmão, seguido de palmadas no ombro.

— Pode ter certeza que eu vou cobrar. — Gad dá um soco no ombro de Koll. Os dois são bem amigos. — Chris! Os voos para América foram adiados, não tenho previsão de quando marcarei viagem. Eu te colocaria em um jato, mas uma tempestade segue para o leste.

— Não brinca!

— Desculpe! Eu tenho um compromisso muito importante, agora. — Ele olha no relógio verificando se está atrasado. — Vou deixar vocês dois juntos, por favor, tentem ficar bem!

Ele nem espera eu reclamar, me dá um beijo no rosto e parte em retirada, sumindo de vista enquanto Koll me fita através dos óculos escuros. Ele puxa a manga da jaqueta até o cotovelo. KG fica lindo trajado todo de preto.

Seus lábios se curvam em um sorriso tranquilo e Gardner me dá um aceno de cabeça, me induzindo a segui-lo. Coloco-me ao seu lado e o acompanho.

— Desculpe! — Agora que a raiva passou, me sinto culpada por ter mandado prendê-lo.

— Não precisa se desculpar. — Ele volta o olhar para frente. — Se eu fosse uma garota, teria feito a mesma coisa.

— Me sinto ridícula com esse vestido! — reclamo baixinho.

— Você está linda! — Ele me dá um abraço lateral e um beijo no rosto.

Percebendo que eu não recuei, ele entrelaça sua mão na minha, sinto borboletas no estômago. Eu nunca caminhei pelas ruas dessa forma com Jordan...

Eu sei que os casais fazem isso o tempo todo, mas não eu e o garoto Watson. Penso em puxar minha mão de volta, mas não consigo me afastar do seu magnetismo.

Entramos numa rua repleta de lojas, com as marcas mais famosas do mundo. Ashley amaria estar aqui. Todos já devem estar sentindo minha falta. Com esse fuso horário, eu estou perdida no tempo.

Koll olha as vitrines parecendo procurar algo, por fim, me induz a entrar em uma loja, onde eu compro um clássico "Vestido Godê Vermelho" com estampa branca de pássaros. Parece uma versão moderna dos anos 60, muito meigo!

Depois de almoçarmos no restaurante do hotel, voltamos para o quarto. O vejo entretido colocando o Rolex prata.

— Você vai sair? — pergunto, percebendo sua movimentação.

— Vou fazer um tour que segue para o “Museo Correr” na Praça de São Marcos. Hoje é um dia importante na cidade. — Pega as chaves. — Vem comigo?

— Ah, acho melhor não... — Eu ainda estou chateada com ele.

— Temos muito o que conversar, mas, infelizmente, agora não! — Ele se escora na penteadeira de madeira italiana, olha no relógio e volta a me fitar. — Não perca a oportunidade de conhecer Veneza por minha causa.

Coloca a câmera profissional ao lado do corpo e o gravador no bolso da jaqueta junto ao celular. Permaneço imparcial, sentada na beirada da cama, ele se aproxima e me abraça, depositando um beijo no topo da minha cabeça.

— Vem? — Segura minhas duas mãos e começa a me puxar.

— Não... Gardner! — Me arrasta para fora do quarto. — Não...

O céu de Veneza é límpido e azul, sempre há flores nas sacadas dos palácios enquanto as ruas são repletas de artistas e obras de artes.

Subimos a ponte de *Rialto* construída em arco, é a mais antiga e famosa sobre o *Grande Canal*, a ponte de pedra é formada por um único arco, construída entre 1588 e 1591.

Paro para poder observar o Grande Canal lá de cima e Koll me abraça por trás, batendo uma foto de nós dois. Ele não me solta, permanece abraçado me mostrando as fotografias que havia batido.

— O que você está fazendo em Veneza?

— Uma matéria para revista BOH. — Ele fica entretido com as imagens. Sinto a pele macia e lisa de seu rosto tocar a minha. — Eles aproveitaram que eu entrei de férias...

Sua voz se arrasta, ele está tão focado analisando as imagens que não continua a me explicar o que viera fazer. Sua pele bronzeada pelo sol da Carolina do Sul parece brilhar em Veneza.

Por fim, desliga a câmera e me aperta, puxando-me ainda mais para o seu abraço. Ali ficamos observando o tráfego de embarcações. Às margens do canal há uma infinidade de palacetes construídos nos séculos XVII e XVIII. Todos contam uma história de luxo e extravagância.

— Eu gosto daqui — confesso.

— Imaginei que gostaria. A cidade recende arte por onde quer que você vá. Veneza, a cidade dos contos, é feita para sonhar.

— Já veio aqui antes? — Ele inclina o rosto para tentar ver os meus olhos.

— Sim, mas acho que não é essa a pergunta que você quer fazer. — Ele me vira de frente para si. — Nenhuma mulher esteve no lugar que você está. Nenhuma ocupou meu coração, nenhuma me fez sentir o que eu sinto por você.

Inspiro profundamente, lutando contra aquilo que sinto quando estou com Koll. Sinto-me fora de mim quando estou ao seu lado.

As mãos de Gardner apertam minha cintura desejando me possuir, eu sei o que ele quer, mas não posso confiar nesse sentimento perigoso.

— Não quero me magoar de novo. — Dou as costas, ao que ele responde puxando meu cabelo para o lado e, em seguida, depositando um beijo nas minhas costas e na nuca provocando arrepios pelo meu corpo. Seus lábios se arrastam delicadamente no meu pescoço, beijando minha orelha, ele sussurra:

— Te espero o tempo que precisar. — Beija meu pescoço novamente.

— E se for nunca? — Ele morde os lábios, digerindo o peso das minhas palavras.

— Ainda assim, meu tempo pertencerá a você!

— Eu não consigo acreditar em você! — Jogo a cabeça para trás, encarando seus pequenos e amendoados olhos castanhos, que ficam menores quando expostos ao sol.

— Não tem problema. — Ele ajeita o meu cabelo. — Você viveu muito tempo com pessoas fúteis e mentirosas. Eu vou te mostrar um mundo onde as pessoas são diferentes, onde você não precisa ter medo de ser você mesma.

— Eu não sei quem eu sou quando não preciso ser o modelo de alguém. — Sinto o meu peito se encher em uma inspiração pesada. — Eu só queria agradecer e então...

— *Shh...* — pede silêncio. — Não precisa agradecer ninguém, você já fez isso por muito tempo. — Ele dá uma pausa acariciando com as costas das mãos o meu rosto. — Me deixa fazer todos os seus caprichos, Chris! Me deixa ser o motivo do seu sorriso!

Suas palavras abalam meu coração e ele sabe disso. Koll me puxa para um beijo terno e envolvente, eu perco toda a razão quando sua língua abre caminho entre meus lábios e o beijo se torna receptivo.

Naquele momento, só nós existimos!

Koll parecia ter apagado o meu passado com uma borracha ao me arrastar para Veneza. Mas eu ainda sinto... sinto os fantasmas do passado me cobrando responsabilidades que jamais deveriam ter sido minhas.

— Koll... — Afasto os meus lábios, eu sei que não deveria, mas o meu passado me consome. — Por anos vivi uma realidade imposta e agora você está fazendo a mesma coisa. E eu não quero sair de uma prisão e cair em outra!

— Eu não quero que se sinta assim ao meu lado. Olha, eu sei que você

quer perguntar muitas coisas, quer me xingar, principalmente! — Ele dá uma risada. — Mas eu tenho um trabalho a fazer... e você merece o meu tempo livre!

— Sei!

— Não quero que você diga que eu não estou levando essa conversa a sério! E algo me diz que é a sua cara usar esse tipo de argumento! — Ele abre um sorriso, se afasta e pega minha mão, me induzindo a segui-lo pela multidão.

Ele tem razão, para mim ele está fugindo, mas não importa. Teremos que conversar sobre o que ele fez! E eu terei que dar um rumo para minha vida.

PARTE 3 - A MÁSCARA

O dia seguiu muito agradável ao lado de Koll, ele estava tranquilo, uma coisa muito rara. Isso se devia ao fato de ele estar trabalhando. Mesmo estando ocupado, ele me apresentava cada pedacinho da cidade, como se pertencesse a ela. Contava a história dos monumentos, dos pequenos canais e de todo o passado de Veneza.

Descemos a escada do Salão Monumental do Museu Corre.

Eu estava impressionada com o fato de Koll gostar tanto de arte, o lugar preferido dele foi o *Salone da Ballo*, um ambiente luxuoso e rico, quase um conto de fadas, com refinada decoração, estilo imperial. A parte alta do salão tem um espaço oval, onde um maravilhoso lustre ilumina o local.

Hoje é um dia muito especial. A pequena cidade de construções medievais volta ao tempo de ouro, e todos se vestem como a antiga nobreza.

Os trajes usados são característicos do século XVIII, com as *maschera nobile*, ou seja, máscaras nobres: caretas brancas com roupa de seda negra e chapéus de três pontas.

Encontramos a saída que dava para a Praça de São Marcos, onde o Carnaval Veneziano acontecia. Passamos o resto da tarde no museu e nem percebemos que havia anoitecido. Quando saímos, o céu já estava escuro e sem estrelas, mas as pessoas brilhavam em seus clássicos trajes, só não senti inveja porque não queria usar outro vestido pesado tão cedo.

Koll parou ao lado de uma moça que vendia máscaras como quem vendia algodão-doce.

— São lindas! — É a coisa mais bela de Veneza, não importa qual seja a época do ano, você quer ter uma.

— As máscaras surgiram no século XVI, quando a nobreza as usava para sair e se misturar com o povo. — Tirou uma máscara meia face, rosa, ornada em dourado e, em seu centro, com penas cor de *rosa pink*. — Aproveite para ser quem você quiser! — sussurra no meu ouvido, colocando a máscara em minha face.

“*Grazie*” — ele agradece a moça loira e rechonchuda, após pagá-la.

— Koll, precisamos conversar. — Me viro em sua direção e o curto espaço de nossos corpos faz com que eu veja cada expressão de sua face.

Ele volta a segurar minha mão e a caminhar pela multidão indo na direção do restaurante cuja música ao vivo nos convida a entrar. Koll puxa a

cadeira e me induz a sentar, depois se acomoda no acento a minha frente.

A moça de terninho preto tocava no violino a música “*Por Una Cabeza*”, acompanhada pelo amigo no violoncelo.

Observo-o com aquela expressão “o que vamos fazer conosco?”, e ele me dá um sorriso preguiçoso.

— Eu sei... — ele diz. No centro da mesa, há uma rosa vermelha dentro do fino vaso transparente. Koll acena para o garçom. — *Amarone*.

Amarone della Valpolicella é um vinho produzido por *Giuseppe Quintarelli*. Seus vinhos são clássicos e ostentam uma elegância impressionante.

— Eu não preciso disso. — Jogo a máscara sobre a mesa de madeira. — Eu quero é me livrar de todas as máscaras que colocaram em mim! Não faça isso você também. Koll, eu estou com muita raiva de você! E não será um dia maravilhoso em Veneza que vai me fazer esquecer o que você fez. Eu não sou um brinquedo que você usa quando quer!

— Ver você dentro daquele vestido me fez pensar que não estava pronto para te perder. — O garçom coloca as duas taças sobre a mesa e serve o vinho. — Se você quiser ir embora, eu vou entender, mas eu não quero deixar você partir.

— Koll...

— Eu sei, a gente nunca teve nada, mas você ia jogar a oportunidade de ser feliz para cima junto com o buquê! — Ele aproxima a cadeira, diminuindo o abismo que havia entre nós naquele momento.

— Como você me arrasta para cá sem levar em consideração o que eu quero? — Ele segura minha mão trazendo para perto dos seus lábios rosados.

Olho cada curva dos seus lábios carnudos desejando tê-los junto aos meus. Não, simplesmente não posso ter nada do Koll, porque um pouco dele, significa um pouco menos de mim.

— Então me diga, você! O que você quer, Christina? — Suas sobrancelhas tem uma curva acentuada que deixa seu olhar mais sexy.

— Eu não sei! Você não me dá tempo de querer algo. — Ele dá uma risada gostosa e eu penso no quanto ele é louco. — Se você quer estar ao meu lado, desacelera...

Ele se levanta e me puxa para os seus braços, me tirando para dançar.

— Não quero te mudar, quero te descobrir — ele diz me envolvendo no ritmo apaixonado do tango argentino. — Então não tente mudar quem eu sou. Porque eu não sei ser menos que intenso!

— Você é fogo! — reclamo.

— Sou! Me deixa te colocar em chamas e devorar cada pedaço de você. Me deixa transformar em cinzas todo o seu passado! — Ele me traz para

um beijo, mas eu me afasto.

— Não posso! Isso significa abrir mão de mim.

— Vem para o presente, Chris! Vem para o aqui e o agora, eu estou esperando por você! — Suas mãos firmes me seguram com propriedade e me puxam para perto de sua face.

Quando a música acaba, ouço uma salva de palmas. As pessoas estão a nossa volta, todas com cara de apaixonadas e gritando. Sinto meu corpo trêmulo, mas Koll me mantém firme em seus braços.

É exatamente disso que eu tenho medo. Toda vez que eu estou com Gardner, acontecem coisas das quais eu não tenho controle.

— Estão pedindo para que eu te beije — sussurra no pé do meu ouvido.

Ele me dá um sorriso fechado e eu aceno em negação, mas é como se eu não tivesse dito nada. Koll inclina meu corpo e deposita um selinho em meus lábios, ao que as pessoas gritam ainda mais.

Voltamos a caminhar pelas vielas venezianas, entramos em um túnel de baixa iluminação, a palma de sua mão esfrega o meu braço gelado, ele estagna caminhada e tira a jaqueta, colocando-a em mim.

— Obrigada! — agradeço e me escoro na parede, enquanto esperamos uma gôndola disponível passar. Ele apenas dá um sorriso em resposta.

Em Veneza, ou você anda a pé ou de barco, as ruas são muito estreitas para passarem automóveis. A cidade é pequena e você acaba conhecendo tudo em pouco tempo. No entanto, não a subestime pelo tamanho, pois é fácil se perder por aqui.

Koll se escora do lado oposto do canal e fica observando as águas calmas, evitei conversar com ele durante o caminho percorrido até chegar aqui. Estou tentando evitar a sua insistente e inconveniente aproximação.

— Está demorando! — digo após meia hora de silêncio, não sei como ele conseguiu ficar calado até agora.

— Basicamente a maioria das pessoas vem para Veneza para fazer um passeio romântico nas gôndolas e passar por baixo da Ponte dos Suspiros. — Desvia o olhar, suspira e abre um sorriso. — Muitos não sabem, mas a verdadeira história sobre a “*Ponte dei Sospiri*” não é tão romântica assim.

— E qual é a verdadeira história? — Koll olha para o chão segurando o sorriso.

— Ela foi construída sobre o *Rio di Palazzo* para conectar-se com uma

dupla passagem no Palácio dos Doges para a *Prigioni Nuove* (nova prisão). — Ele vem em minha direção e se escora do meu lado. — Quando os presos passavam por ela, suspiravam, pois sabiam que não seriam mais livres.

— Isso é triste!

— Verdade, mas há uma lenda que diz que “aos amantes que se beijarem em uma gôndola ao pôr do sol sob a Ponte dos Suspiros e com os sinos do *Campanile di San Marco* tocando, serão concedidos amor eterno e felicidade”.

— Tem um filme que fala sobre isso. — Tento me lembrar do nome.

— “*A Little Romance, com Laurence Olivier.*”

— O que você acha disso?

— Da lenda? — Desvia o olhar meio incrédulo. — Espero que funcione com o brilho da lua e com o tinir da garrafa de champanhe.

Fico ruborizada com a forma que ele me olha e faz o comentário. A gôndola preta para ao nosso lado, Koll faz um gesto para o rapaz, dispensando a formalidade. Ele mesmo libera a corrente interligada a um leão dourado com asas, símbolo da bandeira de Veneza.

Gardner embarca primeiro e me oferece a mão me ajudando em seguida. Piso com leveza e, mesmo assim, perco o equilíbrio e me agarro a Koll tentando me aprumar. Ele se senta me puxando junto. Até o momento eu não sabia, mas acabo de descobrir que morro de medo de canoa.

— Eu nunca vou te deixar cair! — diz próximo ao meu ouvido, me mantendo sentada entre as suas pernas, onde me protege em seu abraço. Pulo para o confortável banco de couro ao lado, mas ainda me seguro nele.

O gondoleiro exhibe suas habilidades pelos estreitos canais, contando a história da cidade. Ele usa uma blusa com listras azuis na diagonal, calça preta e um chapéu cor palha.

Lorenzo oferece a Koll uma garrafa de espumante, que foi muito bem aceita. Gardner descarta o corpo de plástico e bebe no gargalo.

— Quer? — Koll me oferece a garrafa, vendo como eu o observo.

— Melhor não! — Ele joga seu braço sobre meus ombros e leva a garrafa na boca tomando outro sorvo da bebida. — Você faz o espumante perder toda a classe.

— Não diga isso! — Dá uma leve gargalhada. — Sem classe é beber no copo de plástico.

Dou uma leve arqueada na sobrancelha em afirmação e ele me oferece a garrafa novamente, acabo aceitando e bebendo junto com ele. Continuamos a navegar sobre as águas serenas. Não demora muito e eu avisto a ponte da qual ele havia falado. Ela é feita de rocha calcária branca e janelas com barras de

ferro. Koll se aconchega no banco, jogando a cabeça para trás.

— É essa? — Permaneço sentada ereta, vendo-o praticamente deitado ao meu lado. Koll guarda a bebida no suporte ao lado. — Não vai me responder?

Ele puxa minha cabeça e me derruba, fazendo com que eu mergulhe em seus lábios cítricos pela bebida. Seus dedos entrelaçados no meu cabelo aprofundam o beijo e eu sinto sua língua massageando a minha.

Seu corpo desliza no banco e a sua outra mão me puxa pela cintura, me levando para cima dele. Sinto uma leve apalpada na bunda, tento me erguer, mas ele me derruba de novo em cima do seu corpo.

Sinto seu membro ficando duro como uma pedra, e uma onda de sangue ardente se espalha em minha face, não deveria, mas eu sinto o meu corpo ceder sobre o seu, a sua respiração é quente, assim como tudo nele.

Aquele leve esfregar de corpos estava fazendo o meu corpo queimar por dentro. Parecíamos transar com roupas.

— Koll... — Ele mordisca meus lábios e me beija, evitando que eu diga algo que coloque fim ao momento. — Koll, pare!

Ele para de me beijar e eu vejo o brilho dos seus olhos cheios de desejo. Não sei o que dizer, estamos no provável lugar mais romântico do mundo, cometendo uma loucura. Aqui não é o lugar para se agarrar desse jeito... e muito menos com ele!

Oh, céus, e o gondoleiro? Que vergonha!

— Eu te amo! — sua voz sai cheia de ternura.

O gondoleiro entra com o barco no *Grand Canal* e a luz local derrama no rosto de Gardner um novo tom. Deito minha cabeça em seu peitoral e ele me segura. Fico a observar a decoração de carnaval nas sacadas até chegarmos ao hotel.

Começa a chover, tiro o salto e saio correndo com Gardner, ele tinha razão, correr na chuva é muito divertido. Você sente as gotas massageando a sua face e a água correndo entre os seus pés. E fazer isso em Veneza tornava tudo mágico.

Ele me abraça, me suspendendo do chão e me dando um beijo. Desprendo-me do seu toque e continuo correndo com os saltos na mão.

— Vou te dar uma vantagem! — ele grita vindo logo atrás.

— Não precisa mentir, seu babaca. — Viro de costas olhando para ele.
— Eu sempre fui mais rápida!

— Vamos ver! — Viro para frente, entro no estabelecimento e subo as

escadas correndo, sentindo a adrenalina pulsar em meu sangue. Quando paro na entrada da sala principal da suíte, percebo que a porta está entreaberta. Estranho...

Termino de abri-la.

Sinto meu sangue gelar quando vejo aqueles olhos azuis sobre mim.

— Jordan? — Me seguro na maçaneta da porta, sentindo uma leve tontura causada pela bebida e pelo susto repentino. — O que faz aqui?

— Eu é que deveria te fazer essa pergunta — diz com o semblante fechado, estacado em frente à janela coberta pela cortina vermelha, com as mãos nos bolsos.

Arregalo meus olhos e mordo meus finos lábios, procurando uma explicação, mas eu não consigo dizer nada, dou um aceno negativo com a cabeça.

— Eu sinto muito! — Deslizo minha mão trêmula pela lateral do rosto e tento me firmar. Ele me olha dos pés à cabeça, me vendo molhada. — Jordan...

— Não! — Eu paro de andar. — Não se aproxime de mim, Christina!

— Eu não sei como eu vim parar aqui... é difícil explicar! — Ele fita o clássico e moderno papel de parede vintage de cor bege damasco do outro lado, eu percebo que seus olhos estão marejados e a sua face, antes branca, fica vermelha. — Você me traiu e eu reencontrei o Koll. Ele me levou para a Carolina do Sul... tivemos alguns momentos e eu descobri que ele não era tão diferente de você... eu estava com o vestido de noiva pronta para você, Jordan... e aí ele me sequestrou... e eu estou aqui...

Gaguejo metade das palavras, foi tão difícil dizer tudo aquilo.

E o pior é que a história é tão maluca que parece soar como mentira, ainda mais sabendo que ele me viu pela janela correr na chuva de pés no chão e sorrindo. Não parece atitude de quem foi sequestrada. Ah, droga! Maldito Koll Gardner!

— Por que você não me ligou? — Ele volta a me olhar e eu percebo que o seu nariz está úmido devido as lágrimas que fugiram.

— Eu não sei! — Os olhos azuis de Jordan eram como o céu e, naquele momento, eles choviam. Senti-me a pior pessoa do mundo!

— Você quer voltar? — Olhei para o teto tentando segurar as minhas lágrimas e não o respondi. — Você me amou alguma vez, Christina?

— Você foi o meu par no baile, Jordan, o meu namorado durante a universidade. Nossas famílias eram amigas, foi tudo projetado por eles, era uma vida de mentiras...

— Era real para mim, Christina! — interrompe. Meu coração parecia

ter sido fatiado em dois naquele momento. — Sabe o que me deixa mais putó com você?

Eu aguardo ele dizer enquanto seco minhas lágrimas.

— De todas as pessoas que conheci, você foi a mais falsa! — Ele dá um passo à frente a cada frase. — E eu conheço muita gente falsa, mas eu pensei que você era diferente! Eu não sou perfeito, mas eu estava com você porque eu queria e não porque era uma máscara social.

Ele toma a máscara da minha mão e a joga longe, dou um pequeno espasmo com medo.

— Você é uma idiota, que não sabe o que quer! — ele diz a um passo de distância da minha face. — E uma grande mentirosa!

— Eu não menti para você!

— Mentiu para você mesma, Chris! — Ele deixa as palavras morrerem, voltando o olhar para a porta, vendo Koll escorar no batente. — E você, KG, pensei que fôssemos amigos!

— E somos, mas você foi um idiota com a Christina. E eu a amo desde os meus dezessete anos. Não vou perdê-la para você!

— Você é maluco! — Koll dá um aceno positivo. — Você ainda pode voltar comigo se quiser!

— Eu não posso mais! — Ah, meu Deus, ele tinha razão, de todas as pessoas, eu era a pior! Eu era tão falsa quanto a Ashley. Não posso continuar com isso.

— Chris, você ama ele?

— Talvez... — Seus olhos se enchem de lágrimas de novo. Jordan morde os lábios vermelhos. Ele parece que vai me matar só com os olhos. — Eu preciso de um tempo comigo mesma!

— Está bem! — Ele passa a mão no nariz. — Se depender de mim, arrancarei até a sua reputação, Christina Beckham.

Koll abre uma gaveta e pega um envelope, tira o conteúdo e joga na mesa ao lado de Jordan várias fotografias.

— Acho que você não ganha nem uma goma de mascar em um processo se desejar! — As fotos eram de Jordan e da mulher loira transando durante a festa de bodas dos pais dele. — Você sabe quantas fotos suas desse gênero eu barrei para não entrar na mídia, porque o seu pai, senhor Watson, me pediu para “*dar um jeitinho*”? Muitas!

— Isso é invasão de privacidade, seu filho da puta!

— Me processa! — Koll aumenta o tom de voz e finaliza com firmeza. — Vaza daqui! — Dá um maneio de cabeça apontado para a porta.

Os dois se encararam com profundo ódio e ali morre a amizade deles.

Jordan me lança um último olhar e sai da suíte a passos largos, batendo a porta com tanta força que me assusta.

Assim que ele sai, eu desabo no chão chorando tão forte que me falta o ar. Koll senta do meu lado e me abraça, afundo minha cabeça no seu peito.

— *Shh...* está tudo bem, acabou. — Ele afaga o meu cabelo molhado. — Eu estou aqui!

Aquele foi o pior momento da minha vida, eu me sinto um lixo, estou ensopada e humilhada. Quero que a terra me engula nesse momento.

Sinto-me o pior dos seres humanos e talvez eu o seja. Não podia questionar Jordan, eu merecia ouvir tudo aquilo.

A culpa é minha, por sentir o que eu estou sentindo e não saber o que fazer, a culpa é minha, por não ter sido honesta, eu sempre tive escolha, mas joguei a culpa da minha infelicidade nos outros. A culpa é minha por não ter pegado o volante da minha vida! Eu me sinto péssima.

Choro até sentir as lágrimas me afogarem, me fazendo soluçar. Chove lá fora e agora chove dentro de mim.

Koll não diz nada, apenas me segura o mais forte que pode.

— Eu não me sinto bem. — Seco o nariz com as costas da mão e sinto o enjoo tomar conta do meu estômago.

— Vou cuidar de você, posso? — Dou um aceno positivo. Koll tira a jaqueta que havia me emprestado e aperta o meu cabelo, deixando a água molhar o carpete vermelho. Ele estava com os olhos sérios e cuidadosos. — Licença, Chris!

Puxa a barra do meu vestido vermelho para cima, retirando-o do meu corpo. Deixando-me apenas com a lingerie rosa claro.

Gardner me pega no colo e me carrega até a banheira. Ainda com roupas, ele entra e se senta atrás de mim. Joga os sais de banho que rapidamente viram espuma.

Escoro-me em Koll e a água morna vai me relaxando aos poucos, ele apenas acaricia meus braços e me mantém bem perto do seu corpo até que finalmente, mesmo com uma expressão mórbida, eu paro de chorar.

— Se sente melhor?

— Um pouco — respondo.

— A bebida fez você ficar muito mais emotiva, logo ficará bem!

— Não sei o que fazer.

— Então não faça nada. — Sinto um dos seus braços em volta da minha barriga.

— Você faz planos?

— Depende. — Ajeito o corpo, me encaixando nele. — Nunca faço

planos a longo prazo, pois o futuro é muito volátil. O que tem que ser, já é no presente e permanece!

— Eu queria desaparecer, ir para um lugar onde minha família não me encontrasse. Não quero encarar eles agora.

— Eu conheço um lugar. — Beija minha têmpora. — Se quiser vir comigo...

Olho dentro dos olhos dele e mordo meu lábio inferior, segurando as lágrimas que decidem voltar.

— *Ahãm* — afirmo com a cabeça e ele beija a ponta do meu nariz.

— Chris, eu vou te tirar agora, está bem? Ou derreteremos! — Dou um sorriso singelo. Ele levanta primeiro e começa a se despir. A roupa cai pesadamente no piso e ali fica, desvio o olhar enquanto ele pega a toalha branca e a enrola na cintura.

Ele pega um roupão e abaixa ao lado da banheira me encarando, o vejo morder a lateral dos lábios, está se torturando imaginado como deve me tocar.

— Vira de costas para mim. — Faço o que ele pede. Sinto Koll desabotoar o sutiã. — Levanta. — suspiro. — Ah, agora eu vou para o céu, tenho certeza!

Damos risadas juntos enquanto ele me cobre com o roupão branco. Me pega no colo de uma vez, me leva para o quarto e me deita na cama king.

— Eu posso fazer uma coisa? — pede, se inclinado sobre o meu corpo. — Eu juro que é só uma coisa!

— Sim! — Ele desliza a mão na lateral da minha coxa, entrando debaixo do roupão.

Seus olhos ficam presos aos meus, observando cada expressão minha, ele se ajoelha no colchão conforme as mãos puxam a renda para baixo, retirando-a. Um gemido acaba escapando dos meus lábios e eu vejo a excitação em seus olhos.

Ele arqueia uma das sobrancelhas e joga a calcinha longe.

Minha respiração acelera, Koll me cobre com o peso do seu corpo, ficando face a face comigo, sela meus lábios com um beijo e nada mais. Ele gira para o lado e escora a cabeça no cotovelo.

— Era só isso? — pergunto e seus lábios fazem um biquinho tentando conter uma risada.

— Sim!

— Achei que ia fazer algo a mais. — Ele solta a risada.

— Eu disse que ia fazer só uma coisa.

— Verdade. — Ele enche o pulmão de ar.

— Você bebeu! Não vou tentar fazer nada com você. — Ele puxa o

edredom e nos cobre. — Vem cá!

Deito-me no seu peito, que sobe e desce em uma respiração tão densa quanto a minha.

— Chris, você se arrepende de ter ficado?

— Não... eu não tinha um lugar melhor para ir hoje. — Seu riso vibra no peito enquanto escuto a batida do seu coração.

Observo por poucos segundos a luz da lua que entra pela janela iluminando o quarto, parou de chover. E os meus olhos, enfim, podem se fechar com tranquilidade e dormir.

PARTE 4- FAMÍLIA GARDNER

Aperto minhas mãos entorno da cintura de Koll, vendo o velocímetro de sua moto marcar 60 km por hora. Ele faz a curva e logo eu posso ver uma enorme propriedade, que tem como plano de fundo uma floresta e, logo atrás, montanhas negras cobertas por caldas de neve.

A Harley Davidson para em frente à casa branca. Desço da moto sentindo meus movimentos um pouco duros, foram pelo menos umas duas horas de viagem morrendo de medo de cair daquela máquina.

Retiro o capacete e fios de cabelo se desprendem do elástico.

Avisto uma mulher abrir a porta da frente, com o cabelo amarrado em um firme rabo de cavalo preto e liso, a sua cor de pele é vermelha acastanhada.

— Mãe, o Koll chegou! — grita e abre um sorriso tão brilhante quanto seus enormes olhos. Ela corre até Gardner, que a tira do chão. A mulher entrelaça a perna na cintura dele, onde fica suspensa no abraço. — Senti saudades, seu merda!

— Eu também senti, Tess! — Ela segura a cabeça de Koll e dá um beijo em seu rosto. Desce e olha para mim. — Chris, essa é a Tesha, minha irmã, Tess, essa é a Christina.

— É um prazer conhecê-la, senhorita Gardner. — Estendo minha mão e ela a puxa, me dando um abraço.

— O prazer é meu! — Ela mexe em meu cabelo. — Ah, eu não sou senhorita há muito tempo, sou a sra. Murray, gatona, *ha...* — A personalidade dela é bem forte. — Me chame apenas de Tess. Os únicos senhor e senhora Gardner aqui são os meus pais. Não seja formal, se não será um inferno quando você chamar *Gardner* — ela cantarola o sobrenome se pendurando no pescoço de Koll. — E todo mundo lhe responder ao mesmo tempo.

Tess dá uma gargalhada e, ainda tímida, eu sorrio.

Olho para a porta e vejo uma senhora baixinha, branca, cabelos médios, pretos e lisos. Usando uma blusa de cetim branca solta ao corpo e uma leggings cinza. Bem simples.

Ela desce os degraus da varanda e Koll vai ao seu encontro, lhe dando um abraço apertado e a enchendo de beijos no rosto.

— Koll, você está me esmagando, meu filho! — Ela tem leves marcas de expressão em sua face. Os traços de seu rosto são todos finos. Ela tem os olhos e o nariz do Koll e do Gad. — Quem é essa moça bonita?

— Essa é Christina Beckham, está tirando férias comigo. — Muito educada, ela me dá um aperto suave de mão, acompanhado de um beijo no rosto.
— Chris, essa é minha mãe, Ângela Gardner.

— Seja bem-vinda, querida! Meninos, entrem, eu estou cozinhando!
— Ela caminha na frente, apressada. Sigo a Tess, vendo a sua enorme bunda justa na calça jeans.

— Por acaso você é parente daquela perua... qual nome... Ashley? — Tesha tem um sorriso que nunca morre. Seus dentes brancos estão sempre à mostra.

— Tess! É a mãe dela! — Escuto Koll dizer logo atrás de mim, jogando a bolsa no chão da ampla sala.

Não é uma clássica sala de visitas tradicional. Tem um sofá enorme e branco em frente à TV, poltronas, um tapete felpudo bege, XBOX 360 e jogos espalhados no chão.

Ainda na sala, há um cantinho que parece ser especial, onde há uma estante de livros, uma curta adega com espaço para seis garrafas e uma mesa de madeira redonda logo em frente.

— Sinto muito! — Ela segura minha mão se desculpando e solta rapidamente voltando para a cozinha. — Eu não quis ofender a sua mãe... é que ela é bem famosa... *(risos)*

— Eu já me acostumei, não é só você que pensa isso! — respondo entrando na cozinha.

— Sente-se, Chris — diz Ângela com um sorriso amoroso ao lado do fogão.

Tesha senta na cabeceira da mesa com lugar para seis pessoas e continua a picar o pimentão. KG vai até a pia, lava as mãos e em seguida, dobra e puxa as mangas da jaqueta até os cotovelos.

— Não precisa se preocupar, já estou acabando!

— Você sabe que eu gosto de ajudar, mãe. — Ele continua a picar as cebolinhas que estavam na bancada da pia. Não entendo porque eles cozinham se são ricos e têm empregadas na casa.

— Bom dia, bom dia, bom dia! — Todos respondem de volta em um único som. Sinto duas mãos tocando com suavidade na minha cintura e beijando meu rosto. Ele se inclina e pega uma maçã na mesa.

Gad vai até a pia e pega uma faca para descascar a fruta. Se escora próximo à lavadora de pratos, tendo visão de todos. A sua camisa cor jeans fica larga em seu corpo, demonstrando o quanto ele é magro.

— Resolveu aceitar o meu convite ou o Koll te sequestrou novamente?
— O irmão ali do lado dá um soco em sua barriga, chamando atenção. — Veado!

— Dessa vez... ele não fez isso!

— Vocês namoram há quanto tempo? — a mãe deles me pergunta e eu fico vermelha.

— Somos apenas amigos — respondo. O silêncio paira e vejo o sorriso maroto de Tess.

— Bom dia! — Sinto novamente duas mãos nos meus ombros. Meu Deus, não para de chegar gente nessa casa!

Um senhor muito elegante vai até Koll e lhe dá um beijo no rosto.

— “*La tua benedizione, papà* ” (*Sua benção, pai*) — Escuto Koll dizer em um tom menor ao pai. Porém, eu não entendo nada.

— “*Ti do La mia benedizione, figlio mio*” (*Dou-te minha benção meu menino*) — ele respondeu e se sentou ao meu lado.

— Scott Gardner, pai deles! — Ele se parece com os filhos.

— Christina Beckham, amiga. — Ele é bem elegante.

— Então, do que estavam falando? — Scott pousa a mão na mesa.

— O KG sequestrou a Christina, pai! — Tess volta ao assunto para ver as coisas esquentarem.

— É verdade? — pergunta Scott, olhando para mim. Ângela se vira para o fogão sem dizer nenhuma palavra. Muito sem jeito, afirmo com a cabeça. — O que você acha disso?

— Ah... acho que tem formas mais normais de conquistar uma garota! — Gad senta na outra ponta da mesa. — Tenho certeza que o senhor não fez isso para conquistar a sua esposa.

Koll e sua mãe colocam a mesa sem dizer uma palavra, em seguida se sentam nos dois acentos vazios à minha frente.

— Verdade, eu nunca fiz nenhuma loucura. — Todos voltam o olhar para Ângela. Mais uma vez o silêncio paira e Tess solta aquela risadinha, achando graça da ironia.

— Verdade, ele nunca me sequestrou. Eu prendi o Scott no escritório no fim do expediente, joguei as chaves pela janela, passamos a noite juntos, por fim, casamos e nasceu o Koll nove meses depois. — Fico boquiaberta com a declaração de Ângela. — Foi a nossa épica aventura de amor.

Ela diz com um olhar amoroso para o sr. Gardner e depois volta a se servir.

— Eu disse a ela que era cárcere privado, mas até hoje ela diz que é aventura! — Scott segura minha mão, me relaxando. — Essa família, quando se apaixona, comete loucuras. Espero que você esteja bem, não vou acobertar as loucuras do Koll caso ele esteja a chateando.

— Se precisar de um advogado, eu processo ele, nunca perdi um caso!

— diz Tess, ao que Koll joga uma cenoura em sua cara . — Filho da ...

— Estamos bem, eu estou aqui como amiga. — A empregada me serve.

— Thiago, não corre aí, moleque! — grita Tess e eu me assusto. Gente, de onde essa mulher saiu?! — Essas crianças... eu já volto!

Tesha volta com três crianças. Todos brancos, com cabelo e olhos castanhos. Dois meninos e uma menina. O mais novo, ela coloca na cadeirinha de bebê.

— E aí, tio Koll? — O mais velho dá um cumprimento maneiro e coloca uma cadeira na quina da mesa, entre Koll e Gad.

— Chris, esse é o Thiago, o menor é Thomen... — diz Koll, pegando a menina e colocando no colo. — E essa bonequinha aqui é a Luíza, ou apenas Lulu.

Ele cochicha no ouvido dela “Fala oi para Chris”.

— Ei, Chris! — diz com a voz doce e eu fico derretida, cumprimento de volta.

— São todos meus. Eles são a cara do pai! — diz Tesha comendo e ao mesmo tempo cuidando de Thomen. Koll faz o mesmo com Luíza, que se distrai facilmente.

Passo pela porta, vendo Koll deitado na rede com os olhos fechados. Aproximo-me e escoro na sacada da varanda ao seu lado.

— Cansou de ficar presa no quarto? — Seus olhos pequenos estão tão serrados de sono que quase não vejo o castanho deles.

— Não sou tão antissocial como você imagina. — Ele toca minhas mãos, me observando com aquela cara... Me puxa, levando-me para dentro da rede. — Ah, céus!

— Aqui é um esconderijo melhor. — Me envolve em seus braços, me aquecendo, e eu cedo.

— Não estou me escondendo!

— Eu estou! — Inclina-se sobre mim, sua mão entra por baixo da blusa tocando minha cintura. Aperto seus braços fortes, deixados à mostra pela camiseta vermelha.

— Perto deles você parece normal! — Rimos juntos. As pontas dos seus dedos trilham minha pele tentando me descobrir.

— Verdade — ele diz pausadamente. — Isso é problema para você?

— Não se preocupe, estou me divertindo vendo eles te colocarem em

situações complicadas. — Ele me admira.

— Que bom! A cultura da minha família é italiana, então você verá pessoas emotivas, falando alto, cozinhando, conversando como se estivessem brigando, talvez até quebrando pratos... é sério! Mas são todos muito verdadeiros.

— Sua mãe não parece italiana.

— Ela é americana com... sei lá... — Rimos juntos. — A Tess é irmã apenas por parte de pai. A mãe dela morreu quando ela era criança.

— Ela é igual a todos, exceto pelos olhos.

— Grandes... a senhora Holpe, mãe dela, era uma afro-americana muito linda.

— É isso que você sempre faz quando tira férias? — Sinto sua mão subindo um pouco.

— Achou que eu iria te levar para Vegas? — Ele dá uma risada. — Não dessa vez. Normalmente, a família Gardner tenta tirar férias junta. É importante estar com quem amamos.

— Eu nem sei o que é ter uma família grande igual a sua. Sempre fomos só minha mãe e eu. Ou só os Watson e eu. — Percebo que ainda estou com aquela blusa branca sem graça e de jeans.

— Não mais, se você quiser. — Ele morde o lábio inferior. Não sei o que dizer.

Koll mergulha seus lábios nos meus em um beijo lascivo. A mão por baixo da blusa segue em direção a meus seios e os aperta.

— Koll... não! — O afastamento, sentindo as pontas dos seus dedos tocando minha pele, desenhando o contorno do sutiã e tentando puxá-lo enquanto massageia meus seios sobre o tecido. — Koll...

Ele afunda seus lábios no meu pescoço, subindo e beijando minha boca. O empurro novamente.

— Tira a mão daí!

— Parei. — Ele me sela com um beijo. Seus olhos paralisam e ele presta atenção em um som. Por fim, se levanta e eu posso ver, finalmente, como sua bunda fica linda dentro da bermuda. Koll leva a mão a boca e dá um assobio extremamente alto. — Thor... vem cá, menino!

Vejo um *Golden Retriever* cor creme, pular sobre ele, o fazendo sentar nos degraus da varanda. Koll brinca com o cachorro, que tenta lambê-lo e morder sua mão.

— Thor, essa é a Chris, amiga! — Ele segura o cão para não pular em mim. — Chris, esse é o meu melhor amigo!

— Há quanto tempo você tem um cachorro?

— Ah, ele tem uns oito anos. — Koll pega um disco vermelho no chão e corre com o Retriever pelo campo. — Vem, menino, vem!

Ele joga o disco e o cão pega no ar. Em menos de dois minutos, as outras crianças correm pelo terreno se juntando a brincadeira. Thor derruba Lulu no chão e a enche de mordidinhas que lhe fazem cócegas. Fico ali assistindo eles brincarem.

— KG, não deixa a Luíza rolar no chão! — Escuto Tess gritar, Koll dá uma curta corrida, levanta a menina do chão e todos continuam a brincar, jogando o disco de um lado para o outro e fazendo Retriever de bobo, que salta sobre todos.

— Droga, é como se eu não dissesse nada, já estão todos imundos! — diz Tess e volta para dentro de casa.

— Vem, tia Chris! — Luíza grita, dou um aceno negativo. Vejo Koll dizer algo no ouvido da menina que corre em minha direção e me puxa pela mão. — Vem comigo!

— Vai ficar ensinando as crianças a fazer as coisas para você? — sussurro para ele quando me aproximo.

— Tem razão! — Ele me agarra por trás e me derruba consigo no chão. — Pega, Thor, pega...

— Não... faz isso! — O cachorro pula encima de mim e começa a me lambe enquanto os meninos me enchem de cócegas. — Parem... por favor!

PARTE 5- EU NUNCA

Sentada no sofá, escorada no cotovelo e com as pernas dobrados para o lado, assisto Tiago e Koll jogando no XBOX360, ambos jogados no chão. Senhor Gardner, muito educado, se senta ao meu lado e me oferece uma taça de champanhe, aceito cordialmente.

— O KG me disse que você estava cursando exatas.

— Eu tranquei antes de viajar, mas estou prestes a terminar. — Ele coloca uma das pernas sobre o joelho. Sinto-me confortável na presença de Scott.

— Pretende seguir a carreira do Thomas? — Scott leva a taça à boca.

— Eu até pensei em seguir, mas... — Como eu digo que praticamente fiz uma faculdade à toa.

— Sua mãe a influenciou e você percebeu que não era bem isso que queria! — Ele dá uma elegante risada. — Quando temos filhos pequenos, nos preocupamos se eles estão comendo direito, se estão saudáveis... Quando crescem, ficamos desesperados imaginando com quem eles andam ou o que irão fazer do futuro. Queremos o melhor para nossos filhos e muitas vezes o nosso melhor não é o melhor para eles.

— Acho que a Ashley prefere o melhor para ela. — Balanço a taça. — Enfim, não sou tão boa com números como pensei ser.

— Já passei pela sua situação quando jovem. — Os meninos gritam. Senhor Gardner aguarda o êxtase passar e volta a falar. — Eu devo ter começado pelo menos umas três faculdades e parado até me decidir por contabilidade.

— Sério?

— Comecei medicina, porque o meu pai queria muito um médico na família. Eu não conseguia ver uma gota de sangue sem passar mal. — Rimos juntos. — Depois fiz direito...

— O que houve?

— Era muito chato! — Trocamos outra risada. — Minha filha Tess é um milagre, não sei como justo ela foi prestar direito.

— Adoraria vê-la defender um caso, ela não tem cara de advogada.

— É meia maluquinha, mas nunca perde! Parece que se transforma quando está perante um juiz. — Ele olha para a filha que desce a escada.

— Mãe, o tio Koll tá roubando! — diz Tiago.

— Eu não estou roubando, você é que está perdendo — ele se defende.

— Tá chamando meu filho de mentiroso? — Tess arqueia a sobrancelha e tenta segurar uma expressão séria que se contrai em um sorriso em poucos segundos. Ela não consegue ficar séria. — Você. — Aponta para o filho. — Banho. E você, negão, vai tomar uma surra da mamãe aqui.

Ela aponta para si mesma, com os dois polegares e faz um beicinho.

— Pode vir! — Koll arruma o boné preto para trás. Como alguém pode ficar tão lindo de boné? — Vou acabar com você!

— Vou subir — diz Scott em um tom menor. Aperta minha mão como se fosse uma filha e se retira da sala. — Depois conversamos, Christina.

Koll desliza a mão no ar e o XBOX360 abre um *play list* de músicas. Eu não acredito que eles vão fazer isso. Luíza vem correndo e se deita do meu lado, colocando a cabeça no meu colo, o Golden Retriever a acompanha, se jogando sobre ela.

Eles começam a dançar ao som de “*Get Me Bodied*”. Os dois estão disputando de verdade. Tanto ele como ela dançam muito bem. Eu já achava Tess parecida com a Beyonce, agora então, nem se fala.

Sinto uma mão no meu ombro, olho para cima e vejo Gad, que dá a volta tocando o cachorro e colocando as pernas de Luíza sobre o seu colo.

— A mamãe tá acabando com o tio Koll! — Lulu sussurra. Eu não posso dizer nada, o Koll rebola mais que eu e muitas outras mulheres.

Quando a música acabou, os dois ficaram esperando aparecer à nota...

— *Ra, Ra*, eu disse que eu ia dar uma surra em você! — grita Tess, fazendo a dancinha da vitória. — Han, han, quem vai acabar com quem aqui, hein, bonito?

— Dá um tempo, vai se foder! — Koll diz, ao que ela pula no seu pescoço fazendo o boné cair no chão. Tess aproveita para lhe dar uns cascudos bagunçando o seu cabelo.

— Você perdeu, simples assim! — Tesha pega Thomen do chão. — Você, banho e cama também, pequeno. Um de vocês, traz a Lulu pra mim.

— Deixa comigo. — Se levanta Gad, pegando a garotinha em seguida. — Vamos, princesa!

Koll senta-se do meu lado, afundando a cabeça no meu colo.

— Koll... — O senti mordiscando e beijando minha barriga. Subindo por entre os meus seios até o pescoço, a ponta de sua língua brinca com a minha pele até encontrar meus lábios. — Pare, não quero que ninguém nos veja assim!

— Quer ir para o quarto? — ele sussurra rindo e eu franzo a sobrancelha. — Brincadeira.

Volta a deitar no meu colo, olhando dentro dos meus olhos. Acaricio seus cabelos negros, que escorregam entre os meus dedos como seda.

— O que foi?

— Eu gosto de olhar dentro dos seus olhos, são tão lindos, parecem esmeraldas. — Ele segura minha mão livre e a beija, deixando-a próxima do seu rosto. — Gosto do seu cabelo curto caindo no rosto, mesmo depois de colocar atrás da orelha. Eu gosto do modo que você age, meio “*Old School*”.

Ele coloca a mão no bolso, de onde retira uma pulseira de prata com o pingente do Yin-Yang que coloca no meu pulso.

— Eu comprei para você antes de viajarmos.

— Os opostos se atraem.

— Significa que os opostos se completam. Onde um é fraco e o outro é forte. E vice-versa — Koll explica o verdadeiro significado.

— Está me dizendo que eu sou fraca? — Ele revira os olhos brincando.

— Não, estou dizendo que ao seu lado eu me sinto completo. — Uma onda quente transborda no peito, me impulsionando, pela primeira vez, a beijá-lo.

Me inclino, dou um ténue beijo em seus lábios e me afasto. Ele dá um sorriso gentil, puxa minha cabeça de volta com as duas mãos e eu me entrego àquele sentimento. Minha mão escorrega em seu peito, que sobe e desce em uma profunda respiração, seu coração bate descompassado.

Koll segura meu pulso e o induz a descer em direção ao estômago, tento afastar, mas sua firme pegada faz a jornada continuar por sua barriga. Afasto meus lábios e o fito face a face, olho para a escada.

— *Shh...* — ele pede silêncio, chamando minha atenção para si. Há algo muito provocante no modo que ele guia minha mão por seu corpo, na umidade de sua boca entreaberta e nos seus olhos marejados de desejo.

O leve deslizar de toques se aproxima de sua virilha e eu fico com todos os sentidos ativos. Extremamente apreensiva, quase não respiro, morrendo de medo de sermos pegos, mas o meu corpo não me deixa parar. Sinto a sua pele lisa conforme minha mão começa a abrir caminho por sua bermuda.

Thor, que estava deitado do outro lado da sala, começa a latir em direção a escada, avisando que vinha alguém. Koll joga uma almofada no colo e eu puxo minha mão de volta, colocando o cabelo para trás da orelha.

Tesha desce a escada, seus enormes seios balançam e ela puxa o top preto para cima, ergue o olhar parando na ponta da escada e cerra os olhos.

— Não atrapalhei nada? — Dou um aceno negativo.

— Não! — diz Koll. — Estava indo buscar água, quer?

— Ah, quero sim! — diz com a voz choramingando de cansada. Ela solta o corrimão. Gardner se levanta e some para cozinha, o cachorro vai atrás.

— Finalmente dormiram.

Ela senta do meu lado, estando agora com o cabelo solto e um perfume de sabonete que exala de sua pele. Tesha parecia exausta de tanto correr atrás das crianças o dia todo. Ela é maluca, mas é uma ótima e dedicada mãe.

— Você parece cansada, é difícil tirar férias! — Ela joga o braço nos meus ombros, me dá um abraço e solta.

— Ser mãe é isso aí! Você faz de tudo para tirar férias junto com seus filhos, mesmo sabendo que eles vão acabar com você mas, no final, até as merdas que eles fazem passam a ser engraçadas. Você só sabe amar e amar! — Os olhos dela brilham quando fala dos meninos.

— Você é uma ótima mãe! — Ela sorri e me dá um tapa na perna.

— E você e o meu irmão?

— O que tem nós? — pergunto, fingindo-me de boba.

— Você sabe, não se faça de boba, ele gosta muito de você.

— Estamos nos conhecendo ainda. — Ela dá um leve aceno de cabeça.

— Certo! Se fizer o meu irmão sofrer, vou te encher de bolachas! — Dá um sorriso de quem está brincando, mas algo me diz que aquilo é muito sério.

— Certo!

— Dá pra parar de sufocar a Chris? — Koll dá uma garrafinha de água para Tess.

— Que absurdo, somos amigas! — Ela dá um tapa no ombro dele quando ele senta ao seu lado. Escuto passos na escada e vejo Gad descer com um baralho na mão.

— Quem quer jogar?

— Eu! — Levanta Tess, puxando o jeans para cima e seguindo Gad para uma mesa redonda que tem no canto da sala.

— Rouba Monte? — pergunta Koll, pegando o boné no chão e cobrindo o cabelo, em seguida segura minha mão e acompanha os irmãos.

— Beleza! — responde Gad de costas, pegando uma garrafa de Vodka e colocando no centro da mesa. Enquanto Tess coloca doze copos pequenos distribuídos, três para cada jogador, e serve a bebida.

Tesha senta no canto, onde consegue encarar Koll. E eu me sento ao lado dela, onde consigo encarar Gad.

— Quem perde, vira uma dose — diz Gad, distribuindo três cartas para cada um e colocando quatro expostas na mesa. Ele começa roubando o nove de ouros.

— Minha vez, neném. — Tess tira um oito de ouros e rouba o monte dele.

Descarto o três de paus na mesa e Koll o rouba em seguida. Gad distribui outras quatro cartas na mesa e continua a jogada, roubando o monte de Koll.

Em seguida, Tess pega uma carta na mesa e eu roubo o monte dela.

— Oh, sua vaca, trapaceira! — Ela fica irada.

— Eu nunca trapaceio. — Quando digo isso, todos viram uma dose e bebem. Em seguida, fitam Gad. Abaixo minhas cartas.

— Oh, Gad, você? — pergunta Tess surpresa. Eles vão começar a jogar “*Eu Nunca*”, não era o que eu pretendia ao dizer a frase, mas vamos nessa. — Quando você trapaceou?

— Com o antigo baralho, que usávamos para jogar Poker. Algumas cartas estavam danificadas, e eu conhecia cada uma delas.

— Filho da puta, eu perdi uma grana jogando com você! — A rodada das cartas acaba, eu ganho e todos viram outra dose. — Não duvido mais nada de você!

— Eu nunca corri pelado em um lugar público — diz Gad. E apenas Tess e Koll viram a dose seguinte. Todos voltam seus olhos para Tess. Ela pega a garrafa e começa a encher o copo de todos.

— Foi no luau do ensino médio, eu estava tão chapada que tirei a roupa e pulei no mar. Satisfeitos? — Ela dá aquele sorrisinho de sacanagem. Toma as cartas de Gad e embaralha distribuindo uma nova partida. — E você, bundão?

— Festa de calouros na universidade! Acordei pelado no meio do campus. — Ele rouba o monte da Tess. — Até hoje não sei se foi trote ou se eu tirei a roupa.

Todos gargalham.

— Eu nunca joguei Strip poker. — diz Tesha. Apenas eu e Gad viramos o copo.

— Você jogou Strip poker? Quando? — pergunta Koll de boca aberta.

— Ah, ensino médio... Gad lembra! — Todos o fitam.

— Eu vi os seios dela! — diz o irmão.

— Filho da puta! Você viu os seios dela primeiro que eu? — Gad e eu soltamos uma gargalhada.

— Não. É brincadeira! — Mesmo quando ele brinca, a sua voz tem um tom sério.

— Depois você vai me contar essa história de Strip poker direito, senhorita Beckham! — Todos riem quando Koll diz isso. A rodada acaba, Gad ganha, o resto bebe uma dose. O baralho vem para minhas mãos e eu dou as cartas.

— Eu nunca... caramba! Eu fiz muitas coisas. Eu nunca transei com duas mulheres ao mesmo tempo. — Tess e Gad viram o copo.

— Podem parar de me olhar, não vou contar como foi — reclama Tess.

— Comigo foi em Vegas. Uma ruiva e uma morena — se gaba Gad.

— Sério? — pergunto ao Koll. — Você nunca ficou com mais de uma mulher?

— Fiquei com três — ele sussurra mordendo minha orelha. — É mentira!

— Eu nunca me apaixonei. — Quando Gad diz, todos viram o copo.

— Eu me apaixonei pelo pai do meu primeiro menino e ele partiu meu coração quando descobriu que eu estava grávida, e sumiu. Depois pelo John pai dos meus dois meninos mais novos — ela desce o semblante e volta ao normal. — Desculpem a “*bad vibe*”.

— Por incrível que pareça, eu sou apaixonado pela mesma garota desde os 17 anos. Eu achei que ia passar, mas quando a reencontrei, tudo voltou... mais forte — a rodada acaba e Tess ganha a partida, e o restante vira outra dose de vodka.

Koll começa a embaralhar as cartas, e eu fico aérea, ainda com a mão no copo, sentindo uma tontura.

— Chris? — Escuto a voz de Koll, e tudo fica rodando. Ele toca meu ombro e ajoelha do meu lado. — Chris, está bem?

— Ela tá passando mal — diz Gad.

— Eu esqueço que essa família tem tolerância alta — a voz de Tess fica distante. Fecho os olhos para ver se passa e fico com medo de abri-los de novo.

— Chris, vou te levar para o quarto. — Koll me pega no colo.

— Não, não... Eu estou bem! Me coloca no chão! — Ele continua a me carregar e eu sinto o estômago revirar me ameaçando. Droga!

— Não a deixe sozinha, KG — diz Tess indo para a cozinha.

— Pelo amor de Deus, eu estou bem! — Koll me coloca na cama, liga a luz e ajoelha na minha frente tocando meu rosto, vendo como estou.

— Eu não devia ter deixado você beber tão rápido. — Ele tira minha sapatilha.

— Eu não sou criança — digo irada. Ele apenas vai até a penteadeira e pega um elástico.

— Você tem razão. — Seus olhos tem um tom sereno e divertido. — Amarre o cabelo.

Sinto meu estômago se contrair, me forçando a levantar de uma vez e correr para o banheiro. Gardner abaixa e segura o meu cabelo.

— Que merda, você não deveria me ver assim! — Ele solta uma risada.

— Isso acontece. Está tudo bem.

— Cadê ela? — Escuto Tess. — Achei vocês. Sai, eu cuido dela.

Tesha me dá um copo com um líquido verde e um cheiro estranho.

— Bebe, vai limpar o seu estômago de uma vez. — Tomo dois goles da bebida amarga e imediatamente coloco tudo para fora. — É isso aí, garota!

A irmã dele cuida de mim. Dá-me uma blusa de dormir cinza que vai até os meus joelhos, remédio para cortar o enjoo e deixa uma jarra de soro no quarto para que eu não desidrate.

— O que você está fazendo? — Koll me traz uma tigela cheia de morangos.

— Trazendo algo para você comer e não colocar para fora — deita ao meu lado. — Você precisa colocar um pouco de açúcar no sangue. Quando você bebe, abaixa o nível de glicose no corpo.

— Eu estou morrendo de vergonha. Coitada da sua irmã, passa o dia inteiro cuidado de criança e à noite tem que lidar...

— Christina, esse é o instinto da Tess, cuidar das pessoas. — Realmente não me sinto enjoada comendo morangos.

— Não precisa ficar aqui, vai dormir, anda. — Ele serra os olhos e depois me puxa, me abraçando de conchinha e enchendo meu pescoço de beijos.

— Eu quero cuidar de você, posso? — Viro a cabeça para encará-lo e percebo que estão escorrendo lágrimas dos meus olhos.

— Pode. — Volto a fitar a parede, sinto as costas da mão de Koll secando meu rosto. — Me desculpa.

— Pelo quê? — pergunta ainda inclinado sobre mim, observando meu rosto.

— Por ainda não estar pronta pra você! — Gardner afunda seus lábios no meu pescoço e sussurra no meu ouvido.

— Eu não tenho pressa. — Me abraça forte segurando minhas mãos. — Eu quero que seja do seu jeito.

— Tem certeza? Porque se você quiser pular fora ainda tem tempo...

— Eu não vou pular fora! — Ele se aconchega no travesseiro, sonolento. — Eu quero você...

Seu corpo me aquece mais que a coberta, me livrando do frio de Bolzano e me fazendo adormecer ao seu lado.

PARTE 6- SPIRIT OF ART

Você muda quando as coisas a sua volta muda? Ou a mudança vem em qualquer embrulho de presente? Hoje, eu acordei, abri a janela e vi o sol nascer mais cedo no oriente. Eu estou do outro lado do mundo com a vida virada de ponta cabeça em todos os sentidos e, por incrível que pareça... eu acordei me sentindo melhor... De tal forma que nunca senti na minha vida.

Antes eu tinha a sensação de que estava sendo sufocada. Que estavam me afogando e hoje eu me sinto leve e livre. Os Gardner são muito calorosos e, mesmo com tanta loucura, eles sabem respeitar o espaço uns dos outros.

Eu nasci em uma casa na qual fui criada para ser uma dama da alta sociedade, viver com essa família me faz questionar se alguma vez eu tive família. Eles se amam tanto, vivem de uma forma intensa. É tudo novo para mim.

Às vezes me sinto fora de contexto, como se tivesse sido tirada de um filme retro. Eu acredito que Koll mereça uma garota mais descolada como ele. Eu nunca fui a garota popular da escola, nunca fui a que chamava atenção e ficava com o capitão do time de basquete... Bem, agora estou com ele. Risos.

— Koll se esqueceu de mencionar que você é pintora.

— Bom dia, Senhora Gardner! — Ela segura o chapéu para não voar com o vento e me dá um beijo no rosto.

— Me chame de Ângela. — Ela sorri e puxa um banco para perto de mim, bebe seu suco de laranja e observa o meu quadro. — Você encontrou o meu atelier! Há quanto tempo eu não entro lá...

— Me desculpe, foi o Koll quem me trouxe. — Relaxo os braços e deixo o pincel sobre a palheta.

— Fique à vontade! — Observa o meu quadro.

— Não sabia que a senhora pintava. — Arrumo a blusa, me defendendo do vento gelado que batia no meu peito, e dou um nó na fita em volta da cintura.

— Ah, isso já faz muito tempo, eu assinava como Alba Martins. — Ela ergue o rosto deixando os raios do sol se derramarem em sua pele.

— Oh, meu Deus, você é a criadora da coleção “*Spirit of Art*”. — Fico fascinada, ela é simplesmente maravilhosa. — Eu sou sua fã, eu simplesmente amo suas obras.

— Não me deixe ruborizada, Christina, não é pra tanto. — Ela sorri.

— É verdade! Se eu tivesse a inspiração que você tem, meus quadros já estariam expostos em museu. — Ela tira os óculos de sol e sorri em minha direção.

— O que você está pintando? — Parecia um tanto óbvio que eu estava pintando as montanhas de Santa Madallena.

— A paisagem, apenas!

— Você quer saber onde você está errando? — Dou um aceno positivo. — Você está pintando o que você vê, isso muitos pintores podem fazer. As pessoas querem olhar para um quadro e sentir algo.

Ela olha para a montanha e aprecia.

— O que você sente quando está aqui observando a montanha?

— Eu me sinto tranquila, em paz comigo mesma! — respondo.

— Você acha que alguém que ver o seu quadro vai sentir o mesmo que você, mesmo não estando aqui? — Olho para o meu quadro. Está horrível. — Um verdadeiro artista, pinta *sentimentos*.

Fico em silêncio absorvendo as palavras dela.

— Você tem que sentir as coisas a sua volta, tem que se entregar de verdade. — Ela fecha os olhos novamente sentindo o sol. — Parece loucura, mas apenas pessoas loucas são corajosas o suficiente para criar algo além do material. E sentimentos, Christina, vão muito além, porque tocam a alma das pessoas.

— Vou tentar. — Dou um sorriso fechado. — Obrigada, Ângela!

— Permita-se viver experiências, minha querida! — Ela me dá um abraço lateral e volta para dentro da casa, me deixando sozinha com o meu quadro.

Um tempo depois, guardo todo o material no atelier que Ângela me apresentou pessoalmente, me deixando livre para fazer o que quisesse nele. Ela simplesmente é excelente no que se propõe a fazer.

Por mais tranquila que sua postura aparente e por mais calma que a sua voz possa soar, quando eu converso com Ângela vejo muito do Koll nela. E até um pouco da Tesha, embora não seja sua filha de sangue.

Já Gad, seu comportamento é bem parecido com o do Senhor Scott.

Saio do atelier e caminho em volta da casa, penso onde estaria Koll. Quando acordei, ele não estava do meu lado. Não importa o quão cedo eu desperte, ele sempre acorda primeiro que eu.

Vejo Koll ao longe andando de bicicleta com o sobrinho, Tiago. Então é isso que ele foi fazer. Acho que nunca conheci uma pessoa tão apaixonada por esportes como KG.

— Bom dia! — Ele para a bicicleta preta com detalhes verdes em

minha frente e eu lhe dou um beijo. — Tiago, empresta a bicicleta para a Chris.

— Não, não precisa! — O garoto desmonta.

— Pode usar. — Ele me passa a “*Mountain Bike*” vermelha. Tanto a dele quanto a de Gardner são profissionais. — Eu vou entrar antes que a minha mãe me grite.

Ele nem espera eu dizer nada e sai correndo.

— Vamos logo, sobe!

— Eu acho que nem sei mais andar de bicicleta, não faço isso desde os doze anos. — Ele arruma o fone no ouvido, balança a cabeça ouvindo a música e espera eu montar. — Ok!

Koll gira a bicicleta e começa a pedalar, eu o acompanho toda desengonçada. Entramos na estrada de asfalto logo a frente, que fazia várias voltas como se estivesse subindo uma montanha.

Logo eu peguei o jeito, comecei a me divertir sentindo o vento passar por mim e jogar meu cabelo para trás, enquanto o sol das onze aquecia minha face e a corrida mantinha meu corpo quente e cheio de adrenalina.

Koll estende a mão e eu seguro enquanto pedalamos em direção ao campo semiárido. Volto a segurar o guidão com as duas mãos, mantendo o equilíbrio. Ele está tão acostumado que continua reto e segurando apenas com uma mão enquanto a outra arruma novamente o fone que insiste em cair.

— Droga! — O ouço dizer. — Eu devia ter pegado o headset.

— Você gosta muito de esportes!

— Você não viu nada, ainda vou te fazer pular de Bungee Jump.

— Nem morta! — Ele ri do meu comentário. — Eu estou falando sério, Koll Gardner.

— Se passar dois anos e ainda estivermos juntos, você pula?

— Eu duvido que estaremos juntos! — Ele olha para o lado vendo a casa distante.

— Você pula?

— Daqui dois anos? — Franzo os olhos sentindo o vento ressecá-los.

— Em vinte e quatro meses.

— Você tem uma obsessão com esse número!

— Quando tinha dezenove anos, ganhei um milhão na roleta de Vegas usando o número 24, construí aquela quadra de basquete com o dinheiro. — Ele aponta para a quadra. — Número de sorte! — Fico em silêncio. — Você pula?

— Pulo! — Ele dá um sorriso lateral e sacode a blusa azul-marinho. — Onde você acha que estará nesse tempo?

— Talvez no Brasil, vai depender da expansão dos negócios da KGG. — Começamos a subir um morro íngreme. — Depende principalmente do

público. Se eles quiserem eu vou, se não, é fim da história.

— As pessoas gostam de você! — Me sinto cansada — O que você pretende fazer lá?

— Segredo! — Chegamos ao topo do morro. A descida que surge a frente faz com que aumentemos a velocidade.

Deixamos as bicicletas no chão e nos sentamos no extenso gramado, observando a queda d'água logo mais à frente. Eu apenas aproveito a calma do lugar.

— O que você está fazendo? — O vejo tirar os tênis e se levantar.

— Vou dar um mergulho, vem? — Ele tira a camisa. Desço os olhos esquadrinhando seu corpo e percebo duas covinhas nas costas, próximo às nádegas.

— Você sabia que na mitologia chamam as suas covinhas de “*Furos de Apolo*”.

— Símbolo de sexualidade! — Sorri enquanto tira bermuda e a cueca Box.

— Você precisa ficar pelado sempre? — Ele mergulha, segundos depois sobe e sacode o cabelo.

— Você adora me ver pelado... — Percebo que ele respira forte. — Vem logo!

— Não vou deixar você me ver sem roupa! — Ele me dá as costas.

— Pronto, pode tirar!

— Quem me garante que você não vai virar? — Me levanto e desfazo o laço do longo casaco preto.

— Vai ter que confiar em mim! — Tiro a camiseta branca e logo em seguida o jeans. — Eu realmente acho que você deveria nadar nua. Todo mundo já fez isso uma vez na vida ou vai fazer, é tipo uma tradição.

— Tradição sua, só se for! Você não percebeu que está frio? — Desabotoei o sutiã. — Francamente, não é uma boa ideia isso.

— Minha família tem o sangue quente. Depois que pular, o frio passa. — Me jogo de uma vez no lago, antes que a coragem passe. Tiro a cabeça para fora. — Você pulou!

— Pulei, não era para pular? — Sinto meus lábios tremerem.

— Desde quando você ficou tão corajosa? — Nuvens de vapor se formam quando ele sopra o ar respirando pela boca.

— Desde quando conversei com a sua mãe!

— Pelo visto, ela é muito mais influente do que eu imaginava. — Ele me abraça e eu jogo meus braços em volta do seu pescoço.

— Com certeza!

Ele me beija com lassidão, a cada segundo o beijo se torna mais profundo, como se tivéssemos fome um do outro. Koll me puxa para mais perto de si e eu sinto sua pele quente contra minha dizendo que a qualquer momento iríamos nos transformar em apenas um.

— Koll, não podemos!

— Eu sei... — ele diz isso e seus lábios se arrastam pelo meu pescoço, enquanto seu corpo desliza para baixo e suas mãos puxam minhas coxas, fazendo-me entrelaçar as pernas em sua cintura. — Vamos só brincar um pouco.

Suas mãos sobem novamente pelas minhas costas, e me puxam, trazendo meu peito direito para dentro de sua boca, que o suga e explora com a ponta da língua. Seus lábios brincam comigo e me chupam. Arqueio o corpo e solto um gemido baixo.

— Koll... acho melhor paramos! — Ele me dá uma leve mordidinha, me beliscando. — Essa brincadeira está perigosa.

— Verdade! — Ele para de me chupar, olha dentro dos meus olhos e franze os lábios fazendo um beicinho, pensando “*por que não vim preparado*”. — Então é melhor irmos, porque eu estou a um passo de cometer uma loucura.

— Vire de costas!

— Eu acabei de ver os seus seios! — Koll se vira.

— Mas não viu tudo! — Escuto seu riso enquanto saio da água e me visto.

Voltamos para a propriedade Gardner e passamos a tarde juntos no sofá, ele assistindo basquete e eu, ao seu lado, mexendo no notebook.

— O que você está procurando?

— Um apartamento. — Ele toma outro gole de cerveja e volta a atenção para TV.

— Em que lugar? — Percebo que tem algo estranho no tom de sua voz.

— Eu não vou morar para sempre com você, Koll Gardner. — Continuo olhando para a tela. — Em algum momento suas férias irão acabar e ambos teremos que voltar para uma vida normal.

— Em que lugar está procurando apartamento, Christina?

— *Nashville... Tennessee...* — respondo sem jeito, ele respira fundo, coloca a latinha na mesinha ao lado e volta a atenção para mim. — Estou me decidindo ainda.

— Por que você está escolhendo um lugar perto dos Watson? — Ele

me fita sério e eu desvio o olhar.

— Porque eu vivi muito tempo ali...

— Viveu muito tempo em Manhattan também. — Ele me coloca contra a parede.

— Tá com ciúmes? — Brinco para descontrair.

— Não estou com ciúmes, estou decepcionado! — Abaixo a tampa do notebook. — Estou decepcionado por você ter a chance de começar algo novo e estar tentando voltar para o passado.

— Não é isso!

— Estou com raiva porque você ainda está me tratando como se fosse um caso passageiro. — Ele olha para cima, morde o lábio inferior e volta a me encarar. — Não me trate como se eu fosse menos que aquele bosta do Jordan.

— Koll, para! Você está me sufocando. — Ele volta a assistir a partida. Ele tem razão, eu tenho que começar uma nova vida, porém, estou caminhando para o passado. — Me desculpe, você tem razão, vou procurar um lugar diferente!

— Faça do jeito que quiser! — A mãe dele entra na sala, Koll pega o controle e abaixa o volume.

— Koll, você viu o Thor?

— Não vejo o Thor desde ontem à noite, ele não está no canil? — Ângela dá um aceno negativo e eles ficam em silêncio.

— Vou procurar ele. — Koll pega os tênis do chão e os calça. Faço menção de me levantar. — Não precisa, faça isso sozinho.

Ele passa pela porta e a mãe dele me olha com aquela cara “*O que aconteceu?*”.

— Vou atrás dele!

— É uma boa ideia. — Ela faz uma cara engraçada quando faz a afirmação.

Puxo o casaco para mais perto do corpo e corro atrás dele, que já está bem na frente.

— Koll? — grito. — Me espera... qual o seu problema?

— Nada, Christina! — Ele solta o ar, aliviando a tensão. — Só desejo que você faça boas escolhas, não te trouxe para tirar férias do passado. Lhe trouxe comigo para construir coisas novas, se queria realmente voltar para o passado devia ter ido com o Jordan aquela noite.

— Não tem nada a ver com o Jordan!

— Tem a ver com o que, então? — Ele continua caminhando rápido e eu tenho quase que correr para acompanhá-lo. — *Thor... Amigão!*

— Nada, eu só estou acostumada...

— A pegar o caminho mais fácil! Escolher o óbvio para evitar margens de erro? — Como ele sabia disso? — Você não pode tratar as pessoas como números, sabia?

— Eu sei!

— Está me tratando como uma probabilidade com chances de erros.

Thor! — ele grita pelo cachorro e dá um assobio. — Eu fico puto com isso!

— Eu nunca tratei ninguém como... — Ele me fita com o semblante de acusação. — Desculpa!

— Eu nunca te tratei como opção! — Ele estaca a caminhada. — E mesmo aquele cuzão tendo feito um monte de coisas erradas, você ainda o considera melhor que eu!

— Koll...

— Eu duvido que ele tenha feito você sentir metade das coisas que eu faço você sentir quando está comigo! Eu duvido que ele tenha lhe proporcionado algo descente! Duvido até que ele trepa bem!

— Koll Gardner, cale a boca! — Ele para de falar. — Você tá fazendo papel de idiota porque está com ciúmes... calado! — exijo antes que ele comece a se pronunciar. — Eu não vou te tratar como uma opção, não vou lhe tratar como uma probabilidade, você tem razão, pessoas não são números!

— Que bom! — Ele volta a caminhar.

— Mas que diabos, por que você continua com raiva?

— Passou na sua cabeça em morar perto do Jordan, mas não passou a possibilidade de morar perto de mim?

— Na Carolina do Sul? — Coloco a mão na cintura, sabe quando alguém joga uma indireta sobre algo que você não está nem um pouco a fim de fazer? Pois é! — Mas eu nem conheço nada lá direito. O que eu ia fazer lá?

— O que você ia fazer em Tennessee? Christina, eu juro que se eu encontrar um balde te tinta vou tacar na sua cabeça de novo, igual aquele dia do trote de calouros. — Arregalo os olhos.

— Eu vou para onde eu quiser! Eu pensei em Tennessee por estar familiarizada com a cidade, não porque amo o Jordan, se é isso que está pensando. — Quando eu digo isso, ele entra na trilha a direita e me deixa para trás. — Francamente, Carolina do Sul nunca esteve nos meus planos. Mas isso não impede de nos vermos.

Passo a mão no rosto e sigo o lado contrário, vejo uma decida íngreme e sigo o caminho escorregadio pelas folhas secas. Escorrego e equilíbrio-me, me mantendo em pé. Continuo a descer e vejo o pelo claro quase camuflado pela folhagem.

— Thor? — Me aproximo e abaixo. O Retriever não se mexe quando o

toco. — Droga!

— Christina, você está maluca? Daqui a pouco tenho que procurar por você também!

— Eu o achei... — Koll vem correndo, se inclina sobre o cachorro e toca a barriga dele.

— Thor, acorda, amigo... — ele diz baixinho dando uma leve balançada no cão. — Thor?

Meu coração se quebra em mil pedaços quando vejo uma lágrima escapar de seus olhos e escorrer até a ponta de seu nariz.

PARTE 7- DEIXA QUEIMAR

Muitas vezes encaramos a vida como um mero fato do acaso, algo normal que sempre esteve e estará ali, como a certeza do amanhã. Às vezes somos tão egoístas que só nos preocupamos com aquilo que se passa no nosso universo pessoal — mente e coração —, então você observa alguém chorar por um animal de estimação e sofrer de verdade.

Então você percebe que não é só um animal. É um amigo, e é da família, e que não dá para substituir os momentos felizes comprando outro, cada ser vivo é único.

A fogueira em frente à casa dos Gardner brilha e aquece o coração de todos, assim como a voz de Tess que canta “*Halo- Beyonce*”, ela estala os dedos dando o ritmo da música enquanto Koll lhe acompanha tocando um lindo violão amarelo da Takamine.

Vejo senhor Scott cuidar dos queijos e marshmallows que assam enquanto o fogo crepita e o vento espalha um cheiro delicioso.

— Por que vocês não o enterraram? — pergunto a Gad sentado ao meu lado em um banco muito maior que o meu.

— Isso pode causar problemas ambientais. O corpo em decomposição produz substâncias tóxicas que contaminam o solo e o lençol freático.

— Eu não sabia.

— Quando morre um animal, o certo é entrar em contato com a prefeitura. A maioria dos municípios tem o serviço de recolhimento gratuito.

— Não podia imaginar que a decomposição de um animal pudesse acarretar tantos problemas para o meio ambiente — respondo.

— Verdade! — A voz de Tess hipnotiza a todos, fazendo a maioria cantar junto com ela.

— Ele está tão triste! — Vejo Koll do outro lado, sentado em um tronco próximo a irmã.

— Ele tinha aquele cachorro acho que desde os dezenove anos — Gad volta a atenção para Tesha. — Você vai ver quando as crianças derem por falta do Thor...

— Ela canta tão bem! — Gad dá um sorriso em minha direção. — E o Koll, não sabia que ele tocava.

— Ele ama música! Foi por isso que fundou a KGG — ele dá alguns estalos acompanhando também a irmã. — Eu apenas sigo esse cabeça de vento.

Porque, por algum motivo, o vento dele sopra na direção certa!

— Você é mais tranquilo que os dois!

— Na verdade, não! Eu apenas sou mais discreto e ninguém vê a minha bagunça — ele abre um sorriso branco, balançando a cabeça no ritmo. — Metade das coisas que faço, as pessoas acham que foi o Koll, então o deixo levar o crédito.

— Sério? — Ele afirma com a cabeça.

— Quando éramos criança ele levava a culpa das coisas erradas, agora que crescemos, ele aproveita e se apropria de outras situações que são convenientes para ele.

— Você não se importa?

— Não. Imagina se as pessoas descobrissem que todos os donos da KGG são loucos? — Dou uma gargalhada. — Ninguém ia querer fechar negócio. É um Yin-Yang. Tem que ter equilíbrio. Alguém com o perfil mais sério, com pulso firme. E outro impulsivo e criativo.

— Vocês dois gostam desse símbolo — ele levanta a manga da blusa preta e me mostra a tatuagem no pulso.

— Pra caramba! — Ele esconde o desenho. — Ele disse que você o completa?

— Por quê? Ele diz isso para todas?

— Que eu saiba, ele nunca disse para nenhuma mulher. — O pai dele nos entregou dois espetos de queijo e fez uma dancinha tentando ser descolado como o resto da família. Ele é tão péssimo quanto eu.

— E você?

— Eu digo para todas. — Damos gargalhadas juntos e Koll olha em nossa direção. — Brincadeira, mas já disse para muitas garotas!

— E ele tem essa tatuagem? — Gad inclina a cabeça de lado.

— Se ele tem não está visível, você vai ter que descobrir. — Ele arqueia uma sobrancelha, jogando um duplo sentido. — Ele ia fazer junto comigo, mas surgiu um imprevisto. Ainda acho que ele estava fugindo da agulha. *Bundão!* — sussurra a última palavra na direção do irmão.

— *Seu c..!* — Koll responde. Sua voz é praticamente inaudível.

— Ele tá morrendo de ciúmes! — Gad se levanta. — Vou buscar o rádio e liberar ele do violão pra ficar com você.

Quando Gad volta e liga o rádio, Koll não perde tempo, deixa o violão de lado e vem até mim, senta entre as minhas pernas. Abraço ele vendo a família entretida com a música e o fogo.

— Eu juro que vi uma assombração! — diz Ângela, contado histórias de terror para todos, inclusive às crianças que ainda estão ali. Thomas já havia

dormido. Thiago ainda está firme. Luíza está calma no colo da mãe. — Foi um vulto...

A gente ria, porque depois ficava engraçado conforme eles desenrolavam os assuntos. Koll então nem se fala, hoje ele está mais quieto, mas dava altas gargalhadas.

— Você está bem? — pergunto e ele inclina a cabeça para cima.

— Agora estou! — Ele parece um adolescente usando aquela blusa de frio cinza, saruel jeans preta e o boné vermelho virado para trás. Seu rosto fica mais brilhante e sexy. — Desculpa por hoje cedo.

— Por quê? — Ele balança o pé, batendo os tênis brancos um contra o outro.

— Por ter ficado com raiva de você. Acho que fiquei com ciúmes. — Aperto ele e lhe dou um beijo no rosto.

— Não estou te excluindo da minha vida! — Olho dentro dos seus olhos. — Não por enquanto!

— Você não dá o braço a torcer, hein! — Rimos juntos. — Vou ficar só com a primeira frase.

— Para que dizer algo se você sabe o que estou sentindo? — Ele leva a minha mão no seu peito.

— E você sabe o que eu estou sentindo?

Nossa atenção se volta para Luíza, que começa a chorar quando percebe que o cachorro sumiu. O irmão cansado de dizer que não sabia onde estava, solta a pérola e diz que o Retriever morreu.

— Oh, meu amor, não chora. Vamos comprar outro — diz Tesha abaixada na sua frente tentando acalmá-la.

— Eu não quero outro, eu quero o Thor! — Esfrega os olhos.

Naquele momento, acabou a fogueira e todos começaram a se retirar para seus aposentos mesmo estando cedo. Eu mesma vou para o meu quarto. Deito, sento e rolo na cama... Por fim, me levanto.

Bato na porta, giro a maçaneta e abro uma fresta colocando apenas a cabeça para dentro. É a primeira vez que entro em seu quarto.

— Posso entrar? — Ele puxa o headset para baixo, o deixando em volta do pescoço.

— Pode. Claro! — diz com a voz um pouco mais rouca que o normal.

Dou a volta na sua enorme cama, me enfio debaixo do gigante edredom azul e me escoro em uma montanha de almofadas macias.

— O que está fazendo? — A sua atenção vai do notebook para mim.

— Estudando. — Ele escora a cabeça na cabeceira. — Ouvindo música.

Ele fecha o aparelho e coloca na mesinha ao lado.

— Sem sono? — Koll segura minha mão e pergunta, percebo que ele está mais quente que o normal.

O vento balança a fina cortina branca, deixando passar a luz da lua.

— Acho que você está com febre. — Toco o seu rosto e ele beija a ponta dos meus dedos.

— É a blusa de frio! — Ele se curva para frente tira a jaqueta e joga no chão, ficando apenas com uma blusa branca com os dizeres "*I Win, You Win*" (*Eu ganho, você ganha*) — Vem cá.

— Eu me lembro dessa blusa. — Ele me traz para mais perto de si.

— Se tornou a minha preferida depois que você dormiu com ela. — Se inclina, encaixando o seu corpo junto ao meu e o queixo entre meus seios. Acaricio seu cabelo enquanto admiro seus lindos olhos castanhos.

— Eu prefiro ver ela em você. — Ele desliza para cima e me beija.

Escutamos batidas na porta.

— Quem é? — Koll pergunta.

— A Lulu. — Escuto uma voz lamuriosa.

— Entra, Lulu. — Ele se afasta para o lado e a porta abre, revelando a menininha com o moletom de dormir. Ela se agacha e pega duas caixinhas de achocolatado, um ursinho do Pluto e três DVDs.

— Eu trouxe para você! — Ela se aproxima toda desengonçada com os objetos.

— E o da Chris? — Koll pega a caixinha.

— Eu não sabia que ela tava aqui! — Ela ergue os ombros. — Eu divido o meu. Você quer, tia Chris?

— Não, obrigada, linda!

— Eu vim te dar o Pluto, pra você não ficar triste! — Ela estende o bracinho para entregar o cachorrinho de pelúcia e esfrega os olhos.

— Vem cá! — Ela se aproxima, Koll pega os objetos dela, coloca sobre a cama e a puxa para cima. — Ei, Pluto!

Ele abraça o cachorrinho e o leva até a orelha. A menininha sentida enxuga as lágrimas.

— O Pluto disse que é o seu amigo, e prefere ficar com você!

— Você tem que ficar Pluto! Pra fazer companhia pro tio Koll. — Ela soluça enquanto fala.

— A Chris já está me fazendo companhia. — Ele passa a mão no cabelo dela, arrumando a franjinha. — E esses DVDs? Quer ver comigo?

Ela dá um aceno positivo com a cabeça e Gardner a coloca entre nós. Eu fico encantada com como Koll é amoroso com crianças. Pego o DVD e ligo

na TV logo à frente. Era uma coletânea de desenhos de cachorro.

Meia hora depois, Tess bate na porta aberta, vem até nós em silêncio e pega a menininha que já dormia. “*Obrigada*” sussurra.

Aproveito e me deito sobre o peito de Koll, ele beija minha cabeça e me abraça forte. Acabamos entretidos vendo o desenho e caímos no sono com a TV ligada.

PARTE 8- A BOLA É SUA

Você sabe o que é acordar pensando em alguém? Colocar uma peça de roupa pensando se ele vai gostar ou passar o delineador de uma forma diferente para chamar a atenção?

Então você coloca o sapato e começa a sorrir, por se lembrar da curva do seu sorriso ou de algo idiota que aconteceu entre vocês. Ou apenas por lembrar-se do modo que ele te olha quando ninguém mais está vendo!

Então você percebe que parece uma babaca agindo assim, mas a verdade é que o seu dia só começa quando escuta a voz dele. Então você passa a levantar mais cedo e mais disposta. E parece que nada no mundo pode contra você pelo simples fato de, talvez, você estar amando um idiota.

A casa hoje está uma bagunça, as duas equipes de basquete que se enfrentavam no ginásio do colegial vieram para Bolzano. Parece que a cada dois anos eles se reúnem, jogam algumas partidas e ficam bêbados.

Por acaso eu disse que estou puta de raiva? Não vem apenas o time, vêm as líderes de torcidas. Aquelas vacas acabaram com a minha possibilidade de ter tido um ensino médio normal.

Se eu soubesse que encontraria essas pessoas, nunca teria vindo para cá. Parece que eles estão voltando dos mortos para me assombrar. Inferno! Eu adoraria acreditar que estou exagerando, mas infelizmente eu conheço bem as pestes!

Entro na cozinha me deparo com Koll e Tess encostados junto a pia.

— Que porra, Tess, enfia isso logo! — Ela está tentando furar a orelha dele.

— Cala a boca, você me deixa nervosa! — Koll franze o semblante, sentindo a dor.

— Chega, chega... Você tá me sacaneando. — Ele se afasta mordendo os lábios.

— Então vai se ferrar! Eu não vou perder o meu dia com isso. — Me aproximo, estendo a mão para Tess e pego o brinco.

— Deixa que eu faço isso. — Tesha se afasta e vai cuidar do freezer de bebidas.

— Pelo amor de Deus, não vai me torturar também! — Dou um sorriso esnobe. Ele sabe que estou com raiva.

— No três. — Koll dá um aceno afirmando. — Três.

O brinco atravessa de uma vez.

— Vai colocar do outro lado? — pergunto.

— Você falou que era no três! — Ele me entrega o outro brinco.

— Eu disse três. — Quando digo novamente o número enfio o outro brinco.

— Nossa, você realmente está com raiva. — Ele coloca a tarraxinha.
— Mas está linda!

— Por que você não me disse? — Afasto-me do seu beijo.

— Já é hora de superar o ensino médio, não? — O vejo passar álcool na orelha. — Caramba, eu nem me lembrava de que hoje era o dia do jogo, e muito menos que amanhã era o meu aniversário. Eu só sei que dia é hoje porque o Gad me lembrou. A propósito, foi ele que montou tudo, não eu!

— Não estou nem aí se é o seu aniversário. — Ele me abraça por trás.

— Nem eu! — Beija meu pescoço, provocando arrepios, e eu sorrio.
— Porque já ganhei o meu presente. Você, bem aqui! — sussurra a última frase na minha orelha.

— Bonito, mas podem vir me ajudar. — Tess entra e começa a distribuir tarefas para todos da casa, inclusive quem chega para a festa.

A casa da família Gardner é simplesmente enorme. Aos dezenove anos, quando Koll ganhou na roleta de Vegas um milhão, ele simplesmente gastou o dinheiro todo montando a quadra dos sonhos na casa dos pais.

Criou o espaço propício para jogos e festas. Agora ele está lá, cuidando do equipamento de música e da mesa de DJ.

Atravesso a casa com os CDs na mão e trombo com *elas*... Lorena, Carly e Letícia.

— Oh, meu Deus! É ela.. — Lorena, a loira do meio, estala os dedos tentando se lembrar do meu nome.

— Christina Beckham — responde Letícia, a negra de cabelo cacheado e lábios grandes.

— A patinha! — diz Carly, a garota de traços asiáticos. — *Qua-qua-qua!*

Imita um pato. Todas riem lembrando-se do dia que me jogaram em um lago lodoso. Fico congelada de raiva e de surpresa, não sei o que fazer! Eu, tipo, fui jogada no meu pior pesadelo.

— O que está fazendo aqui, Patinha? Foi contrata para servir o cachorro-quente? Ou pra limpar o vômito da festa? — pergunta Lorena. Todas elas gargalham como se tivessem contando a melhor piada do século. — Ou pra

apanhar as camisinhas que eu vou usar depois que transar muito com o KG.

— Oi, garotas! — Koll surge e todas praticamente se jogam sobre ele.

— Estávamos falando de você! — diz Lorena com a voz cheia de desejo, e eu praticamente não existo novamente naquele momento. — Quem deixou a gentinha entrar?

— Eu não sei! Quem deixou vocês entrarem? — O sorriso delas murcha imediatamente, tentando entender a indireta. Koll afasta as mãos delas, vem em minha direção e me dá um beijo apaixonado.

— Com certeza vocês já conhecem a Christina Beckham. — Me abraça por trás, mantendo-me firme em seus braços. — Ela é uma pintora muito famosa. Teve seus quadros expostos e vendidos no museu “*North Museum of History*”, onde foi apoiada pela KGG e diretamente pelo Facebook.

— Claro... claro, ouvimos falar sim! Acompanhamos as matérias ao vivo — diz Letícia. Ela fica sem graça e as outras duas a olham com desaprovação, como se tivesse falado mais do que deveria.

— Mas, e você, Lorena, continua igualzinha ao ensino médio! — Ela dá um sorriso sem vida. — Continua trabalhando na loja de carros usados do seu pai?

— Negócios de família... — Ri, tentando não transparecer a vergonha.

— Negócios de família! — Koll dá uma gargalhada. — E você, Carly? Ficou fera em imitar pato depois que virou mascote do Papa-Jhow.

As outras duas tentaram segurar a risada, mas vazou igual a balão quando solta o ar.

— Suas cretinas, vocês não estão melhores do que eu! E você, Letícia, nem emprego tem, fica esmolando dinheiro para viajar. — Ela realmente ficou frustrada.

— Querida, eu estou apenas desempregada! Mas pra você, é fim de carreira! Mascote! — Gargalhadas. Koll me puxa pela mão devagar, deixando para trás uma confusão que ele havia criado entre as três garotas.

— Eu não sabia dessas coisas! — Ele pega os CDs das minhas mãos, organizando-os na mesa.

— Elas não são o bicho papão que você imaginava. Eram apenas a sombra de ratinhos medrosos. — Ele senta no banco e olha para mim. — Todas morrendo de inveja do que você foi, do que se tornou e o que se tornará!

— Eu tenho que admitir que... — Abraço ele e encosto meus lábios em sua orelha. — Amei vê-las sendo humilhadas.

— Eu sei! — Ele sorri e morde meu lábio inferior. — Por via das dúvidas, fica longe de tinta, barro, pena... Cuidado ao abrir portas... Porque elas

vão querer descontar em algum momento.

— Droga! — Nossas línguas brincam uma com a outra sem aprofundar o beijo.

— Eu preciso colocar o uniforme — fala enquanto me beija.

— Eu te odiava quando era o capitão do time.

— Mentira! Aposto que você sempre quis dar uns pegas no capitão.

— Ele se levanta, me levando junto. — Aproveita que essa é a sua chance!

Ele segura minha bunda enquanto me induz a descer os degraus que levam para o centro da quadra. Nossa visão é desviada para o time “*Star Fall*”, que entra aos gritos fazendo uma baderna. Eles usam uniforme azul.

Ele me dá um último beijo e vai em direção aos amigos, que o abraçam, o seguram pelas pernas e braços e o jogam para cima. “Ah, meu Deus” levo a mão à boca com medo dele cair, mas depois acabo sorrindo.

Pouco tempo depois o ônibus do time rival, “*Big Deal*”, para em frente à casa. Eles usam o uniforme vermelho. As líderes de torcida descem na frente, algumas, pelo que vejo, estavam trocando de roupa dentro do ônibus. Algumas eu vejo colocar a blusa conforme descem do veículo.

“*Caramba, isso vai ser um inferno.*”

Todos seguem para a quadra, lá há dois vestiários femininos e dois masculinos, onde podem continuar a se arrumar tranquilamente. Há outras duas toaletes para o restante do público. Mesmo depois de tanto tempo, as garotas se enfrentam com rivalidade natural fazendo suas danças.

Vejo Koll surgir usando a camiseta azul com letras brancas destacando o número 10 da sua camisa. A faixa preta em volta do braço lhe destaca dos outros. Assim como o garoto loiro do time adversário que beija vulgarmente uma de suas líderes.

Para minha alegria, vejo a equipe da KGG entrar, Deby, assim que me vê levanta o braço me dando um aceno. Fico confusa se o fato do seu sorriso se destacar tanto se deve aos lábios vermelhos ou ao chiclete que ela não para de mascar.

— Chris! Não acredito que você e o Koll fizeram as pazes! — Ela me abraça, balançando como se fosse uma dança, e eu me afundo no mar de cabelos loiros. — Estou tão feliz por vocês!

— Você está linda! — Bem, eu não sei como ela fez isso, mas ela estava linda de vestido chita amarelo sendo gordinha.

— É sério, eu estou feliz de verdade! — Ela continua segurando minhas mãos. — Você se lembra da Gaby, certo?

— Claro! Nos conhecemos na praia com o Wally... Ei, Wally! — Aceno para o rapaz de dread que conversa com Koll do outro lado. — Pulamos

de paraquedas juntas. — Sorrio ao me lembrar daquela loucura e a abraço. — Vocês duas me ajudaram a me arrumar para o evento. Obrigada!

— Que isso, Chanel! O que eu fiz, faria por qualquer pessoa! — Ela dá uma sacudida no meu cabelo. — Se quiser, nós damos um trato em você de novo!

— Não! Estou legal assim! — Olho para as duas percebendo algo estranho. Gaby fica lado a lado de Débora. E as duas se olham como se tivesse algo fantástico para me contar. — Tá legal, o que tá rolando?

— A gente está namorando! — diz Deby com uma voz mais fina, sorrindo e mordendo a ponta da língua.

— Ah, meu Deus, parabéns! — A morena de camiseta cinza e despojada lhe dá um abraço lateral, esperando minha reação, benção... Sei lá. Gaby tem esse jeitão de menino, sendo uma mulher incrivelmente linda. Abraço as duas ao mesmo tempo. — Eu desejo que vocês sejam muito felizes!

— Isso é tipo muito importante, saber que as pessoas nos aceitam... quer dizer... a gente... — Deby se enrola.

— Respeito sabe, Chris! — diz Gaby. Cruzo os braços prestando atenção nelas.

— Claro, respeitar as diferenças! Respeitar que cada pessoa tem uma forma de manifestar o amor! — Deby entrelaça as duas mãos e aponta os indicadores para mim, dizendo tipo que eu estou com a bola. — Pessoas que criticam o amor, nunca amaram. E o amor não vê idade, sexo ou cor. Amor é só amor!

— Menina você me deixa emocionada falando assim! — Deby passa as costas dos dedos, abaixo dos olhos para não deixar as lágrimas saírem e atrapalharem a maquiagem. Me abraça novamente, acompanhada de Gaby. — Eu acho que você deveria participar de um bate-papo na rádio falando sobre isso!

— Vai ser legal! — Sinto um abraço por trás.

— Gostosa! — Sinto sua barba raspar no meu rosto ao me beijar. — Bom te ver aqui!

— Ei, Toddy, beleza? — O ruivo usa uma blusa branca, uma camisa de flanela aberta jogada por cima, e uma calça vermelha. Ele continua ao meu lado com o braço sobre o meu ombro.

— O que foi? — Todos olham por cima do ombro de Toddy. E... — BOOM! — Uma bola acerta a cabeça dele. — Seu veado, filho da puta!

Toddy corre atrás de Koll, lhe agarra por trás e lhe suspende do chão. Os dois ficam fazendo aquelas brincadeiras que eu nunca vou entender porquê os garotos fazem, mas no fim eles sempre acabam batendo uns nos outros e dizendo

que faz parte da brincadeira. E o mais estranho de tudo... É verdade.

Koll volta correndo e abraça Débora.

— Não aguenta ficar uma semana longe de mim, hein, bonito?! — Koll coloca o queixo sobre o seu ombro.

— Como eu poderia suportar ficar longe da minha musa! — Os dois sorriem e Gardner se afasta para cumprimentar Gaby, que dá um toque maneiro masculino. — Gaby, que bom que você veio!

— Não podia deixar a minha garota vir sozinha! — Em fração de segundos Koll entendeu a novidade.

— Tá certa! Tem de cuidar de quem a gente ama! — Koll pega o meu rosto entre suas mãos, me dá um beijo e volta para o seu time.

Ele está uma pilha tentando dar atenção para todos e se divertir com tudo que cada um pode oferecer. A propósito, todos oferecem muitas cervejas e bebidas de todo tipo. Alguns trazem salgadinhos, batatinhas, tortas e doces, mas o comum são os fardos de cerveja.

Esse povo pretende fazer quantas festas? Pergunto-me ao mesmo tempo em que vejo mais e mais pessoas chegarem. Amigos, familiares, amigos de amigos, penetras... Não conheço mais ninguém. Vejo as crianças correndo pela quadra e alcançando a arquibancada.

As líderes terminam de levantar a faixa (Feliz 27 anos, KG, nós te amamos) e, ao mesmo tempo, exibir suas curvas. A outra placa que os meninos trouxeram e penduraram do outro lado é uma vergonha (Parabéns, seu arrobando).

— Caralho, tira isso daí! — Ouvi Koll gritar, mas por fim a faixa ficou. Era uma maneira muito estranha de demonstrarem o quanto se importam, mas tenho certeza que é mais sincera do que a do mundo feminino.

Foram contratados vários garçons, fico com dó deles infiltrados no meio da torcida que já estava louca na arquibancada. Mas tenho que admitir que é muito engraçado vê-los trajados formalmente caminhando como se fossem vendedores de cachorro quente em um estádio. Risos.

Sento-me na segunda fileira junto com a equipe da KGG e Tesha, que gritava sem parar as crianças. Céus, meus ouvidos!

Escuto a voz da Lorena no microfone:

— Olá, olá... — Os garotos gritam “Gostosa” e ela sorri. — Obrigada. Gostaria de dar boas-vindas a todos. Hoje estamos aqui para o terceiro encontro de formandos dos colégios de Nashville e Memphis. Todos nós agradecemos a você, KG, por ter torrado o seu precioso dinheiro e feito essa maravilhosa quadra, sem ela não estaríamos aqui...

Lorena leva a mão ao peito em tom de zombaria. O time assobia, os

mais próximos distribuem tapas na cabeça do Koll em agradecimento. Ele dá um sorriso para Lorena e permanece sentado com o time.

— Hoje é um dia especial não apenas por ser o nosso terceiro encontro, mas porque também é o seu aniversário. E para demonstrar nossa eterna gratidão, as líderes de torcida do “Star Fall” e “Big Deal” irão se unir pela primeira vez para lhe presentear com uma dança especial! — Ouço gritos novamente. — Prontos para um show?

A plateia vai à loucura novamente quando o som de “Get Me Bodied - Beyonce” começa. Elas mandam bem, mas eu já vi a Tess dançando essa música e elas não chegam aos pés da irmã de Koll.

Após a coreografia obscena chegar ao final elas se sentam na fileira da frente e os times se colocam no meio da quadra, o juiz é um cara que eu nunca vi. Lorena vem em minha direção, ainda no clima da dança, e agita os ombros fazendo saltar os seios. Vadia, o que ela está tentando provar? Senta-se na minha direção com suas fieis escudeiras: Carly e Letícia.

Vejo Lulu, a sobrinha de Koll, subindo a arquibancada com um copo gigante de Milk-Shake de morango. Ela caminha segurando o recipiente de plástico em frente ao rosto, atrapalhando o campo de visão... *E Puff...* Joga justamente em cima da Lorena, mas algo me diz que Luíza sabia exatamente o que estava fazendo.

Lorena se levanta, exibindo o cabelo loiro coberto pelo líquido de cor rosa. — Céus... Ela vai ter um ataque.

— Ora, sua... — Se volta para a garota que se encolhe me abraçando.

— Ora, sua o quê? — Tesha se levanta igual a um tigre e fica gigante. — Acho melhor você se limpar querida, antes que os insetos achem que você é a rainha deles.

Lorena dá um gritinho morrendo de raiva e sai marchando até o vestiário. Koll olha para mim e serra os olhos em tom de acusação, mas, na verdade, segura o sorriso. Eu dou um aceno negativo, dizendo que não tenho nada a ver com isso.

— Luíza? — Tesha chama a menininha, que se senta entre nós duas. — Você jogou Milk-Shake na moça por querer?

— Não... Foi um acidente, mamãe! — Tess morde os lábios, franze a sobrancelha e resolve ignorar o que aconteceu.

Luíza olha para mim, faz um sinal de silêncio para que eu não conte e ri escondida. Não posso negar minha satisfação de ver Lorena sair toda melada pela quadra e todos rindo dela. Agora ela sabe como é essa sensação. Abraço a Luíza e dou o meu refrigerante para ela.

Para ser sincera, eu não entendo nada de basquete, só sei que quando a

bola cai na sexta é ponto. A bola tem que sempre quicar no chão, se você der três passos com ela na mão tem que passar para alguém do time ou arremessar. Ainda bem que tem o placar.

Vejo Joey marcar Koll, que gira e passa a bola para Pitter. O garoto corre pela esquerda enquanto Gardner ultrapassa o meio do campo, volta a receber a bola e faz cesta.

O camisa sete do “Star Fall” marca falta, o “Big Deal” aproveita a chance e empata o jogo. A bola é jogada para cima novamente e cai nas mãos de Koll, do meio da quadra ele arremessa... Fim de jogo... É cesta. “Star Fall” ganha por cinco pontos de diferença.

Koll corre em minha direção e cobre meus lábios com um beijo pesado, mas mantém a distância entre nossos corpos.

— É pra você! — Coloca as mãos na minha cintura.

— Agora eu ganho cestas de presente? — Quero abraçá-lo, mas ele não deixa.

— Não é a cesta, é a vitória! — Me dá vários selinhos. — Não Chris... Estou suado, não me faz te dispensar! — Ele sorri.

— Não tem problema, eu vou me trocar! — Apenas um braço seu contorna minha cintura e ele me fita. Estando eu no degrau de cima, admiro seu rosto e vejo as gotas de suor salpicarem sua pele. — Vou colocar um vestido.

— Isso é um convite para retirar o seu sobretudo? — Ao contrário dele, eu sinto frio a maior parte do tempo.

— Não.

— Imaginei que não! — Koll me suspende, me ajudando a descer o degrau. Me dá outro selinho. O acompanho e percebo que a luz do salão está sendo reduzida.

PARTE 9- O PRESENTE ESTÁ NO PRESENTE

O bservo o vestido no espelho. Ele é preto, justo e com franjas. Coloco os brincos que são quase do tamanho do meu cabelo... Que, a propósito, resolvi deixar liso. Acabo admirando a pulseira que Koll me deu.

“Estou dizendo que ao seu lado eu me sinto completo.”

A lembrança me faz sorrir.

Volto para o salão. Nem parece que meia hora atrás ele foi usado como quadra de basquete. A cascata de ponche foi deixada quase no meio da pista e o jogo de luzes foi ativado. Nos fundos há uma mesa que mais parece um banquete.

Pouso meus olhos em Koll, ele está simplesmente perfeito usando uma camisa de botão azul-marinho de mangas compridas. O jeans escuro o faz parecer mais alto e o sapato social preto o deixa mais elegante.

O vejo batendo foto com uma garota, ele faz o famoso “*Duck Face*” e o símbolo da paz. Dá uma gargalhada e, quando me nota, vem ao meu encontro.

— Quem é ela? — pergunto apenas por curiosidade.

— Uma colega. Tá com ciúmes? — Seu perfume me envolve, assim como seus braços em minha cintura.

— Não, estava rindo de você fazendo biquinho. — Ele dá um aceno positivo enquanto eu escorrego os dedos entre seus cabelos negros. — Você está lindo.

— Você adora quando eu me visto assim, não é?

— Eu adoro você de qualquer jeito. Principalmente quando você sorri e seus olhos ficam menores parecendo que acabou de acordar. — Ele dá uma risada e laça meus lábios em um beijo caloroso.

— Sabe o que eu mais gosto em você? — pergunta, mordiscando minha boca e tentando capturar minha língua com a sua. — Tudo! — Chupa o meu lábio inferior. — Amo seus olhos que mais parecem um par de esmeraldas, amo o seu cabelo... Amo a sua boca, para mim ela é o doce que desejo devorar. Amo até a suas pirraças! — Sua língua brinca com a minha enquanto ele ainda fala. — Ah, Christina, eu te amo de todas as formas. Do jeito que você vier para mim eu aceito.

— Eu já estou aqui Koll. — Ele se afasta alguns centímetros para olhar dentro dos meus olhos. — Eu quero estar no presente com você!

— Você não imagina como eu estou feliz em ouvir isso. — Ele coloca meu cabelo atrás da orelha. — Eu era um garoto quando me apaixonei por você, hoje sou um homem e ainda te amo! Esperar por você foi a decisão mais certa que fiz na minha vida. Porque, ao seu lado, eu sei o que é o amor! E se eu tiver que esperar, eu vou esperar por você, porque você é a mulher que eu quero na minha vida!

— Sério? — Meus olhos se enchem de lágrimas, mas eu seguro para que elas não saiam.

— Sério. Você é a única! — Ele seca uma lágrima que foge... e outra... e outra... Não consigo prender. Sua declaração me deixa muito comovida. A próxima lágrima escorre e ele a beija, secando com seus lábios. Afundo a cabeça em seu peito, Koll pousa o queixo sobre o topo da minha cabeça e me aperta em seu abraço.

Ficamos ali no meio do salão balançando de um lado para o outro, fingindo dançar, mas, na verdade, estávamos apenas dentro do nosso mundo, dentro do nosso momento.

— Qual é, KG, dá um gás nessa festa! — diz Joey e a demoníaca Lorena, que já estava de volta, usando um vestido tomara que caia vermelho. — Não é todo mundo que tá de “love”, não!

Koll dá uma risada e se afasta um pouco, vendo como eu estou.

— Posso? — Dou um aceno positivo e ele adia o máximo que pode para soltar minha mão, até finalmente ir à mesa de mixagem.

— Boa noite! — A voz sedutora de Gardner ecoa no ambiente e as pessoas ficam agitadas. — Eu estava pensando em deixar rolar “*Whitney Houston* ou *Celine Dion*”. Algo cheio de paixão, o que vocês acham? — Todos gritam “não” e Koll dá uma gargalhada. — Ok, sem brincadeiras. Primeiro eu quero agradecer a presença de todos que estão tornando esse momento mais especial. E principalmente ao Gad, por ter aproveitado o momento para comemorar o meu aniversário... — O irmão levanta o copo aceitando o agradecimento. — Agora chega dessa melação, está começando um especial da KGG direto para vocês.

Todos urram quando Koll solta a música e vão para a pista. Sinto Gaby me puxando para dançar.

— Você não consegue tirar os olhos dele! — ela grita para que eu possa ouvir.

— Ela tá apaixonada. — diz Débora ao seu lado.

— Podem parar, vocês duas! — Elas riem e se perdem na música como se fizessem parte da vibração.

— Se liberta, gata! Ele tá super a fim de você. — Deby se aproxima do

meu ouvido, mas eu ainda não escuto e ela repete. — Eu sou a melhor amiga dele... eu nunca o vi assim por nenhuma garota.

Ela se balança curtindo o ritmo e me lança aquele sorriso de “*pode confiar*”, Gaby a abraça por trás dançando junto com ela.

— Temos pouco tempo juntos... — As duas me puxam para o meio delas e Koll me olha lá de cima, achando divertido nós três juntas.

— Ele não te perde de vista! — Gabriela encosta a testa no meu ombro e gargalha, achando engraçada a situação. — Você tem pouco tempo com ele, mas ele tem uma década com você!

— Não havia pensando nessa medida! — Elas trocam um “*High-Five*”. Como se dessa vez tivessem acertado. — Vocês podem parar de bancar o cupido, porque já estamos bem!

Elas me abraçam e me fazem entrar no clima. Vejo um garoto sussurrando algo no ouvido de Koll, ele dá um aceno positivo e pega o microfone.

— Galera, eu vou deixar vocês com o meu amigo, DJ Bong! — O povo faz “*Ah*”. — Poxa, gente, também quero ficar bêbado! Seus putos, o aniversário é meu! — Uma gargalhada coletiva se espalha. — Vai nessa, Bong, valeu!

Os dois trocam um cumprimento e Koll deixa o rapaz fazer o que quer.

— Esse é o trem da alegria? — Gardner abraça Gaby por trás.

— Quem é ele? — pergunta Débora.

— Um penetra que me pediu para mostrar o som dele! — O DJ solta “*Crazy - Gnarls Barkley*”. — Eu estava louco para descer, e o cara descobriu a festa, saiu do fim do mundo e conseguiu penetrar. Eu deixei.

— Legal, KG! — admira Gabriela.

— Deixa ele viver o sonho dele, se ele fizer um som bacana a noite inteira, pede o Toddy para...

— Entendi, entendi... — grita Débora. Ela já está tão acostumada com os pedidos do Koll, que ele nem precisa terminar as frases.

— Posso roubar minha namorada agora? — “*Não*”, as duas gritam e me abraçam mais. No fim, Koll tinha razão, durante minha vida apenas convivi com as pessoas erradas. Nem todos são de mentira. As pessoas estão prontas para dar o carinho delas a quem se permitir receber. — Chris...

— Desculpa, mas acho que você me perdeu! — Retribuo o abraço delas, eu gosto das duas.

— Eu te amo! — Seus lábios se movem, mas de sua boca não sai nenhum som. Koll segura minha mão e começa a me puxar, me tirando do meio delas. — Me dá o seu copo...

Ele pega o meu copo, toma a bebida e entrega o recipiente para o primeiro garçom que avista.

— Koll?

— Não vou deixar você beber! — Inclino a sobrancelha perguntando o motivo. — Você, mais bebida, não dá certo!

— É ponche... refrigerante...

— Com vodka! Não mesmo! — Ele estava falando sério? Nem acredito! — Você só bebe vodka no dia que se tornar uma Gardner. Fora isso, vai voltar para suas taças de champanhe.

Dou uma gargalhada esnobando ele.

— Achei que você tinha me trazido aqui para eu fazer o que eu quisesse. — Ele morde os lábios.

— Desculpa, só quero cuidar de você. — Ele encosta sua testa na minha. — Quando você passa mal, eu me sinto culpado, porque me sinto responsável por você.

— Achei que você quisesse que eu fizesse umas loucuras. — Ele dá uma risada.

— Só as divertidas! — Ele afasta a cabeça para olhar meu rosto. — Por que eu sinto que você está me zoando?

— Porque talvez eu esteja. — Roço as pontas dos dedos na nuca dele. — É lógico que não vou beber igual àquela noite, aquilo foi uma brincadeira, mas estou me divertido vendo você bancar o certinho.

— Certinho? — Ele joga a cabeça para trás dando uma gargalhada. — Boba, estou te protegendo! Enquanto estiver do meu lado, eu vou cuidar de você. Porque eu quero o melhor para você, sempre!

Koll distribui beijos na minha testa, olhos e na ponta do meu nariz, bochecha, por fim, nos meus lábios. O seu beijo é tênue e suave, recheado de amor.

“*Parabéns pra você...*” Todos começam a cantar, trazendo na mesa com rodinhas um bolo quadrado que cobria toda a bancada. Ele para de me beijar e desvia a atenção para o bolo. Sobre ele estava escrito KG, um desenho de um som e as notas musicais espalhadas, a borda estava pintada de azul, assim como o nome.

“*Oh, Koll eu vou comer o seu... bolo*”.

— Cadê o microfone? — Alguém entrega para ele. — Obrigado, meu anjo. Eu odeio a parte de ter que escolher para quem vou dar o primeiro pedaço do bolo. Porque você escolhe a pessoa que mais gosta, e eu amo tantas pessoas...

As garotas soltam uns gritinhos e dizem “*Também te amo*”.

— Eu amo muito a minha família: pais, irmãos e sobrinhos. Amo muito a minha equipe da KGG, porque se tornaram minha segunda família. São amigos leais e eu realmente... — Ele segura o ar e volta a falar. — Amo os seguidores da rádio que acompanham e fazem loucuras para estar com a KGG. Eu acordo todos os dias pensando em como eu vou fazer essas pessoas darem um sorriso. E isso é muito gratificante para mim! — As pessoas batem palmas. — Têm vocês também, seus putos! São meus amigos, minha turma, meus companheiros, vocês que fazem parte da minha vida desde quando eu era apenas um garoto de Memphis. Eu fico muito feliz por ter cada um de vocês aqui!

“KG, KG, KG...”, a galera grita, vejo Koll passar as costas das mãos nos olhos. Ele está se segurando. Faz um aceno para que possa continuar a falar.

— Esse ano eu estou muito feliz porque entrou mais uma pessoa no meu coração, na verdade, sempre esteve lá, acho que fui eu quem invadi o coração dela... — “Uhuu” os meninos gritam e Koll passa os dedos entre os cabelos, os jogando para o lado. — Eu amo todos vocês, mas o primeiro pedaço vai para a mulher mais importante da minha vida... — Ele corta o bolo. — Ela me deu a vida quando me deu à luz. Então eu só posso dar o primeiro pedaço para a minha estrela: mãe... cadê você?

Vejo Ângela saindo da multidão, dando a volta na mesa e abraçando Koll. Os dois ficam alguns segundos abraçados de olhos fechados. Ele tem que se abaixar um pouco para abraçar a mãe. Os dois trocam algumas palavras um no ouvido do outro.

Por fim, Koll se afasta, abre os olhos e lágrimas caem ao ver a mãe chorando. Os dois secam as lágrimas um do outro. Koll dá um beijo na testa de Ângela e se recompõe.

— Eu te amo! — sussurra no microfone, dando um abraço lateral nela. — Só alguns avisos: para quem desejar passar o dia conosco, terá música ao vivo, churrasco e mais bebida. Pra quem for dormir... no segundo corredor eu marquei as portas com placas rosas para as garotas e azuis para os rapazes. Então vocês dividam o espaço. Quem quiser dar uns pegadas, vai ter que se virar... daqui meia hora terá chuva de fogos, vejo vocês lá fora. — Gritos. — DJ, agora a festa é sua...

O rapaz solta a música mais agitada de sua *play list* e a galera volta a circular. A família vem parabenizar Koll, lhe dando abraços. O bolo passa a ser servido por uma moça linda de terninho e coque. As crianças pulam no colo dele. Sinto um abraço me assustar.

— Então, cunhada, não vai pular no meio? — brinca Gad, solto a tensão. — Agora posso te chamar de cunhada, certo?

— Parece que sim! — Ele começa a me puxar para o meio do círculo

da família.

— Vem, você faz parte da comemoração! — Koll, ainda com Thomen no colo, termina de cortar um pedaço de bolo e divide com o menino, fazendo uma bagunça.

— Feliz aniversário! — Limpo o chantilly no canto de seus lábios e lhe dou um beijo.

— Obrigado! — Ele me oferece uma mordida do bolo e eu aceito.

— Eu amo vocês! — Gad nos abraça. Estou achando engraçado. Ou ele também é emotivo, ou está bêbado, ou as duas coisas!

— Eu também te amo, Gy — Koll responde dando um aceno negativo e rindo.

Coitado do Thomen, está com a cara cheia de creme. Koll disse que o “parabéns” é o momento mais importante em uma festa para as crianças, “*É mágico*”, por isso pediu que fosse cantado mais cedo, antes delas irem dormir.

— Você já sujou todos eles? — Tess coloca as mãos na cintura. Ela está com um vestido tomara que caia rosa metálico com dourado fosco.

— Deixa os meninos, Tess... deixa sujar... eu limpo — responde Koll, a irmã se aproxima, se pendura no outro ombro dele e lhe dá um beijo no rosto.

— Te amo, bundão! — Koll devolve o beijo. — Cuida do Thomen.

Luíza mostra as mãos para a mãe, toda suja de bolo, e dá um sorriso. O rosto da Lulu parecia até estar pintado como um palhaço, de tanto chantilly espalhado.

— Vem, Lulu... — Pega a menininha, que fica com a mão esticada para frente achando engraçado. — Thiago, depois dos fogos, eu quero você no quarto.

O garoto permanece entretido em volta da mesa.

Ficamos ali por mais um tempo, Koll é um viciado em doces, se ele conseguisse, comeria o bolo inteiro. O que você mais encontra entre as coisas dele são balas, principalmente a de alcaçuz (*aquela que parece uma minhoca*) repleta de açúcar. *Risos.*

— Ei, garotão, vamos tomar um banho? — Thomen encostou a cabeça no ombro de Koll, parecia pronto para cochilar a qualquer momento. — O que você me diz?

O menino dá um aceno positivo com a cabeça, por fim, diz:

— *Mimi...*

— Você quer o quê? — pergunta Koll, forçando ele a ficar acordado e caminhando para fora da quadra. — *Vem, Chris...*

— *Dumi...* — Esfrega os olhos.

— Ah, você quer dormir? Então por que essa cara de choro? — Abro a porta, ele atravessa a sala e sobe a escada.

— Mamãe! — Thomen deve ter uns dois anos. Koll dá um aceno para que eu abra a porta do banheiro.

— Nós vamos tomar um banho primeiro, se não a mamãe vai brigar com nós dois! — Me escoro na parede o vendo tirar a roupa do menino enquanto espera a banheira encher.

— Vai? — Ele arregala os olhos. — Por quê?

— Tá vendo esse doce aqui? — O menino passa o dedo onde Koll aponta e come a sobra do bolo. — Vai subir um monte de formiguinha em cima da cama pra comer ele, imagina a cama cheia de formiga?

O menino dá um gritinho.

— Tira... tira, tio Koll! — A mão de Koll brinca com a água indo de um lado para o outro medindo a temperatura, por fim coloca o menino dentro da banheira.

— Vou tirar.

— Cadê o meu bubu? — Vejo uma chupeta azul na pia e entrego a Koll, ele lava e dá ao menino.

— Você não está muito grandinho pra usar bico, não?

— Não, eu sou bebê, tio! — Joga água em Koll. — É meu.

— Tá bem! Entendi. — O banho virou uma bagunça e KG acabou todo molhado.

Eu não fazia noção de como era cuidar de uma criança até agora, ele tem jeito. Depois de secar, passar pomada, colocar frauda... e conseguir vestir um pijama... Finalmente Thomen estava debaixo da coberta. A luz do corredor e da janela são as únicas que iluminam o quarto por enquanto.

— Tio... — O bico atrapalha a sua voz a sair.

— Oi? — Koll senta na beirada da cama.

— Faz bit pra mim? — O que é isso? Pergunto-me. — Faz bit tio...

— Se eu fizer, você vai dormir em seguida? — O menino dá um aceno positivo e finalmente eu entendo o que é bit. Quando Koll canta a música “*Pony - Ginuwine*” fazendo “*Beat Box*” e Thomen tem uma crise de risos e, claro, eu também. — Boa noite, Thomen!

— Bênção, tio.

— Deus te abençoe. — Beija o menino.

— Bênção tia, Chris. — Ele estende a mãozinha e eu a beijo.

— Dorme com os anjos, querido! — As mãos de Koll na minha cintura me conduzem para a saída e ele fecha a porta.

— Aí estão vocês... — diz Tess com um sorriso gigante e com um

homem loiro ao seu lado.

— Peter, você veio! — Koll lhe dá um aperto de mão e o puxa para um abraço.

— Parabéns, cunhado! — Eles trocam tapas fortes nas costas. — Oi, muito prazer, Peter Murray, marido da Tess.

— Christina Beckham. — Acho que ele espera uma informação a mais, além do meu nome.

— Os dois namoram, amor, só que não oficializaram. — Peter é um cara simples, parece com *Owen Wilson* ator do filme “*Marley e Eu*”.

— Tá constrangendo a moça, Tess! Desculpem. — Ele sorri. Tesha parece uma adolescente apaixonada ao lado do marido.

— Tudo bem! — digo tímida.

— Parece que o meu garoto te deu um banho, hein!

— Mais ou menos. — Koll dá uma gargalhada. — Falando nisso, eu vou trocar de roupa e já desço. Aproveitem os fogos!

Sua mão entrelaçada na minha, me conduz em direção ao quarto. Koll fecha a porta, eu vou até a janela e me debruço na sacada. Os fogos começam e ele se escora ao meu lado e ficamos observando a chuva de cores e brilhos.

— Você leva muito jeito com crianças, acho que não conseguiria fazer metade das coisas que você fez.

— Faria sim. — Koll me fita. — Eles gostam muito de você, sabia?

— Você acha?

— O Thomen te chamou de tia e te pediu benção. — Acabo rindo, isso é um pouco engraçado. — A Luíza jogou milk-shake na cabeça da Lorena, porque a viu mexendo com você. O Tiago é meio na dele, mas também gostou muito de você.

— Eu também gosto muito deles. Na verdade, eu gosto de toda a sua família. — Gardner entrelaça as mãos e continua a me observar. — Eles são uma piada, cada um tem um jeito engraçado de lidar com as coisas.

— Todos emotivos, você viu o Gy? — Ele passa a mão no rosto, rindo e lembrando-se do irmão bêbado.

— Ele é sempre tão sério... O exemplo. Você é que devia estar bêbado, isso é a sua cara.

— É o que parece? — Koll se encosta de lado para me observar. — Desculpe por te desapontar!

— Não seja sarcástico, Koll Gardner! — Dou um tapa em seu ombro. — Vamos descer?

— Vou trocar de roupa. — Se afasta. Escuto a música “*Halo - Beyonce*” tocar lá fora.

Escoro-me de costas para a janela e o vejo desabotoar um botão por vez, seus movimentos são tão naturais e sensuais ao mesmo tempo. Koll ergue o olhar e morde o lábio inferior ao perceber que eu o observo.

— Eu estou tentando te conquistar, mas é difícil manter minhas mãos longe de você quando te vejo me olhando assim. — Joga a camisa sobre a cama.

— Eu posso sair do quarto. — Koll me agarra pela cintura antes que eu passasse por ele. — Achei que estivesse acostumado a ficar pelado na frente de todos.

— Quer um strip-tease, Christina? — Dou um aceno negativo e ele dá curtos passos me fazendo andar para trás. — Se quiser, eu faço!

— Não, obrigada! — A curva de seus lábios passa a carregar um sorriso mais tímido e o olhar, um tom enigmático. Me derruba na cama e se inclina sobre mim, entrelaçando seus dedos nos meus e colocando meus braços acima da cabeça.

— Uma pergunta muito séria. — Chupa meus lábios. — Você quer ficar ou quer voltar para a festa? — Permaneço em silêncio. — Me diga. O que você quer, Christina?

— O que você quer, Koll Gardner? — Lhe devolvo a pergunta.

— Se lembra o que eu disse no início da viagem? O que eu quero não importa. Então me diz o que você quer! — Sua boca se arrasta por meu rosto.

— Oh, Koll... — Minha respiração fica pesada e minha boca procura a dele, mas ele afasta, brincando, e volta a me fitar.

— Eu quero te descobrir, Chris... quero realizar todos os seus caprichos, então pede... — Sua língua brinca com a minha, mas não aprofunda o beijo.

— Não posso... — Sua boca desliza pela minha orelha e sussurra.

— Pede, Chris, pede e eu vou te colocar em chamas!

— Oh, céus... você vai me deixar louca! — Escuto uma risada sexy no pé do meu ouvido, além da sua língua brincando e chupando-o.

— Pede, Chris... não vou tocar em você enquanto não pedir! — Sua boca macia escorrega no colo dos meus seios e sobe até meu queixo. — Eu vou namorar cada parte do seu corpo, só com a minha boca.

— Não me faz pedir, Koll Gardner... — Sua língua quente invade minha boca. Fecho os olhos e arqueio o corpo desejando que ele encerre de uma vez a distância que manteve de propósito, mas ele se afasta quando faço isso.

Koll mantém meus pulsos fixos acima da cabeça, uma de suas mãos se liberta e toca minhas coxas, abrindo-as para encaixar seu corpo entre minhas pernas.

— Eu vou devorar cada pedaço de você! — Quando Koll diz isso,

sinto seus dedos afastando a renda e entrando em mim.

— *Oh...* — solto um gemido, meus olhos ficam fixos nos seus, presos a todos seus movimentos. — *Koll...*

Meus lábios se abrem esperando sua boca, mas ele faz questão de me torturar.

— Eu nunca gostei tanto do meu nome como agora. — Ele enfia mais um dedo e meu corpo irradia um novo êxtase. — Diz meu nome, Chris, porque na sua boca, ele fica mais gostoso.

— *Oh, Koll...* — Fecho os olhos e afundo a cabeça no travesseiro. — Eu quero do seu jeito...

— Eu sei que você quer do meu jeito! — O sinto arrastar os dentes na parte exposta dos meus seios, chupando-os, enquanto afasta o seu toque do meu sexo. — Na verdade, eu sempre soube...

Suas mãos firmes voltam a segurar com propriedade meus pulsos. O seu corpo se encaixa no meu, mergulhando como uma onda, rebolando e roçando seu membro duro como uma pedra. Enquanto sua boca se aprofunda na minha em um beijo intenso.

— *Koll...*

— Pede, amor, pede o que você quiser! — Koll liberta meus pulsos e sustenta o peso do seu corpo com o antebraço. Escorrego minhas mãos em sua cintura e sinto as duas curvas acentuadas no seu cóccix, enquanto ele rebola em provocação.

— Eu preciso de você! — Suspiro, sentindo uma corrente de prazer se espalhar pelo meu corpo.

— Eu também preciso de você, querida! Também preciso me afundar nesse desejo — diz me envolvendo no ritmo apaixonado. — Você será minha agora!

PARTE 10 - EM PEDAÇOS

A noite mais mágica de sua vida acontecera, Christina acordou, mas ainda se sentia em um sonho. Ela ainda podia sentir o rastro dos lábios de Koll por seu corpo, onde todo o caminho que ele trilhou queimava toda vez que ela se lembrava. Sua pele exalava o perfume que Gardner deixara na noite anterior.

Christina tinha medo de se entregar dessa forma a alguém, mas, ao lado de Koll, ela perdia o controle do seu corpo, coração e mente. Ele mexia com ela de todas as formas que alguém poderia mexer, despertando em Chris desejos que nem mesmo ela conhecia. Desejos que a faziam ir atrás de sonhos, vida e amor.

Christina voltou para a festa ao lado de Koll e, pela primeira vez, se divertiu e se sentiu livre, como se pudesse voar para onde quisesse. Ela só precisava se permitir ser feliz! Finalmente ela começara a entender o que se passava dentro dele. E ele era o tudo e o nada! Tudo de bom, mas, quando partia, levava tudo consigo, deixando apenas o nada.

Quando Chris acorda, já são quatro horas da tarde, a festa agitada do lado de fora, ao ar livre, acontecia naquele momento. Ela percebe que precisa dizer ao Koll tudo que sente, pois precisa tê-lo novamente. Abandona o espelho e resolve ir ao quarto dele, desejando que ele estivesse dormindo.

(KOLL)

Eu acho que estou dormindo o sono dos amantes apaixonados, porque só vejo o corpo dela na minha mente, as lembranças irradiam me trazendo uma sensação boa. Escuto o abrir e fechar da porta, mas ainda não desperto totalmente.

O aroma cítrico invade o quarto, junto a passos ocos do salto. Em seguida, ouço o som do zíper sendo aberto e da peça caindo no chão. Um vento percorre por debaixo do edredom quando ela desliza para o meu lado.

Ainda com os olhos fechados, sorrio ao sentir sua mão percorrer meu peito nu e descer maliciosamente. Seus dedos envolvem meu pênis e só então um lampejo invade minha mente, dizendo que há algo estranho naquele perfume e naquele toque. Desperto de uma vez.

— Naomi! — Acordo assustado. — O que você está fazendo aqui?

— Vim te dar feliz aniversário! — Ela sorri e o meu primeiro impulso é rolar, a jogando para o lado. — Surpresa!

Eu ainda estou inclinado sobre aquele corpo, o qual conhecia bem, quando a porta se abre, revelando uma Christina atônita, com os olhos fixos na loira exuberante de olhos azuis. “Merda”. Ela não diz nada, apenas revira os olhos, seca as lágrimas que caíram e sai do quarto.

— Chris... — Levanto da cama e pego a blusa preta com o slogan “*I am so Koll*”. Coloco o boné vermelho virado para trás.

— Chris, me espera... por favor... — Corro desesperado ao seu encontro. Eu preciso que ela acredite em mim, eu preciso que ela me escute. Seguro o seu braço. — Eu juro que posso explicar...

— Eu te odeio. Você é um mentiroso! — Ela se vira e desfere um tapa em minha face, sinto a pele arder. Fico tão chocado que permaneço estático com o rosto virado para o lado. — Eu nunca vou te perdoar... eu estava começando a acreditar em você, Koll Gardner! Você é pior que o Jordan... é falso como todos que conheci.

Nenhuma mulher nunca tocou em mim dessa forma, mas não é isso que dói. O que dói é perceber que Christina nunca seria capaz de confiar em mim. Meu coração está sangrando e eu nem sei como juntar os pedaços do chão, pois eu a amo muito, mas não posso mais fazer isso...

Minha mãe, Gad e Tess estão no corredor, assistem à cena e ficam tão chocados quanto eu. Tesha está pronta para pular no pescoço da Christina, mas quando vê Naomi sair do meu quarto enrolada no lençol azul-claro, acaba dando meia volta, bufando e murmurando “*Idiotas... são dois Idiotas... estão estragando tudo!*”.

Christina continua com os braços cruzados, irada, desejando que eu “*mint*”, mas eu não tenho mentiras e nem verdades para contar, já que minhas palavras seriam apenas como folhas ao vento em seus ouvidos.

Eu nunca disse a outra mulher que a amava, nunca entreguei o meu coração como entreguei a ela. Nunca fiz amor com outra que não fosse ela... se a mulher que eu amo não percebe isso... se a mulher que eu amo me julga como um mentiroso... então não tenho mais nada a dizer.

Dou as costas e a deixo para trás.

Acabou, Christina, acabou para nós dois. Eu sei que você não esperava por essa atitude, mas meu coração sangra e eu não posso continuar.

— KG, abre... minhas roupas! — Naomi bate na porta e eu abro apenas para ela passar, em seguida fecho novamente. Sento-me na poltrona, escoro os cotovelos nas pernas e o queixo sobre as mãos cruzadas.

— Nay! O que você faz aqui? Nós acabamos o nosso relacionamento.

— Observo o seu cabelo loiro cobrir toda as suas costas enquanto coloca o vestido.

— Achei que isso colocaria um fim apenas na relação status. — Ela suspira decepcionada. “Droga”. Eu devo ser um merda mesmo. Em qual momento eu dei razão para alguém não me levar a sério? — Você devia ter dito...

— Eu disse que estava gostando de outra pessoa — a interrompo.

Eu odeio quando tenho que agir dessa forma, eu odeio quando tenho que me sentar em uma cadeira e fazer papel de vilão para ser escutado. Ah... garotas... o que há de errado com vocês? Será que não conseguem enxergar quando um homem as ama de verdade?

Então me deixe revelar uma coisa: quando um homem ama, ele só ama uma vez e isso fica para sempre dentro dele. É de verdade e é eterno! Mesmo que não dê certo.

— Não pensei que fosse tão sério... desculpe! — Ela se ajoelha entre minhas pernas para me encarar. — Você realmente está gostando dela... e eu atrapalhei tudo, eu vou falar com ela agora...

Seguro o seu braço quando ela tenta se levantar e a abraço, a mantendo no lugar.

— Eu estou com vontade de te deportar para o Japão! — brinco, aliviando a tensão. Ela não tem culpa. Tínhamos um relacionamento aberto, nosso único compromisso era com a mídia.

— Por favor, não me mande para o Japão! Aliás... mande sim, pra Tóquio, lá tem ótimas propostas de carreira. — Beijo a sua testa, sinto que ela realmente está preocupada. — Me perdoe, por favor! Eu vou falar com ela e contar a verdade!

— Eu não vou correr mais atrás da Christina, eu cansei! — Suspiro fadigado, eu realmente cansei de fazer isso. — Eu já fiz todas as loucuras para provar que a amo, mas ela não acredita em mim... eu nunca nos abandonaria, mas acho que nunca houve um nós... acho que, pela primeira vez, a minha intuição soprou na direção errada.

— Vai desistir? — ela me pergunta e eu percebo que fiquei perdido em um mar de pensamentos onde nunca naveguei.

— Isso mesmo, eu desisto! — Eu preciso reiniciar! Devo deixá-la partir. Talvez o meu mundo seja muito diferente do dela, eu devo ser de Vênus^[1] e ela de Marte. — Ela nunca vai me amar como eu a amo!

— Talvez você a ame demais! — Os braços de Naomi circulam minha cintura, permaneço com o queixo sobre a sua cabeça. — O que você viu nela? Ela parece ser tão normal e você é tão...

— Eu achei que formaríamos o Yin-Yang perfeito. Sem ofensas, Naomi, mas eu não preciso de alguém parecido comigo.

— Ela é uma idiota! — Me levanto e abro o guarda-roupa, pego minha mochila, coloco algumas peças de roupa e a deixo sobre a cama. Visto o jeans preto e o tênis branco. Preciso voltar para a festa.

A festa continuava rolando graças a Gad. Um palco foi montado do lado de fora, onde apresentações musicais estavam sendo feitas.

Parece um show de calouros, tantas as pessoas que pedem para cantar.

Vejo Christina estática em frente ao palco, segurando o próprio cotovelo, se sentindo indefesa. Vê-la apenas faz o meu coração doer, pois não podemos mais ficar juntos, não dessa forma.

Talvez essa seja a coisa mais difícil a ser feita, mas é assim que deve ser.

Passo direto por Christina sem nem ao menos olhá-la, como se nunca tivesse a conhecido, porque eu estou desejando isso agora, Chris. Estou desejando não ter te conhecido. Por que você coloca o meu mundo abaixo quando eu tento te levar para o céu?

Eu estou caindo, Chris, e não é por orgulho. Eu estou caindo porque eu te amo desde o dia em que coloquei meus olhos em você. Eu estou afundando porque você não vai me amar como eu te amo. Acho que você nunca me amou, acho que eu estava vivendo uma ilusão quando pensei que estávamos finalmente juntos.

Encontro Deby no meio do caminho e sussurro no ouvido dela. Desculpa, minha amiga, mas seu dia de folga acaba junto com o meu. Ela dá um aceno positivo e segue minhas instruções.

Subo no palco, vou até Toddy, que está na mesa de mixagem, e digo no seu ouvido o que eu quero que ele toque.

Sigo até o centro do palco e encaro a plateia, que aos poucos diminui o barulho até finalmente o silêncio pairar. Eles me encaram curiosos enquanto ajusto o microfone no pedestal.

Desculpa, Chris, mas você precisa saber como eu me sinto pela última vez... eu juro, essa é a última vez, pois não posso ficar mais nem um segundo ao seu lado sem poder te tocar.

O público faz silêncio absoluto esperando que eu fale algo... encaro a multidão, tem menos pessoas que ontem. Meus olhos se perdem no infinito. Desculpa, Chris, mas eu não vou explicar mais nada. O seu tapa e suas palavras foram uma combinação maldita, que diz que fomos o mais longe que conseguimos ir.

— *“Baby, baby When we first met...”* — começo a cantar a música

“Rehab - Rihanna”, minha voz se espalha por todo o ambiente.

— “Baby, baby. Em nosso primeiro encontro eu nunca senti algo tão forte. Você era tipo minha amante e minha melhor amiga. Tudo embrulhado e com um laço em cima. E de repente, você foi embora. Eu não soube como seguir. É como um choque que me atingiu. E agora meu coração está morto. Eu me sinto tão vazio e oco.”

“E eu nunca me entregarei para outra pessoa como me entreguei para você. Você nem mesmo reconhece a forma como me magoou, não é? Vai precisar de um milagre para me trazer de volta. E você é a culpada. E agora eu me sinto como... oh!”

“Você é a razão pela qual estou pensando em não fumar mais estes cigarros.”

“Acho que é isso que ganho pelo pensamento ilusório. Nunca deveria tê-la deixado entrar pela minha porta. Da próxima vez que você quiser ir embora eu simplesmente deveria deixar você ir porque agora estou usando como eu sangro. É como se eu tivesse entrado num centro de reabilitação. E, querida, você é a minha doença.”

“Droga, não é uma loucura quando você está completamente apaixonado? Você faria qualquer coisa por quem ama. Porque sempre que você precisasse de mim, eu estaria lá. É como se você fosse minha droga favorita. O único problema é que você estava me usando e é um modo diferente de como eu estava te usando. Mas agora que eu sei que não era para dar certo. Eu preciso ir, eu preciso me livrar de você.”

Eu preciso ir. Eu preciso me livrar de você, Christina. As pessoas aplaudem... aplaudem a minha dor. Desço do palco sem dizer nenhuma palavra e os aplausos começam a se encerrar ao perceberem que aquilo foi um desabafo e não uma simples canção.

— Koll... — Escuto o grito de Gad. Subo na Harley Davidson, recebo de Débora minha mochila e meu capacete. — O que tá acontecendo, KG? Cara, não faz isso, fica aqui e resolve as coisas com a Christina!

— Não quero mais, ela nunca vai confiar em mim! — Tento colocar o capacete e ele segura meu braço.

— Eu vou confiar em você! Somos irmãos e eu estou ao seu lado, sempre! — Dou um aceno positivo. — Tem certeza de que quer partir?

— Já dei instruções para a Débora organizar a equipe.

— Certo. Vou logo atrás, assim que conseguir dar um fim na festa. — Olho para o outro lado e vejo que não vai demorar. As duas equipes de basquete já tinham começado a ajudar a limpar a bagunça e arrumar os ônibus.

A equipe da KGG se deslocou para a quadra para guardar os equipamentos de som e luz. Até quando tudo chega ao fim, vejo as pessoas se divertindo guardando mesas e coletando as latinhas no chão. São tão loucos quanto eu.

— Valeu, Gy! Te vejo em breve! — Fito os olhos de Chris pela última vez, ela me encara. Eu sei, sou um idiota, mas tem algumas coisas das quais não abro mão. Uma delas é confiança. Você deveria ter me dado uma chance, garota.

Coloco o capacete, aperto minhas mãos em torno do guidão e acelero a moto. Deixo tudo para trás! Era isso que você queria, Chris? Então colete você os pedaços do meu coração, porque eu vou buscar um novo.

PARTE 11- CÓDIGO DE HONRA E CONFIANÇA

E ncolho-me no sofá da biblioteca em frente à porta dupla que dá para o jardim, já são onze horas da noite e não dá para ver nada do lado de fora, mas, mesmo assim, eu continuo esperando por algo, não quero admitir que estou esperando ele voltar.

Minha atenção é desviada para a porta de correr que se abre revelado Scott, ele me dá um sorriso tímido e fecha a porta atrás de si. Olha para as estantes de livros, puxa o ar e finalmente vem ao meu encontro e senta-se do meu lado.

— Você sabia que os lobos são monogâmicos? — Scott inicia um assunto aleatório. — "Eles têm um sentido de lealdade e fidelidade. Não só é hábito formarem casais para toda a vida, como a sua ligação com irmãos e irmãs é tão forte como as relações entre os casais, criando assim toda uma relação familiar forte e duradoura".

— Isso é muito interessante, não sabia que os animais poderiam desenvolver o comportamento de fidelidade — respondo com um sorriso no rosto e ele continua.

— Eu li isso em um livro, deve estar em alguma dessas prateleiras. — Scott dá um sorriso amigável. — O que eu quero dizer, Christina, é que o Koll é como um lobo. Ele é leal!

— Infelizmente, eu constatei o contrário, desculpe, Scott.

— Eu sinceramente lamento o que aconteceu, mas algo não se encaixa! — Ele segura minha mão para que eu continue olhando em seus olhos. — Ele tratou você como uma rainha, Christina. Não faz parte da índole do Koll te trair justo aqui.

— Ele não quis nem se explicar... foi embora, sem nem ao menos tentar me pedir desculpas... — Solto o ar, mas, na verdade, queria soltar as lágrimas.

— A minha família tem um código de honra e fidelidade com todas as pessoas, não só com os parceiros. Quando esse código é ferido, eles partem! — O silêncio paira por alguns segundos. Scott continua falando. — E só voltam se você pedir desculpas.

— Como eu vou pedir desculpas, se foi ele... — Ele esfrega minha mão, me mantendo calma e continua a falar.

— Todos os meus filhos assumiram compromissos sociais, não por

dinheiro, mas sim por que eles acreditam que podem fazer o melhor para o mundo. A Tess leva justiça, solução e paz para pessoas que nem conseguem mais conversar — pausa. — Gad não é apenas um administrador, sabe quantas famílias dependem do funcionamento da KGG? Quando você pega uma empresa para administrar, você lida com vidas — continua. — O Koll não é apenas um locutor. Ele leva sonhos e sorrisos para pessoas simples. Pessoas que precisam sorrir depois de um dia difícil, pessoas que precisam de uma palavra que as motive a continuar seguindo os seus sonhos. Você percebe isso pelas pessoas que ele entrevista, pelas músicas que ele toca, pelo modo que ele age...

— Como se nada fosse impossível — completo.

— Exatamente. Meus filhos não olham para uma pessoa e veem um cifrão em cima ou uma roupa que você usa quando está na moda. Eles veem pessoas, e todas devem ser tratadas como únicas. Eu não estou aqui para te convencer de que ele não a traiu, mas, sinceramente, acho que você deveria conversar com o Koll.

— Se ele estivesse aqui, Scott, eu conversaria, com certeza. Mas o Koll desapareceu! — Ele dá umas palmadas sobre minha mão, dizendo que não sabe onde o filho está. — Acho que foi melhor assim, nós somos muito diferentes um do outro. Pela manhã eu também partirei.

— Você é sempre bem-vinda para ficar, minha filha. — Se levanta e me dá um beijo no topo da cabeça. — Obrigado por ter nos alegrado com sua presença!

— Eu é que agradeço por ter tido a oportunidade de conhecer uma família tão maravilhosa. — Ele se retira da biblioteca.

Olho para o relógio pendurado no fundo da biblioteca, já se passaram seis horas desde que ele partiu e levou tudo consigo deixando apenas um vazio. Tess partiu no fim da tarde com o marido e com os filhos.

Gad liberou a festa e partiu junto com a equipe da KGG. Informou que um carro viria me buscar pela manhã e deixou-me livre para comprar um bilhete para onde quisesse viajar. O tempo estava voando...

A casa estava praticamente vazia, apenas a presença do sr. e sra. Gardner, além dos empregados, preenchia o lar. Bem, era isso que eu achava até a porta deslizar para o lado e revelar *ela*... Bem trajada com um casaco de camurça vermelho com botões dourados assim como o seu cabelo solto.

— Posso entrar? — pede sem jeito. Viro o rosto e não a respondo. Achei que minha falta de resposta seria encarada como um não, mas Naomi

entra e fecha a porta.

Sem graça, ela caminha em passos tímidos, segurando a própria mão, rodando o anel de brilhante no dedo anelar. Para a caminhada e senta-se ao meu lado, onde fica me encarando em um silêncio constrangedor.

— Oi. — Dá um sorriso fechado e passa as mãos na meia-calça preta secando o suor. — Eu gostaria de conversar com você.

— Está nítido que não temos nada para conversar. — Eu tenho vontade de pular no pescoço dela, mas toda vez que eu desvio meus olhos para a sua face serena, eu só enxergo uma garota que parece um anjo. Mas até os demônios têm asas, certo?

— Eu sei que você não quer falar comigo, mas eu preciso contar a verdade — sua voz aveludada e sedutora tem um tom de urgência. — Não aconteceu nada entre Koll e eu. Eu entrei no quarto e me deitei na cama, quando ele percebeu que não era você, ele acordou e você abriu a porta. Ele acabou o noivado para ficar com você, mas eu não levei muito a sério. Até perceber o quanto ele gosta de você!

— Por que está me contando isso?

— Aquele cara mudou a minha vida! Eu nem sei se o que eu sinto por ele é admiração ou amor. Eu devo a verdade a ele! — Ela cruza as pernas e eu vejo a bota de salto. — O Koll ama você, mas ele ficou chateado com tudo que você fez e disse! Você o ama, Christina?

— Isso faz diferença, agora? — Eu joguei tudo fora.

— Faz, porque ele só está esperando um pedido de desculpas. Quanto mais tempo você demorar a fazer isso, mais muros serão construídos em volta dele. Vai chegar um momento que você não vai conseguir falar com o KG. Ele saiu daqui determinado a te esquecer, porque acredita que você não o ama.

— Eu estraguei tudo! — Ela dá um sorriso meigo.

— A culpa foi minha, me perdoe! Tínhamos um relacionamento aberto. — Ela coloca a mão no meu joelho. — Quando ele está errado, ele corre atrás de você, mas se é você quem errou, tem que pedir desculpas.

Ela se levanta e me deixa sozinha na biblioteca, refletindo sobre o seu conselho.

— Burra, burra, burra! — Como eu pude tratar ele daquela forma sem lhe dar a chance de se explicar.

Como eu não percebi o que estava acontecendo? Depois de tudo que ele fez por mim e todas as declarações que eu nunca recebi de nenhum homem. Ele transformou a minha vida em um sonho... e como eu o retribuo?

Subo até o meu quarto e pego minha bolsa.

Deus! Nem o Jordan eu tratei dessa forma, pelo contrário, uma semana

depois eu estava prestes a subir ao altar com ele. Eu dei a Jordan um voto de confiança, coisa que não fiz com o Koll. Eu preciso ir atrás dele, eu preciso consertar as coisas!

Entro na garagem da família Gardner, havia apenas um carro. Como assim só tem um carro? Ah, o da Ângela está no conserto. Não posso pegar o último carro disponível. Ouço um barulho, corro para fora e me jogo na frente do *Porch* vermelho antes que pegue velocidade. O vidro negro se abaixa.

— O que você está fazendo? — pergunta Naomi. — Eu podia ter te machucado.

— Você sabe para onde o Koll foi? — Ela dá um sorriso que diz “*bem-vinda a bordo*”.

— Entra aí, sua maluca!

PARTE 12- ADEUS VENEZA

(KOLL)

O mar Adriático à noite não é tão bonito, mas, mesmo assim, é elegantíssimo. Você vê os enormes cruzeiros chegando e partindo. É impossível não me lembrar do Titanic, não tem nada a ver com o fato do meu navio romântico também ter afundado, eu juro que não é isso! Mas se for pensar dessa forma, é bem engraçado.

— Não, obrigado! — O morador de rua sentado na encosta ao meu lado oferece um gole da sua garrafa de vodka. — Eu não bebo quando estou triste. — Dou um sorriso.

— Rapaz, a sua história é tão maluca que parece mentira. — Ele bebe um sorvo e fica perdido, olhando para o infinito.

— Quando você disse que era aviador, eu não te chamei de mentiroso! — Entrelaço as mãos inclinando o corpo para frente.

— *Oh...ou...* não é mentira! — Ele já está um pouco tonto. — Você disse que sequestrou a garota, você tem um parafuso a menos, *hein...*

Ergo a sobancelha e acabo rindo junto com ele.

— Eu sei lá! Foi a primeira coisa que me passou na cabeça quando chegou a notícia que ela ia se casar. Se dependesse da Christina, ela teria se casado só por medo de dizer um não em cima do altar. Então eu a raptei! — Ele enfia a mão no casaco marrom e tira uma carteira de couro velha, abre e estende a mão enfaixada.

— Ela deveria ter sido a minha esposa. — Ele estende o braço entregando a carteira. Pego e vejo as fotos. Não é que ele foi aviador! Tem uma foto dele com a farda branca em frente ao avião com os amigos, a outra imagem tem uma moça que parece indiana e a última fotografia era da mesma mulher com uma garotinha.

— O que aconteceu? — Entrego a carteira.

— Tivemos uma noite, eu parti como sempre fazia em toda cidade que chegava, ela engravidou e me esperou voltar. Um dia ela desistiu de esperar e se casou com um cara! — Ele parece ser um cara bacana, só precisa de um novo início. — Eu não sabia que gostava tanto dela, até perceber que a perdi. Eu deveria ter sido corajoso como você e a sequestrado também... não, eu não faria isso! Mas eu deveria ter dito a ela que eu a amava. Agora acabou para mim.

— Ainda não acabou, você pode ir atrás dela! Mesmo que não dê certo, pelo menos conhecerá a sua filha. — Ele parece emocionado, é por isso que eu não bebo quanto estou triste, parece que o problema cresce e vira um monstro maior do que realmente é. — Faz o seguinte: larga essa garrafa, se hospeda em um hotel, corre atrás da sua carreira e assim que estiver melhor, vá atrás das duas. Talvez elas ainda estejam esperando você voltar!

— Você é um cara gente boa! Por que não volta para a sua garota também? — O ajuda a descer da mureta antes que caia no mar.

— É diferente, ela já me chutou! — Trocamos umas risadas.

Às vezes, as pessoas questionam o que se passa na minha cabeça, como se eu fosse um louco por escolher fazer o que realmente quero. Eu não me importo, porque, no fundo, nós sabemos... o que essas pessoas pensam não nos interessa!

Por quê? Porque nossa felicidade é mais importante do que uma mera máscara social. No final, as pessoas gostam do que é diferente.

Não reprima o seu verdadeiro eu, não finja ser algo que você não é. Francamente? Eu sou a pessoa mais normal que você vai encontrar, porque eu sei onde eu estou dentro de mim mesmo.

Meus dedos caminham pelos livros procurando algo que estimule minha próxima jornada.

— Posso ajudar? — A senhora rechonchuda usando uma blusa de frio de lã vermelha me lança um sorriso meigo.

— Você tem algum livro em português? — Seus olhos verdes se encolhem e ela busca na memória.

— Você é de onde? — Estende a mão. — Sarah Albuquerque.

— Koll Gardner. Estados Unidos, mas eu me considero de muitos lugares. — Sarah tem uma expressão tão serena que chega a me contagiar com a sua tranquilidade. — Viajo para o Brasil em dois anos, então espero aprender o idioma até lá.

— Vamos para a prateleira dos fundos, você tem que pegar um livro que já tenha lido no seu idioma. — Ela passa por mim e eu a sigo. — Já tem alguma fluência?

— Um pouco. — Vejo o cabelo loiro amarrado para trás em um rabo frouxo. — Já têm uns três anos que estudo.

— Você fala bem italiano. O que mais você fala? — Ela puxa um livro da estante. “*A Cabana*”. — Já leu esse?

— Espanhol. — Me mostra o livro. — Já li, tirando Deus fazendo os biscoitos, o resto é tão triste. É uma história linda, mas eu queria algo mais alto-

astral. Hoje não é dia para esse tipo de leitura.

— Entendo. — Guarda a obra no lugar. — E o que desencadeou o interesse por tantas línguas?

— Trabalho. Eu sou locutor da KGG, uma rádio americana. — Ela tira outro livro “*Como Eu Era Antes de Você*”. Sarah olha a sinopse. — Eu ainda não li o livro da Jojo.

— Dizem que é bom, mas também é triste! — Ela franze o rosto dando um sorriso e eu dou um aceno negativo. De modo algum, história triste! Ela o guarda. — Você não gosta muito de romance, certo?

Pergunta enquanto dedilha.

— Gosto, mas hoje eu já estou vivendo o meu drama pessoal. — Ela tira o “*Relicário - A História dos Mundos*” de Estefania Cristina, e me entrega. — Esse é bom, li no verão passado.

— A minha filha ouve a sua rádio pela internet. — Caminho junto dela até o balcão.

— Quantos anos ela tem? — Abro a carteira e tiro o cartão de crédito.

— Vinte e seis. Já não mora mais comigo. — Me entrega a nota. — Ela gosta muito da moça...

— A Deby! — Sorrio. — Ela é incrível mesmo. Quer tomar um café comigo?

— Claro. — Sarah dá a volta e me acompanha até o outro lado. Peço dois cafés com Alpino derretido. A jovem garota de cabelos escuros presos coloca as xícaras brancas sobre a mesinha redonda. — Você veio a trabalho para Veneza?

— Mais ou menos. Vim fazer um trabalho para a revista de turismo BOH. Aproveitei e trouxe uma garota. — Sopro o café e vejo o sorriso fechado de Sarah. As bochechas redondas dela são coradas como maçãs.

— Cadê ela?

— Aconteceu um mal-entendido e a gente brigou. — Consigo bebericar a bebida doce.

— Em Veneza? — Ela arqueia uma de suas sobrancelhas perfeitas. Ela fica pasma com o fato de alguém ter conseguido brigar no lugar mais romântico do mundo.

— Na verdade, estávamos em Bolzano, na casa dos meus pais.

— Fica a umas três horas de viagem.

— Na verdade, eu gastei duas horas, estava de moto. — Ela mexe a sua bebida com uma colher transparente. — Acho que foram duas... eu saí de lá eram umas seis, cheguei às oito...

— Você deve estar todo dolorido.

— Nem me fala! — Trocamos uma risada. — Falando nisso, eu vou me hospedar em algum lugar e descansar um pouco. Antes das três, eu quero estar no metrô.

— Foi um prazer te conhecer, senhor Gardner! — Ela se levanta e me dá um abraço carinhoso.

— Apenas Koll. O prazer foi meu, Sarah, posso te chamar de Sarah? — Ela dá um aceno positivo. — Obrigado pela companhia.

— O próximo café será por minha conta se você voltar.

— Volto com certeza! — Ergo suas mãos e dou um beijo, logo após vou ao encontro da saída, onde me deparo com o enorme pátio da Praça de São Marcos.

Parece que a Christina deixou a sua marca em todos os lugares, porque tudo me faz lembrar dela. O Museu, a igreja, o restaurante, as pontes... Veneza parece ter até o seu perfume.

Eu preciso sair dessa cidade agora, olho para o lado e vejo a entrada da estação Santa Lucia. Sigo direto e vou até o guichê, onde compro um passe — *Grazie* —, agradeço e sigo em direção ao corredor, lá paro para assistir um rapaz que toca violino divinamente.

Coloco uma nota na case do instrumento. Não fico tempo suficiente para ver a próxima música, passo o cartão, atravesso o saguão e desço um curto lance de escadas.

Mal chego e o trem para e abre as portas. Entro, olho para fora e sinto um aperto no peito, desejando voltar imediatamente, desejando vê-la... A porta se fecha deixando tudo para trás.

— Adeus, Veneza! — Na verdade, o meu adeus é para você, Chris, você nem imagina como isso dói.

Solto o ar e escolho um banco, o trem atinge a velocidade e entra na linha que passa sobre o rio. Eu preciso estar em movimento mesmo quando estou parado. Fecho o zíper da jaqueta preta.

Eu poderia ter pegado um avião no aeroporto de Marco Polo, mas de acordo com o site não tem mais voos disponíveis para hoje, então desço em Milão e embarco lá.

Ou poderia ter fretado um jatinho... penso depois que sento. “*Ah, deixa pra lá*”. Agora eu já embarquei no trem. E quem marca essas coisas para mim é o Gy.

De qualquer forma, para que a pressa? Eu não tenho planos para essa noite. Nem sono eu tenho. “*Mas, eu tenho a sua companhia*”, penso ao tirar o livro da sacola parda e colocar os fones nas orelhas.

PARTE 13- A OPORTUNIDADE PASSOU

Você já cometeu um erro terrível e tudo que lhe restou foi orar? Orar para que Deus consertasse aquilo que antes não precisava de conserto... até você quebrar?

Eu poderia me justificar com o fato de ter motivos o suficiente para acreditar que Koll havia me traído, eu poderia ser orgulhosa e alegar que ele não tentou se defender — o que ele poderia realmente ter feito, antes de me dar as costas —, mas o meu orgulho não vai trazê-lo de volta. O meu orgulho não vai preencher a falta que ele faz quando está tão distante do nosso amor.

Eu já perdi o Koll há dez anos por não deixá-lo se aproximar. Eu não vou correr o risco de perder o Koll outra vez. Eu tinha medo... Medo de tudo que ele representava, eu tinha medo do espírito livre que ele carrega dentro de si, mas a verdade é que eu sempre quis ser assim, e ao lado dele eu me sinto livre, ao lado de Gardner eu sou apenas... eu.

Imagine acordar todos os dias livre do fardo de ter que ser algo para alguém: livre de ter que ser a dama que sua mãe deseja, livre de ter que ser a esposa... ou a profissional que a sociedade deseja, livre de ser a garota exemplar que come, fala, age como todos querem! Livre de tudo que te preocupa!

É assim que eu me sinto ao lado do Koll.

Às vezes você só quer que alguém te aceite por inteiro. Agora eu oro na capela silenciosa da minha mente, oro para encontrá-lo quanto antes, porque eu não quero que nada mude entre nós.

Eu sei que eu disse que ele era um idiota, uma criança, um completo maluco..., mas nada que eu pensei sobre Gardner algum tempo atrás importa, o que realmente importa é o que eu sinto.

E eu sinto que amo o fato dele ser um completo maluco, porque ele faz com eu me sinta fora da realidade, amo que ele seja infantil o suficiente para ter um coração puro, e que seja idiota o suficiente para não ter desistido de mim, depois de tantos anos!

Espero que ele me espere um pouco mais. (Risos)

— Você consegue ir um pouco mais rápido? — Naomi me olha de soslaio com um sorrisinho e enfia o pé no acelerador.

— Que bom que você pediu! — Seguro o ar por alguns segundos sentindo o meu corpo afundado no banco. — O KG me disse que você era toda certinha... enfim, pelo visto nem tanto!

— É... pois é! — Caramba, ela é maluca, mas eu estou com pressa. —

Só cuidado com a pista!

Meu coração está na boca. O carro parece voar de tão rápido, se não fosse pelas curvas eu diria que os pneus não estão tocando o asfalto.

— Se tem uma coisa que eu sou boa é no volante! — Ela passa a marcha e eu vejo o velocímetro ultrapassando 120 km. —Relaxa, querida, vamos encontrá-lo.

Eu não vou relaxar de forma alguma, eu pedi para ela ir rápido, não para virar o Ayrton Senna. Meu Deus! Espero chegar viva em Veneza.

— Como assim vocês não têm mais passagem para França? — Naomi se joga no balcão discutindo com a atendente, que fala algo em Italiano que eu não compreendo.

— *“Scusi signorina. Non ci sono più biglietti. Per favore, si allontani, sta interrompendo il servizio.”*

(Desculpe, Senhorita, acabou, por favor, se retire, está tumultuando o atendimento.)

— Eu não estou entendendo você e nem quero, chama o gerente! Que absurdo, eu sou Naomi, vê? *“Trasuda potere, anche tu.”*

Ela aponta para o cartaz do outro lado com a imagem dela borrifando o perfume que carrega o seu nome como marca e o slogan *“Exale poder você também”*.

— *“Signorina, mi dispiace, ma i biglietti sono finiti ore fa.”*

(Senhorita, eu sinto muito, mas os bilhetes acabaram há horas.)

A atendente está ficando quase maluca tentando explicar para Naomi que é impossível arrumar lugar para nós duas, ainda hoje.

O escândalo que Naomi está arrumando toma proporções tão grandes que o diretor-geral vem pessoalmente atendê-la.

— *“Signorina Naomi”* — Um senhor muito bonito e elegante com o cabelo levemente grisalho faz um sinal para que ela o acompanhe.

— Espera aqui! — diz ela, dirigindo-se para dentro do elevador e o acompanhando para a diretoria.

Eu me sento na cadeira branca, vendo as pessoas que chegam e partem. E eu ali, junto com os que esperam para decolar. Há uma senhora sentada uns quatro bancos à direita de onde eu estou.

Ela é gordinha, com fisionomia indígena e tem duas tranças que ultrapassam a cintura. Sua saia florida vai até o chão, sua bolsa é um lençol amarrado... uma trouxa. Ela parece vir de longe. Parece uma viajante que agora colocava no seu álbum de memórias mais uma viagem.

Respiro fadigada de observar cada detalhe do aeroporto, eu estou

contando cada segundo desde que aquela louca sumiu na tentativa de arrumar um voo.

— Chris! — Escuto meu nome e olho por entre as pessoas, a vejo dar um aceno chamando minha atenção com um sorriso lindo no rosto. Levanto-me e vou até ela. — Eu tenho duas notícias. Uma boa e outra ruim. Qual você quer ouvir primeiro?

— A ruim! — Ela franze o rosto.

— Você é sempre negativa? — Passa a mão por baixo do meu braço e me puxa em direção à saída, caminhando como se fossemos amigas. — Não importa... A notícia ruim é que eu consegui o voo somente para amanhã às quatro da tarde.

— Isso é péssimo! — Ela para em frente a uma máquina de sorvete.

— Quer um? — Ela pega o seu e eu dou um aceno negativo. — A notícia boa é que o Koll não embarcou, e não comprou nenhum bilhete.

— Sério? — Ela levanta as duas sobancelhas, dando um aceno positivo enquanto lambe o sorvete. Droga, por que tudo que ela faz fica parecendo pornográfico? — Como vamos descobrir onde ele se hospedou?

— Tem certeza que não quer? — Ela dá sinal para o táxi, que para, eu abro a porta e entro primeiro. — “*Alla stazione Santa Lucia, tesoro.*” (Para a estação Santa Lucia, querido). Ele não se hospedou em lugar nenhum, eu tenho certeza.

— Por que ele iria de trem? Demoraria horas para chegar e seria cansativo. — Ela enrola o guardanapo e joga fora.

— O Koll é do tipo de pessoa que precisa estar em movimento, principalmente quando está chateado. Algo que é muito difícil de acontecer. E sem falar que ele tem que ir para a França, nem que seja voando. O que em Veneza, pelo menos, será impossível no momento!

Damos uma gargalhada.

— Você o conhece bem. — Fico triste... corrigindo, com ciúmes, por não o conhecer assim.

— Amigos costumam se conhecer bem. Você vai ter tempo para isso! — Ela dá um sorriso doce. — Você vai descobrir que ele é bem mais previsível do que imagina.

— Vocês dois se parecem tanto, combinam! — Ela faz um beicinho pensando e olha para cima. — Não entendo...

— Eu pensei a mesma coisa... — Ela puxa o ar e a dúvida parece transformar-se em convicção em sua mente. Naomi coloca a mão na minha coxa e conclui a frase. — Você é a melhor opção para ele.

— Por que diz isso?

— Não é só o Koll que é previsível, eu também! — Ela sorri, pega minha mão e massageia. — Você é diferente... E aí tudo parece novo com você. Acelerar um carro, pegar um voo, encontrar o Koll... sendo que isso é a coisa mais fácil do mundo. Tudo vira missão especial ao seu lado. Imagino o trabalho que ele deve ter para fazer você dizer que gostou de algo. Você parece ser muito exigente. Enquanto nós dois apenas nos jogamos de cabeça.

— Eu nunca tinha me visto dessa forma! — Um curto silêncio se faz presente. — Na verdade, eu gosto de tudo que ele faz, mas eu prefiro não dizer. Eu me divirto vendo-o se esforçar tanto, sendo que não precisa fazer nada para me conquistar.

— Tá vendo, é isso aí! Vocês se completam. — Ela vê a pulseira. — Oh, meu Deus!!!

— O que foi, o que tem de errado? — Fico assustada com a cara de espanto dela.

— Ele te pediu em casamento! — Ela me dá um abraço apertado.

— Não, ele não pediu! — Céus! Onde o Koll arranja tanta gente grudenta?

— Isso aqui. — Entrelaça sua mão na minha e estende o meu braço sacudindo a pulseira. — Significa casamento na família Gardner. Ele escolheu você, mesmo que ainda não tenha feito o pedido. Motorista, acelera, querido! Nossa! Ele te ama mesmo!

Ela se escora no banco e me olha.

— Tô muito feliz por vocês dois, é sério! Lamento ter atrapalhado. Eu juro que só paro de ajudar quando vocês se reconciliarem.

— Obrigada, Naomi! — Fico até sem jeito com o modo que ela está me tratando.

— Me chama de Nay, querida!

— Eu tinha uma visão totalmente diferente de você, fico feliz que eu tenha me enganado. — Na verdade, eu achei que ela era uma vadia e, constantemente, eu tenho que enviar um sinal de correção para o meu cérebro informando que nos enganamos.

— Tudo bem, não é só você que tem essa primeira impressão.

— Duas perguntas: como você conseguiu o voo para nós e como descobriu que o Koll não embarcou?

— Resumindo. Eu transei com o diretor do aeroporto. — O táxi para e ela abre a porta.

— Ah... Ok... — fico sem palavras. Ainda bem que não aceitei o sorvete que ela me ofereceu dentro do carro.

Sigo Naomi que, tão determinada quanto eu, fura a fila e vai direto ao guichê sem se importar com os comentários atrás de si. Não temos tempo para seguir regras. Quando você estiver a um passo daquilo que mais deseja, agarre a oportunidade com unhas e dentes. O quão grande for o seu desejo, maior deverá ser o seu esforço.

— Esse rapaz já passou por aqui? — Nay pergunta e mostra a foto em seu celular.

— “*Lady, per favore, prendere la coda*” (Senhora, por gentileza, pegue a fila) — a moça informa. As pessoas começam a reclamar, mas foda-se, eu não entendo o que elas dizem mesmo.

— Você me entende? — pergunto e ela dá um aceno com a cabeça. — É o seguinte, nem eu, nem minha amiga vamos embora até responder a essa pergunta, vai ser mais rápido.

— Júlio, você o viu? — O outro atendente estica o pescoço e vê a foto.

— Estava de jaqueta e boné vermelho, virado para trás? — ele pergunta.

— É, isso mesmo! — nós duas gritamos juntas.

— Ele desceu há pouco tempo. — Sinto um frio subir pela minha barriga e congelar meu coração.

— Pelo amor de Deus, eu preciso de dois passes. É urgente! Se eu não chegar a tempo, eu vou perdê-lo. — A moça revira os olhos e dá um sorriso entregando os cartões.

Aqui é Veneza, terra dos amantes apaixonados, essas coisas acontecem o tempo todo!

— Vai logo, eu pago. — Deixo Naomi para trás e corro o mais rápido que posso. Tento me desviar das pessoas, mas acabo esbarrando em algumas.

— Por favor, Koll. Me espera! Koll? — grito desesperada para ter sinal dele, mas minha voz ecoa.

Desço a escadaria torcendo para encontrá-lo no fim. Torcendo para encontrar o seu abraço.

Quando chego à plataforma, vejo o metrô sumindo para dentro do túnel. A oportunidade passa diante dos meus olhos. Fico ali, congelada no mesmo lugar e toda culpa que eu tentei esconder me devora de uma vez. Tento segurar as lágrimas, mas elas vão caindo até se transformarem em um choro cheio de dor.

— Christina? — Naomi me alcança, ela parece ter corrido bastante com aquelas botas. Ela joga o braço por cima do meu ombro e me abraça. —

Calma, Chris, vai ficar tudo bem!

— Eu sou uma idiota. Não devia ter deixado ele partir! — Minhas lágrimas parecem querer me afogar.

— Não, você não é uma idiota! A culpa foi minha. — Ela me aperta mais. — Amanhã vocês ficarão juntos, vai dar tudo certo! Oh, Deus, coitadinha, o Koll é um idiota. Se ele soubesse o quanto você o ama, não teria partido.

— Mas, ele não sabe! — Passo a mão no nariz limpando a coriza.

— Amanhã ele vai ficar sabendo.

— Eu vou pegar o próximo metrô.

— Ah, não vai mesmo! É melhor sofrer no conforto de uma cama e pegar um voo amanhã, do que sofrer sentada em um banco desconfortável a noite toda — ela me leva em direção à saída. — Vamos ter uma noite de meninas, vamos comer besteira e falar mal de garotos a noite inteira!

— Achei que vocês fossem parecidos! — Ela abre a pequena bolsa preta de couro e me entrega um lenço.

— Nesses casos, sou a favor de luxo e conforto em primeiro lugar. Se anima! — Ela esfrega a mão no meu braço. — É a primeira DR que vocês estão tendo. Vai dar tudo certo!

— Você é muito otimista — digo.

— E você, negativa, alguém já lhe disse isso? — Ela sorri.

— Já, mas estou ouvindo com certa frequência esse mês.

PARTE 14- TÁ NO AR EM BERCY PARIS

(KOLL)

A presento o crachá de liberação dando acesso à minha entrada na Arena Bercy Paris, com certeza esse é o meu lugar favorito. *O AccorHotels Arena*, geralmente abreviado como *POPB-Bercy*, é uma arena na França, localizada em Paris. A arena recebe diversos eventos como partidas de hóquei, basquete, futebol e shows musicais.

Então você já deve imaginar como eu estou me sentindo.

Olho para o relógio, faltam algumas horas para a entrevista, resolvo ir para o bar do Bercy. Preciso tomar algo forte, agora eu posso... e mereço. Sobrevivi a horas de viagem dentro do metrô e do avião. E seis horas mal dormidas no hotel “*La Bella Paris*”.

Sento-me no banco alto, o design clean do bar é bem elegante, mas eu preferia estar bebendo uma garrafa de cerveja numa taberna longe desses olhares. É impressão minha ou quando você não está no seu melhor dia parece que as pessoas ficam olhando para você?

— Me diga uma coisa, tem algo estranho nas minhas roupas? — digo percebendo uma presença feminina que se senta ao meu lado e me observa disfarçadamente.

— Não são as roupas — diz a voz aveludada e ao mesmo tempo imponente. Viro o rosto para encará-la. A jovem mulata de cabelos cacheados passa a fita azul por cima do pescoço tirando o crachá e colocando-o na mesa.

— Então o que é? — Ela se mantém firme, dentro de um vestido tubinho preto, olhando para frente e a primeira palavra que sai dos seus lábios carnudos é direcionada ao barman.

— Dry Martine, por favor — ela se escora nos cotovelos, quebra a postura ereta se igualando a mim e direciona seu olhar para dentro dos meus olhos, com um sorrisinho bem-humorado. — Samanta Joseph Simpson.

— Koll Gardner — deito a mão no balcão e ela pega oferecendo um cumprimento suave, mas carregado de autonomia. — A sua pegada diz: Sou decidida e gosto de mandar.

— Vamos substituir a última parte por “gosta de liderar”! — Trocamos uma risada.

— Então, o que tem de estranho?

— Seu sotaque, sua pele bronzeada e o fato de estar bebendo sozinho — o barman serve a bebida dela.

— Não estou mais sozinho! — Ela dá um sorriso lateral.

— De onde você é? — pergunta e depois leva a taça à boca.

— Carolina do Sul e você?

— Nova York — diz em um tom simplista.

— O que faz aqui? — Dou sinal para que o garçom me sirva outra dose de conhaque.

— Cobrindo o evento — antes do copo chegar a minha boca eu paro e o coloco de volta no balcão, analisando o nome dela.

— Espera um minuto! Você é a S.J Simpson, jornalista da folha de jornal “*Hora H*”? — Ela dá um aceno positivo com a cabeça. — Eu sou seu fã. Caramba, achei que você fosse um homem.

Me volto em sua direção cheio de curiosidade a observando dar uma gargalhada.

— Por que pensou isso?

— As coisas que você já fez para conseguir capturar certas matérias. Nossa! Você invadiu a casa do ministro! Eu me pergunto até hoje como você não foi presa — ela brinca com azeitona no copo. S.J Simpson é uma jornalista que não mede esforços para trazer à tona o que está escondido, exceto sua identidade.

— Não fui presa, mas fui processada. Sabe quantos processos eu tenho por loucuras como essa?

— Não faço a mínima ideia! Mas, com certeza, são muitos! — Ela se diverte.

— O que você faz para fugir dos seus processos? Porque já te vi fazendo algumas matérias especulativas na rádio — me viro para frente segurando o sorriso com o misto de orgulho. Garota perigosa! — Ah, qual é KG, não tem nada oficial aqui.

— Tem vezes que um bom acordo é melhor que expor literalmente alguém.

— Você é um traidor! — Samanta brinca. — Você deveria estar expondo o lixo e não escondendo ele debaixo do tapete.

— Eu não ataco os meus adversários, eu prefiro submetê-los ao medo de uma possível exposição. Isso me traz benefícios em quase todos os lugares, e sem falar que a pessoa costuma mudar de verdade o seu comportamento. Ninguém quer ser desmascarado.

Seu copo vai de encontro ao meu e o tinir de sabedoria prevalece no

brinde, mas eu sei que não concorda com os meus métodos.

— Eu trabalho de forma diferente, sou uma eterna protestante que luta pelos direitos do povo. Gosto de colocar as cartas sobre a mesa — sua mão desliza sobre o balcão quando diz isso. — Falando em cartas na mesa... — giro os olhos, jornalistas, eu esqueço como podemos ser invasivos. — Você sabe que o meu bloco no jornal é sobre política, e eu preciso saber! Inúmeros boatos correm sobre você é a família Watson.

— Verdade? — digo em tom de ironia e viro o copo. — Quais?

— O primeiro é que você sequestrou a noiva de Jordan Watson, filho do governando que mora em Tennessee — ergo a sobrancelha concordando, mas esperando para ver as próximas. — O segundo é que você e a moça tiveram um tórrido caso pelas costas do seu amigo, Jordan.

— Meu Deus, falando assim eu me sinto um filho da puta — sorrio vendo o fundo do copo vazio, mas a deixo continuar.

— E, por fim, disseram que a família Beckham faliu e resolveu chantagear os Watson com a sua ajuda. E que ela ganhou uma grana preta e fugiu para Veneza — isso é ruim, coloco o copo no balcão e fico muito sério.

— A Christina jamais faria isso, Senhorita Simpson. Antes que me questione. Eu não tenho porquê mentir, posso garantir privacidade à vida das pessoas com as quais eu me envolvo, mas a minha vida é um livro aberto. Isso não é da índole da Chris.

— Mas, vocês estão juntos?

— Não — a única palavra sai em um tom seco. Que inferno, não queria estar falando sobre isso agora.

— Desculpe, eu peguei pesado com as perguntas, mas eu não sou jornalista do “Hora H” à toa. Se você acompanha mesmo o meu trabalho sabe como eu sou.

— Não se desculpe por ser uma mulher decidida, se a Chris tivesse um pouquinho disso... — ela inclina a cabeça esperando eu concluir a frase. — Você não veio aqui para me entrevistar, quem é a celebridade?

Ou será que ela veio exatamente atrás de mim?

— Ganhei uma entrada franca para o show, e acesso livre ao camarim da Lady Gaga — fico de boca aberta.

— Tá brincando?

— É sério! — olho para o meu relógio, preciso me juntar a minha equipe.

— Caramba, eu queria ter um momento com a Gaga! Como ela é? — Ela se levanta.

— Você ia amar, é bem o tipo de matéria que você costuma fazer.

Vamos, eu te acompanho. Vou arrumar minhas coisas, quem sabe você não dá sorte e tromba com ela!

O segurança libera a nossa entrada, não resisto e acabo seguindo Samanta.

Ela bate na porta com a placa dourada escrito o nome [Lady Gaga] e uma estrela em baixo. Samanta gira a maçaneta e entra, e eu a acompanho, meus olhos correm pelo ambiente, infelizmente nem sinal de Gaga.

Apenas um tumulto da equipe de dança, figurinista e maquiadores. Me escoro em um canto com a Samanta atrás do cabideiro, onde os mais inusitados figurinos estavam pendurados. Vejo um monte de garotas a frente troncando de roupa sem se importar com quem está à volta.

— Lamento, ela já deve ter ido! — diz apertada contra a parede ao meu lado.

— Tudo bem — me viro em sua direção.

— É uma verdadeira loucura isso aqui!

— Eu gosto disso, sempre preferi correr atrás de entrevistas de pessoas interessantes que somam algo — sorrio vendo uma garota passar correndo apenas de calcinha e segurando os seios.

— É por isso que evita pessoas polêmicas? — Odeio entrevistar políticos.

— Você é polêmica e eu não estou te evitando — até o maquiador da equipe da Gaga tem um estilo diferente, que incrível. Volto meu olhar para Samanta. — Certo, eu admito, a resposta é sim para a sua pergunta. Se você quer acender uma luz na mente de alguém precisa mostrar algo bom.

— Está dizendo que eu escancaro as coisas ruins e não tenho sucesso?

— Ah você tem muito sucesso S.J Simpson — franzo o cenho. — Qual é? Tá tentando me converter igual testemunha de Jeová ou está disputando qual jornalismo é mais eficiente?

Ela dá uma gargalhada.

— Um pouco dos dois! É apenas uma forma maluca de te conhecer melhor. Você é uma pessoa muito divertida, Koll Gardner.

— Para onde você vai quando sair do Bercy?

— Caribe — ergo as duas sobrancelhas vendo-a se abaixar e colocar a bolsa de mão na mala de rodinhas jogada na minha frente. — Estou de férias.

— Eu também! — Um curto silêncio se instaura. Bem... não tão de férias assim.

— Que ir comigo? — Fico um pouco desconfortável com o convite.

— Olha Samanta, eu até quero, mas...

— Mas? — Ela se levanta e me encara com aqueles olhos castanhos

que parecem duas jabuticabas.

“Deus! O que o Senhor está querendo, me enviado SJ.Simpson de saia?”

Ela não é apenas bonita. É uma fonte de inspiração e de aprendizagem sobre um novo jeito de fazer notícia. Colocando na balança tudo que nós dois já fizemos, minhas loucuras viram brincadeira de criança perto das loucuras dela.

— Então, o que vai ser? Vou ter que te sequestrar? — Dou um sorriso e me lembro de tudo que fiz pela Christina. E agora tem alguém aqui querendo sacudir a minha vida.

— E como você me sequestraria? — provoco.

— Acho que você é quem é o “expert” aqui nisso, que tal me dar umas aulas? — Toco o seu queixo, que já está levemente inclinado em minha direção e o puxo com suavidade para um beijo. Um beijo leve, que ganha intensidade quando ela passa a mão dentro do meu blazer e eu envolvo sua cintura.

Quando Samanta volta a me perguntar se eu vou com ela, eu tenho a resposta na ponta da minha língua... ou será que é a boca dela? Eu tenho muitas coisas nesse momento entregues de bandeja. Não preciso nem dizer qual é minha resposta já que ela é um tanto quanto óbvia.

Sigo pelo extenso corredor ouvindo os vários berros da plateia que grita “Fire” curtindo o som do “Bangtan Boys”, uma banda de KPOP^[2]. Eu não sou muito fã do estilo, mas os garotos mandam bem pra caramba.

Se eu pudesse me misturava no meio da multidão, mas o fato de estar no meio da diversão não significa que estou aproveitando ela. Bato na porta branca com a placa dourada com o nome [ANAHÍ].

— Garotão você chegou! — Débora abre, me dando um abraço e logo vejo Anahí sentada de frente a penteadeira, ela me lança um sorriso enorme e um tchauzinho, esperando a cabeleireira lhe liberar, por fim ela se levanta e vem ao meu encontro.

— *Hola, chica!* — Lhe dou um abraço.

— *Yo estaba ansiosa por conocerte* — ela é toda fofinha e alegre. Amo os latinos!

— *No más que yo, mi querida!*

Logo vejo Christian Chávez e Alfonso Herrera, os antigos integrantes do RBD. Vieram apenas prestigiar a amiga, que logo irá participar do show beneficente, “Todos Juntos Pela Paz”. É uma campanha para angariar fundos

para as famílias vítimas de guerra. Entre os apoiadores do evento está a KGG.

Os garotos me dão um aperto de mão e a gente conversa sobre assuntos recorrentes ao evento. Damos boas risadas. Aproveito para assaltar a mesa de doces do camarim. Deus! Isso é beijinho? Há quanto tempo eu não como beijinho, desde o meu último aniversário. (Risos)

— Koll, a Anahí topou fazer a matéria em inglês para atingir um público maior. E ela topou também fazer a gravação ao vivo no YouTube... — Débora está uma pilha.

— Respira Deby! Solta o ar assim. Uuu — solto o ar sinalizando para que ela faça o mesmo. Normalmente eu fico sempre muito tranquilo embora não pareça. E ela também. Acho que Débora não estava esperando essa responsabilidade. É um evento grande!

— Tá bem! KG, essa é a Kami Oshoa. Ela vai trabalhar na filmagem — dou um aperto de mão na garota. Ela parece a *Avril Lavigne*, loira com umas mechas azuis e um lado da cabeça raspado.

— Bem-vinda à equipe Srta. Oshoa, quero ver se você é tão boa quando a Débora disse, liga as câmeras e prepara tudo vamos ao ar em cinco minutos. Cadê o Toddy? — A porta do banheiro se abre de uma vez. — Fala seu puto, tudo no esquema?

— Tudo irmãozinho, vou pedir o Tayguer e o Ryo para nos colocar ao vivo na KGG — o Ryo sempre cuida da parte técnica.

— KG? — Débora me chama no canto. — Está tudo bem?

— Tá, minha musa! — Sorrio e escoro na parede.

— O que aconteceu com você e a Chris? — Olho para baixo e brinco com o crachá pendurado no pescoço. — Tá tudo bem?

— Ela pegou a Naomi na minha cama, *mas* não aconteceu nada. — digo antes que ela me questione. — Tá tudo bem, é que a noite foi bem longa, eu dormi pouco.

— Por que não disse a Christina? — Ela sabe que o meu problema não é sono, Débora, como sempre, uma ótima amiga.

— Achei melhor deixá-la partir. A Chris não consegue confiar em mim — fito a parede do lado. — É complicado — me coloco totalmente de pé. — Vamos?

Débora me ajuda a colocar o captador na cintura enquanto eu penduro o fone na camisa preta por baixo do blazer vermelho. Kami deixa ligado o meu Notebook sobre a mesa em frente ao sofá, onde Anahí me espera.

Encaixo o ponto no ouvido e espero o retorno da rádio. Temos três câmeras profissionais distribuídas no local da filmagem. E a câmera do meu celular por onde eu vou abrir a chamada de vídeo.

— Vamos entrar no ar em três, dois... — Débora dá um OK e eu escuto a voz do Tayguer direto da Carolina do Sul, vejo a imagem dele pelo celular.

— Bem-vindos de volta meus telespectadores, eu sou o Tayguer da rádio KGG e você acabou de ouvir meia hora de música sem intervalo. KGG sempre no ar com você! — ele faz aquela voz cantarolada e avacalhada. — Pra você que acabou de ligar o som e tá aí curtindo a brisa no trabalho e não pode pegar um voo para o Bercy Paris, não fica triste! Por que a KGG vai te conectar com a arena!

Ele dá um grito explosivo acompanhando um pedaço da música “*Fire - BTS*”.

— Entra querido, pode entrar, por que vamos fazer uma “*time line*” ao vivo no You Tube! — faz uma voz marota como se fosse um desenho animado. Esse cara é foda, só ele mesmo para me substituir. — E agora, direto para vocês da arena ele... O sexy, bonitão, sonho de consumo das donas de casa. KG!

Tayguer faz uma voz mais grossa e sensual próximo ao microfone, tentou imitar a minha. Seguro o sorriso porque é a minha deixa. Ligo a câmera do meu celular e coloco a conferência ao vivo, a nossa imagem se divide no monitor.

— Falem, meus amores, sentiram saudades? Pra você que entrou agora, isso não é uma propaganda de detergente, é apenas o Tayguer tendo um orgasmo por ouvir a minha voz!

— Não sou apenas eu, brother! Como estão as férias aí na Europa? Que dizer... O cara é uma comédia, até quando tira férias tá trabalhando, a rádio só não toma processo porque ele é o BOSS, mas conta, meu chapa, fiquei sabendo que você fez uma festa de arromba ontem no seu aniversário, parabéns!

— Foi uma coisa de louco. Durou dois dias. Se eu não tivesse que vir pra cá, tenho certeza que estaria rolando até agora. — Ando pelo ambiente com a câmera.

— Dona Ângela é que não deve ter gostado muito da bagunça.

— Não chama minha mãe de Dona, se ela ouvir isso vai lançar uma panela que vai cortar o Atlântico como um míssil até acertar a sua cabeça.

— É incrível como a nossa mãe acerta coisas na gente, e não importa a distância. A minha lançava o chinelo, sabe? Isso era assustador! — Dou uma gargalhada com o comentário dele. — Você parece o tipo que deu muito trabalho para a sua mãe! Você era um rebelde KG?

A música “Rebelde” do RBD começa a tocar no fundo.

— Bastante. Eu sou um eterno rebelde. Falando em rebelde, — ando em direção ao sofá e apenas a minha imagem está na conferência agora. Desligo

o celular e deixo a Kami Oshoa dirigir a filmagem. — hoje eu vou entrevistar ela, Anahí!

Me sento ao seu lado lhe dando um abraço, aproveito e cochicho em seu ouvido para cantar um pedaço da música “*Silêncio*”. Ela canta um trecho e termina dando uma linda risada.

(Anahí23) #MiaEuTeAmo. —A HashTag sobe no monitor do notebook à frente.

(Lis) KG pede ela para cantar “*Venha de novo o amor*”.

(AnahíFã) Ai meu deus, os meus dois amores juntos!

— Mia, eu te amo! — Leio a mensagem que enviaram para ela. — Em algum momento imaginou que ia ficar tão famosa fazendo a personagem *Mia Colucci*? Porque houve outros personagens, mas esse tem algo especial.

— Eu sempre trabalhei muito para que isso acontecesse, mas eu realmente fiquei surpresa com o resultado. Também amo vocês! — Ela manda um beijo para a câmera.

— As pessoas costumam te chamar mais de Anahí ou Mia? — Coloco a perna sobre o joelho e Anahí se encosta no braço do sofá.

— Bem no início era só Mia, mas quando a novela e a banda chegaram ao fim, voltei a ser a Anahí — ela sorri e coloca as pernas sobre o sofá, deixando uma das mãos sobre a canela.

— O RBD foi uma febre nos países latinos. Eu fiquei impressionado com um show que assisti. O número de jovens gritando e cantando com vocês... Como você se sente quando encara a multidão?

— Encantada, muito encantada, parece um sonho.

— Atualmente você continua a carreira musical, solo, qual o nome do seu novo CD?

— “*Inesperado*” — ela pega o CD sobre a mesinha e me entrega. — Esse é para você, um presente de aniversário.

— Muito obrigado, nada me deixa mais feliz do que ser presenteado com música, eu vou ouvir quando estiver viajando hoje — aponto o CD para a câmera mostrando que está autografando: “*KG, que a música encha sua alma de alegria*”. — Quando você começou a sua carreira?

Desvio o olhar para o monitor enquanto guardo o CD:

(Dulce&Anahí) pergunta se o RBD vai voltar de novo.

— Eu comecei muito pequena, com dois anos, em um programa de “*niños*” crianças no México. Aí eu comecei a cantar, dançar e atuar. Fazendo de tudo. Eu nasci para fazer isso!

— Que maravilha. Você tem uma irmã, ela é atriz também?

— Não, ela é a “normal” — ela faz as aspas com os dedos. — Eu fui à única louca que seguiu a carreira artística.

— Ainda bem! Tem uma fã sua que enviou uma pergunta muito interessante, é a *Dulce&Anahí*, ela e mais um monte de fãs querem saber se há possibilidade do RBD voltar algum dia.

— Olha... — ela fita o teto pensando. — Não sei, talvez, eu acho que o destino tem as coisas perfeitamente preparadas. E se tiver que acontecer, se for o melhor para os seis, eu creio que em algum momento acontecerá. Tomara, porque seria algo muito lindo, principalmente para nossos fãs, seria um reencontro super bonito!

— Eu vi que você já viajou várias vezes para o Brasil, o que você mais gosta de lá?

— Você deveria ir, vai gostar muito de lá — ela procura mais palavras para descrever. — Eu adoro a picanha, caipirinhas... que comida boa!

Ela faz uma cara de prazer relembrando.

— Eu pretendo ir para lá em breve — Débora faz um sinal, avisando que breve é a vez da Anahí se apresentar. — Mas, e o coração, já tem dono?

— Quem dera! — Ela dá uma gargalhada alta e eu faço um gesto com as mãos perguntando “*como pode*” — Não é tão fácil encontrar uma pessoa especial e que entenda toda essa loucura que é o mundo artístico!

— Tem toda aquela questão de você estar com alguém e aí essa pessoa não entende que isso aqui é trabalho, claro, um trabalho que a gente ama, mas a gente não está deixando se levar pelo glamour que a fama pode trazer. É uma questão até de profissionalismo, no meu caso o problema é sempre ciúmes.

— Claro você é “*guapo!*” — Ela dá uma gargalhada se sentindo à vontade. — Ela deve ficar maluca!

— Eu não estou namorando — ela olha para a câmera e faz uma expressão de surpresa. — Mas, mesmo assim, eu não saio por aí ficando com toda garota que eu vejo.

— Quando você é uma pessoa pública, você tem uma responsabilidade social com as pessoas que te seguem.

— Já não parece mais tão rebelde! Brincadeira, mas é verdade! O que eu acho interessante... para mim, pelo menos... é que eu venho me tornado mais responsável com o tempo, mas nem sempre a gente vê isso da parte da maioria

dos artistas.

(LanaGardner) —KG, você está apaixonado? Não acredito! Quem é ela? Fala, fala, por favor!

Leio a mensagem no visor, mas finjo que não vi! Mas, Anahí não deixa passar.

— Você vai ter que responder a dúvida da Lana — ela senta reta no sofá esperando a resposta. — Eu também fiquei curiosa para saber quem é essa “chica” que te conquistou.

Respiro fundo e reviro os olhos com um sorriso fechado.

— Tinha uma garota... — Anahí dá curtos aplausos super animada. — Mas, aconteceu um mal-entendido e eu não consegui me explicar... é complicado! — Essas perguntas não estavam planejadas. Então resolvo trocar o rumo da entrevista e volto para o foco. — Como se sente sabendo que subirá no palco do Bercy Paris, hoje?

— Muito contente e honrada. É uma grande responsabilidade fazer parte de um evento tão importante com qual eu me solidarizo tanto. Eu realmente desejo paz ao mundo e amor, muito amor!

— Você tem algum ritual antes dos shows?

— Eu gosto de me juntar a minha equipe, agradecer a Deus por estarmos todos ali, por estar fazendo com que nosso sonho se torne realidade. Me benzo e peço a Deus e ao universo que conspire para que saia tudo bem.

— E para nossa Senhora de Guadalupe? — pergunto sabendo que a santa é protetora do México.

— Não, apenas Deus e ao Universo. Acredito muito no Universo. Como diria meu escritor favorito, Paulo Coelho, tudo aquilo que você desejar ardentemente de coração, o “Universo conspira ao seu favor”.

— Minha escritora favorita, Estefania Cristina. Ela diz “Nada te impede de fazer um pedido para o universo” no livro “O Relicário a História dos Mundos” — aquela cena do Solaris foi foda! Que livro fantástico. Têm batalhas, romance, biotecnologia... Anjo, demônios... Tédio com essa escritora não existe. — Você já leu?

— Ainda não li, mas pode ter certeza que vou! — Seguro sua mão.

— Eu realmente agradeço a você por ter aberto esse espaço para a KGG e para os ouvintes poderem te conhecer melhor. E por nos deixar participar desse momento tão especial para você no Bercy. Eu quero desejar muito sucesso a você, amei te conhecer pessoalmente!

— Eu é que agradeço a KGG e a todos que estão acompanhando ao

vivo! — Beijo a mão dela e a filmagem no You Tube é encerrada, ficando apenas a minha voz e a do Tayguer na rádio.

— Que inveja em KG! — diz Tay, do outro lado. — Ela é muito linda.

— Linda em todos sentidos, mas a gente não acabou, logo mais tarde a Deby volta com imagens ao vivo do show. “Eu sou Koll Gardner, da KGG para o mundo”. Beijão a todos!

— Valeu, KG. Agora, meia hora de música direto. Aumenta o som, porque aqui, garantimos a sua diversão! — Taygue encerra e eu também.

A entrevista chega ao fim e todos relaxam, exceto a Débora e a Kami que irão ficar próximas ao palco para fazer alguns vídeos.

Enquanto guardo o meu notebook dentro da mochila, escuto batidas na porta, Toddy que está mais perto abre, revelando S.J Simpson que me dá um sorriso tímido, faço um gesto para que ela espere um minuto.

Anahí que também já estava de saída me dá um último abraço. Adoro os mexicanos eles são muito calorosos.

— Você vai estar aqui quando eu voltar? — ela pergunta.

— Eu já estou de saída! — ela faz um beicinho quase infantil e olha para Samanta do lado de fora. Quando Débora vê também, me lança um olhar reprovador e eu não entendo o motivo. — Sucesso para você.

Acompanho Anahí até o lado de fora e a vejo correr pelo corredor sendo seguida por Deby e Oshoa. Permaneço estacado com os braços cruzados, sorrindo orgulhoso por ter pessoas tão legais ao meu lado. Sinto o toque de Samanta no meu braço e só então percebo que fiquei fora do ar.

— E então... vamos? — pergunta Samanta.

PARTE 15- CORRENDO CONTRA O TEMPO

V oamos por uma hora dentro da cabine do piloto, pra quem não sabe, existe um lugar disponível para convidados especiais, normalmente é usado por outros pilotos que aproveitam para pegar uma “carona”, como nós duas.

Vejo Naomi retocando a maquiagem, ela aperta os lábios e sorri em frente ao espelho da carteira, rosa chiclete assim como o seu vestido. Meu pé bate compassado no chão, ver a torre Eiffel só me deixa mais ansiosa. O avião finalmente pousa e Naomi entrega o seu cartão para o piloto, que fica encantado com os olhos azuis dela.

Os dois papeiam e trocam risadas, eu mal presto atenção no que eles falam. Agradeço e me retiro o mais rápido que posso. Nay se esforça para me acompanhar com aquele scarpin pink. Quando eu a olhava, me vinha a imagem de um algodão-doce na minha cabeça, não me pergunte o porquê.

Como foi a minha noite ao lado dela? Curioso, mas agradável... eu fiz coisas com ela que acho que não fiz na minha adolescência. Do tipo: emprestar roupas de dormir, tomar sorvete, comer empanado com molho, assistir “Uma comédia nada Romântica” e brincar de mímica.

O mais engraçado é que ela “chorou” relembrando do garoto da terceira série “Eu perdi o amor da minha vida, não vou deixar você perder o seu.” Eu parei de atacar o pote de sorvete e fechei o cenho pensando “Ela tá aborrecida por algo que aconteceu quando ela era criança?” Mas, quem sou eu para dizer que o garotinho que mudou de escola não era importante? Deixei minhas reclamações de lado e a confortei, algo que eu sou péssima em fazer, disse:

— Você vai achar um homem de verdade! — Pois é, a Naomi é quase uma criança (Uma criança sexy). No final ela se levantou e foi até a TV com a blusa vermelha de alças e o short branco de ursinhos cravado entre o seu bumbum e a desligou para enfim dormimos.

Acabou que eu gostei dela, é uma boa amiga! Amiga estranha, que me usou como urso a noite inteira. Que seja...

Pegamos o táxi, e o fato é que em cada condução na qual entramos ela abre bolsa, tira um utensílio e retoca a maquiagem.

— Segura, por favor! — Ela tenta arregalar os olhos felinos e penteia

os cílios dourados, com a máscara transparente que os deixa mais longos. Bem, eu gosto de pintura, mas no rosto sempre aposto em uma maquiagem leve. — Como eu estou?

— Melhor impossível!

— Se depender de mim, espero que seja possível! — Ela brinca guardando o tubo de cor prata. — Você quer que eu dê um retoque em você? Tá precisando de um pouco mais de cor nesse rostinho lindo!

— Não acho uma boa ideia — me viro para frente, ajeitando a jaqueta preta sobre a bata branca. — Eu estou legal assim.

— Por favor, Christina! Eu sei que você é pintora! Mas eu juro que sou uma artista em maquiagem — adoraria dizer que ela parece uma palhaça, mas ela é uma modelo que sabe bem o que colocar em seu rosto. — Vem, vamos por um rosa esfumado com preto nesses seus olhos lindos.

Mal vejo ela tirar um estojo de maquiagem e se inclinar sobre mim. Oh céus...

— Tem o seu nome no estojo — ela coloca uma perna de cada lado sobre o meu corpo. O taxista bigodudo olha pelo retrovisor e eu quase posso ver o devaneio que ele tem ao vê-la em cima de mim. O carro dá uma leve derrapada para esquerda e ele volta a prestar atenção na pista.

— Ei, cuidado! — Naomi o adverte e continua a me maquiar. — Eu tenho uma linha de maquiagem com o meu nome.

— Isso é legal — ela sopra meu cabelo, que desliza como uma pluma para o lado.

— Na verdade, é super legal ter o seu nome associado a marcas de perfume, maquiagem e lingerie! — Ela volta para o banco e eu vejo o meu rosto no espelho do carro. Ficou muito bonito. — Eu ganho tanta amostra que dá para fazer um novo estoque e vender.

Ela sorri com própria piada. Estou tão atolada em pensamentos que não consigo achar graça. Fico em silêncio, com a cabeça baixa, enquanto ela fala e fala.

Eu só consigo pensar que a merda que eu fiz foi tão grande, que eu não queria respirar para não sentir o tempo passar. Eu queria congelar o ponteiro do relógio e rodar ele para trás para poder ter feito a coisa certa.

Eu conheci o Koll há dez anos, parece estranho, *mas ele...* Ele sempre esteve lá!

Lembro que toda minha implicância com ele começou no primeiro dia de aula, eu tinha acabado de ingressar no ensino médio. Você sabe o que os veteranos fazem com os calouros no primeiro dia de aula?

É uma maldita tradição, os primeiros dias de aula se resumem a

palavra “inferno” ou, popularmente, “trote”. E a cada ano que passa os veteranos são mais criativos.

Bem... O veterano que me infernizou durante três dias, foi o Koll. No primeiro dia de aula, foi o balde de tinta rosa que ele jogou assim que abri a porta. No segundo dia, foi o meu armário que explodiu confete na minha cara, me matando de susto. E, no terceiro dia, foi quando ele invadiu a aula de educação física e roubou minha roupa no vestiário feminino... então você já imagina o que deve ter acontecido logo em seguida...

Depois disso, nada que ele fazia era o suficiente para se desculpar, porque ao lado do Koll parecia que as coisas davam erradas para mim. Como se não bastasse, ele destruía todos os meus relacionamentos... corrigindo... nem chegava a avançar meus namoros, porque, ou ele infernizava a pessoa, ou simplesmente aparecia e dizia que estava comigo!

Mas, no dia em que aquela vaca da Lorena — Ex do Koll — me jogou no pântano na frente de todos no acampamento, foi o fim! Eu nem sei dizer qual é a sensação de ter barro até dentro de suas orelhas e todos rindo de você.

Eu passei os 365 dias do meu ano riscando o calendário até ver o Koll se formar e me deixar ter paz pelo resto do meu ensino médio. Quem o mandou implicar comigo nos primeiros dias de aula? Eu não poderia imaginar que ele não tinha nada a ver com o que aconteceu.

Mas, graças a isso, foram dez anos guardando mágoa, e era uma mágoa que me deixava furiosa, por que... Todas as vezes que ele participava do campeonato de basquete, ele dedicava uma cesta para mim como pedido de desculpa.

E internamente eu amava, mas logo eu ficava com ódio, porque achava que ele queria fazer chacota de mim de alguma forma.

Bem, ele se formou!

Eu conheci Jordan Watson na aula de comunicação social. E, por algum motivo, Jordan era sempre o meu par em todas as atividades, ele gostava de sair comigo. Logo nossos pais se conheceram, claro que isso ia acontecer, minha mãe olhou para o jovem garoto Watson e enxergou barras de ouro ao invés dos seus cabelos loiros.

O estranho é que, durante sete anos, nós dois fomos apenas amigos. Eu gostava de Jordan, nos entendíamos e ríamos da piada que era ter nossas mães tentando nos empurrar um para o outro.

Um dia, ele me perguntou “Chris, você quer tentar? Acho que não vamos achar um par melhor.” Ele sorriu e eu pensei que ele estivesse brincando, até me dar um selinho.

E, depois daquele dia, tudo mudou. Eu me mudei para Manhattan para

prestar exatas e ele continuou em Tennessee se preparando para seguir o legado da família. Então nossa amizade acabou e ele virou alguém que eu não conhecia. Jordan se tornou parte da piada da qual costumávamos rir.

Dois anos depois, ele tirou meu chão com uma traição e um pedido de casamento absurdo. E, em meio a essa bagunça, Koll reaparece e coloca abaixo o muro que eu levantei. Um muro que me impedia de ser feliz.

Quando esse muro caiu, primeiro, eu me senti exposta, senti que eu não podia me esconder. Depois, eu me senti livre pela primeira vez!

E agora tudo que eu consigo pensar é na sorte de tê-lo reencontrado e na besteira de ter praticamente o chutado para fora da minha vida novamente.

O táxi para e eu caminho o mais rápido que posso, só percebo que passei a correr quando a Naomi pede para esperá-la, mas eu subo a escada rolante saltando de dois em dois degraus. Quando chego ao topo olho a placa e volto a correr, trombo em algumas pessoas. Perdoem-me, mas eu não posso mais perder o meu tempo.

Eu já passei parte da minha vida doando o meu tempo para quem não precisava, agradando pessoas que sequer percebiam que eu estava ao lado delas. Joguei o meu tempo fora tentando ser perfeita para outras pessoas.

Tentando conquistar a admiração de uma mãe que não liga para o que eu sinto, tentando conquistar o amor de um homem que nunca me viu como uma mulher. Tentando honrar a memória do meu pai, mas será que ele teria me deixado seguir esse caminho?

Desculpe, pai, eu sempre vou te amar, mas eu preciso honrar o meu tempo.

Eu chorei muito quando te perdi. Não tivemos muito tempo juntos, eu queria ter dito o quanto eu te amava, mas eu não tive tempo para aprender a falar essas palavras. Foram tantos anos me sentindo sozinha dentro de mim que eu esqueci o que significava a palavra “amor”.

Eu aprendi a falar. Mas por que esqueci-me de dizê-la para a pessoa que deveria ouvi-la? A gente não deveria se esquecer disso, mas por que será que só nos lembramos quando parece faltar tempo?

Eu preciso de tempo! Eu preciso de mais tempo... Merda! Por que eu sou tão burra? Por que eu desapontei a única pessoa que me amou de verdade?

Sou barrada pelo segurança.

— Desculpe. Seu ingresso? — Paro de correr sentindo faltar ar nos meus pulmões.

— Aqui o ingresso! — Naomi para do meu lado tentando manter a pose, coloca o dinheiro no bolso do paletó do moreno à frente. — Eu preciso que você me coloque no camarim da Anahí.

— Senhorita, essa é à entrada do show. O camarim é do outro lado, mesmo que eu te coloque lá dentro, a senhorita não vai conseguir subornar todo mundo! — Naomi se escora no rapaz tentando pegar um ar.

— Libera nossa entrada, eu vou por aqui! — Quando digo isso, Nay arregala os olhos. O segurança faz o que eu digo e me deixa passar.

— Christina, não temos chance nenhuma passando pela multidão! — Quando entramos fomos praticamente esmagadas contra a parede. Assisto pelo telão Anahí entrando correndo no palco. Ela pega o microfone e começa a falar:

— Como vai Paris? — ela grita e a multidão que se afunila em direção ao palco vai à loucura. — Isso! Essa noite eu tenho muitas coisas importantes a dizer. Hoje é uma noite muito, muito importante! E eu gostaria que vocês fizessem um esforço e cantassem em espanhol.

As pessoas começam a gritar o seu nome e ela sorri.

— Eee, essa sou eu! — Brinca e começa a pular no palco, animada. — Eu quero dizer que todos vocês são o meu sonho que virou realidade. E queria pedir uma coisa muito importante!

Ela liga uma lanterna e ergue no alto.

— Que todos acendam uma luz comigo. Todos vocês, aí atrás “arriba”. Por que essa é uma luz importante. Essa é uma luz por algo que todos queremos, uma luz pela paz! Sim? Acenda uma luz pela paz! Uma luz pela união... — todos gritam “Anahí eu te amo!” — Pela tolerância e pelo amor! Eu te amo muito, Paris! “Salva-me”.

Ela diz o nome da música e começa a cantar. Enquanto isso eu caminho próximo à parede olhando a estrutura em que foi montando o show. Começo a escalar a parede e a Naomi não entende nada.

— O que você está fazendo?

— Eu preciso chegar do outro lado — ela olha para estrutura metálica que se move próximo ao palco.

— Volta aqui Christina, eu não posso deixar você fazer isso! Se você cair lá de cima o KG nunca vai me perdoar — continuo subindo. — Você é maluca? Você não precisa fazer isso para provar ao Koll que você o ama! Christina Beckham, volta aqui!

Eu não vou cair! Eu só ganhei duas medalhas quando fui bandeirante: Uma foi porque eu conhecia bem as trilhas e a segunda porque eu era a melhor em escalar.

Surpreso? Eu sei! Eu não imaginava que isso seria útil um dia!

Alcanço a barra de aço que se estende como uma plataforma. Meu coração salta pela boca quando olho para baixo e vejo aquele mar de luzes, engulo seco e continuo segurando firme até chegar do outro lado.

“Salva-me do esquecimento, salva-me da escuridão, salva-me do tédio, não me deixes cair jamais” — Escuto a voz da Anahí que se espalha por toda a arena, enquanto sinto minhas mãos transpirem.

Oh Céus! Tomara que eu chegue do outro lado viva! Ainda bem que eu vim com a bota sem salto, penso enquanto deslizo até a ponta. Quando o câmeraman me vê, fica pálido e faz sinal para que eu volte, mas eu já estou longe demais para voltar.

Já estou quase chegando perto do palco. Fico imaginado a raiva que a equipe técnica está passando, desculpe todos, mas eu não posso parar!

Fico parada por alguns segundos segurando a barra firme e sentindo a vibração passar por ela. Senhor Jesus Cristo, estou sentindo minha alma gelar. Me agarro com mais força. Eu não vou conseguir... eu não vou conseguir!

Começo contar e respirar “Não olha para baixo Christina” continuo até chegar do outro lado, orando para que a equipe tenha feito a montagem da estrutura do show direito. Passo por trás do jogo de luz, como se não bastasse, ainda tem essa coisa girando a ponto de dar um choque.

Alcanço finalmente a barra ao lado do palco e começo a descer com mais tranquilidade, como quem desce uma escada. Sinto meus pés finalmente tocarem o chão.

“Graças a Deus!”

Olho para a multidão assustada, eu sou maluca, o que eu estou fazendo aqui? Sinto uma leve tontura, não, eu não posso ter um ataque de fobia.

Os dois seguranças me seguram pelos braços e eu grito a cantora. Que faz um sinal para que eles me soltem. Ela me abraça achando que eu sou uma fã.

— Obrigada! Onde está o Koll? — Ela dá uma leve franzida na sobrancelha. — KG, eu preciso encontrar ele.

— Ah, sim, KG! — Ela me dá um abraço alegre pulando, como se me conhecesse. Ela leva o microfone próximo à boca e se volta para frente. — Koll Gardner, você ainda está aqui? — Ela olha para mim. — Desculpa, acho que ele já partiu.

Estico o braço e ela me entrega o microfone, escuto os back vocals cantando a música bem suave. Sinto o estômago embrulhar quando me viro para a plateia, que permanece agitada, caminho até a ponta do palco e levo o microfone aos lábios.

— Koll... — gaguejo. — Eu queria dizer que lamento muito não ter confiado em você, lamento muito ter demorado... Ah meus Deus... eu sei que não sou a pessoa mais fácil de conviver...

Meu coração vai sair pela boca.

— Quando te conheci, eu tinha medo de tudo que você representava, eu achei que aceitar um pouco mais de você representasse um pouco menos de mim. Eu tinha medo de amar você e me machucar, mas eu percebi que eu só me machuco quando te afasto. A verdade Koll Gardner é que nós somos como o Yin-Yang...

Olho para a pulseira e me lembro do dia que ele me deu. Não consigo dizer mais nada, ele não está mais aqui. Ergo os olhos com a face repleta de lágrimas e respiro fundo, não consegui chegar a tempo de dizer que o amo. Todo esse esforço foi em vão, eu devia ter dito o que eu sentia antes de perdê-lo.

PARTE 16- AO SEU ENCONTRO

(KOLL)

E então... vamos? — pergunta Samanta, mas eu continuo pensando se a minha equipe vai dar conta de continuar sem o meu apoio. — Você gosta mesmo da sua equipe!

Agora toda vez que escuto a voz dela sinto certo prazer, porque me lembro das inúmeras matérias escritas por ela, na qual me despertaram a curiosidade sobre sua voz. E descobrir uma voz feminina por trás de toda aquela genialidade é um êxtase.

— Eu amo a minha equipe, eles são a minha família. Eles dividem parte de um mundo que só eu conheço — me escoro na parede. Ela vem em minha direção e passa a mão no colarinho do meu blazer.

— Você é um doce, Koll Gardner — respiro fundo e ergo a cabeça, fitando o fim do corredor. — A sua resposta ainda é a mesma?

— Sim, Samanta — volto a olhar dentro dos seus olhos, seguro os seus pulsos e afasto suas mãos. — A minha resposta continua a mesma.

— É uma pena, porque eu não costumo insistir tanto em algo — ela se afasta, decepcionada por não conseguir o que quer. — Bem, se mudar de opinião, te espero no aeroporto.

— Desculpe, você é o tipo de mulher que me deixa louco... — ela inclina a cabeça querendo saber o que tem de errado. — Mas eu já perdi a cabeça por outra garota, e não acho certo embarcar em uma viagem com uma mulher tão incrível pensando em outra.

— Você sabe que é um idiota, certo? — Eu apenas aceno concordando. Samanta dá um passo para trás e estica o braço, oferecendo um aperto de mão. — Foi um prazer te conhecer Koll Gardner.

— O prazer foi meu SJ. Simpson! — Ela sorri e me dá as costas.

Entro no camarim e fecho a porta. O que eu estou fazendo? Acabei de dispensar um novo começo por causa da Christina, e nem estamos mais juntos. Até quando eu vou continuar fazendo isso? Me sento de frente para Toddy, ele me olha intrigado do outro lado da mesa redonda.

— Quando eu vi aquela gostosa te esperando na porta, pensei...

— Pensou que eu estava indo embora com ela? — Afonso se senta na minha direita e me serve uma cerveja, Christian se senta do lado oposto,

entregando uma lata para Toddy. — Bem que ela queria.

— Por que não foi? — pergunta Christian Chávez.

Quando eu estava com a Samanta eu pensei por um segundo em jogar tudo para o ar, eu a beijei porque eu queria esquecer a Christina, eu a beijei porque eu queria os lábios da Chris junto aos meus. Eu queria tanto tocar a minha garota e ela estava tão longe dos meus braços, eu queria muito abraçá-la, só Deus sabe o quanto.

E quando eu beijei SJ. Simpson o meu coração doeu, parecia que estava me ferindo cada vez mais, porque só aumentou a falta que Christina faz, mesmo quando ela está apenas brigando.

Acho que já me acostumei com as broncas da Chris, me acostumei a vê-la reclamar de tudo. Dizer que está tudo errado, me proibindo de tocá-la quando tudo que ela mais quer é sentir minhas mãos sobre seu corpo.

Já me acostumei vê-la me dando as costas só para depois agarrá-la e jogar sobre a minha cama. Já me acostumei com as suas ironias e suas imperfeições tão perfeitas.

Ela acha que é um brinquedo quebrado, mas ela é o presente que eu sempre quis ganhar. Aquele que fica na última prateleira quando você é pequeno, mas não consegue pegar. Então você escala a prateleira e tudo cai no chão por acidente e você só consegue pensar que destruiu tudo, mesmo que não tenha culpa.

Você nunca foi um capricho Christina, você foi a garota que eu amei mesmo quando ainda não tinha idade para amar, você é tudo que eu desejei quando não deveria mais desejar, você não foi o amor que eu descobri com um dia, você é o amor de uma vida!

Vinte e quatro horas não foi o tempo que eu pedi para te conquistar como um troféu, foi o tempo que eu pedi para conquistar a sua confiança, porque o seu amor, Christina, eu espero o tempo que precisar...

Mas talvez eu não seja o que você precisa, talvez... talvez eu precise crescer um pouco mais. Talvez eu precise de mais tempo para me tornar o homem que você espera que eu seja. Você merece o melhor. E, nesse momento, talvez não sejamos o melhor um para o outro.

Eu peço desculpa se eu não pude estar ao seu lado, mas ver você me tocar com tanto desprezo e ódio me fez questionar se eu seria o homem certo para estar ao seu lado. Eu nem sabia que existia esse tipo de sentimento entre nós.

Mas eu quero que você saiba que ainda vou te amar mesmo quando tudo acabar. Eu vou te amar, porque o amor não respeita o tempo, não respeita o fim. O amor verdadeiro é apenas infinito!

E o meu amor por você, Christina, é uma estrela, brilhando alegre e feliz por você apenas existir.

— Os fãs às vezes são bem malucos. — Afonso muda de assunto, quando eu não respondo a pergunta de seu amigo.

Normalmente eu estou sempre aberto, mas hoje eu queria poder me esconder dentro de mim. Porém, eu não consigo, as minhas alegrias irradiam como um sol e as minhas tristezas turvam meu semblante como um temporal.

— Ela conseguiu descer, ainda bem! — brinca Christian, assistindo a TV atrás de mim.

— Koll Gardner, você ainda está aí? — Saio do meu mar de pensamentos ao ouvir o meu nome. Olho para Toddy e ele fita a televisão assustado. Giro a parte de cima do corpo lentamente.

— Deus! — Eu quase entro em pânico ao perceber que era a Christina que estava pendurada lá em cima. Me levanto de uma vez sendo seguido por Toddy, Afonso e Christian Chávez.

“Koll...” — escuto a voz da Christina trêmula. — Eu queria dizer que lamento muito não ter confiado em você.

O que ela está fazendo, ela sabe que tem fobia de palco... corro pelo extenso corredor, eu preciso alcançá-la antes que ela passe mal.

“Lamento muito ter demorado... Ah meus Deus... Eu sei que não sou a pessoa mais fácil de conviver...”

— Pra qual lado? — grito.

— Direita... Direita! — Os meninos respondem e eu continuo correndo ao encontro de Christina. Eu não imaginava que ela fosse fazer uma coisa tão maluca! Na verdade, nunca passou pela minha cabeça nada sequer parecido.

Não pensei que as minhas ações fariam Christina escalar a estrutura da arena do Bercy Paris. Queria que ela fosse mais decidida e corajosa, mas, isso... meu coração vai saltar para fora.

“Quando te conheci, eu tinha medo de tudo que você representava, eu achei que aceitar um pouco mais de você representasse um pouco menos de mim.”

Escuto a voz dela e sinto meu coração quase sair do peito de tanta preocupação e vontade de abraçá-la. O corredor fica escuro, estou embaixo do palco, no backstage.

Débora e Kami Oshoa, que estavam fazendo as gravações, assistem paralisadas a Christina. Deby faz um sinal com a mão me mandando ir logo.

Desacelero e subo a rampa, dou de cara com a Anahí, que me abraça e me entrega outro microfone.

Caminho em direção a Chris, lhe vendo de costas.

“Eu tinha medo de amar você e me machucar, mas eu percebi que eu só me machuco quando te afasto. A verdade Koll Gardner é que nós somos como o Yin-Yang...”

— Está dizendo que os opostos se atraem? — minha voz ecoa pela arena e ela vira para trás.

— “Que os opostos se completam. Onde um é fraco o outro é forte. E vice-versa...” — eu olho para ela com tanta admiração que nem acredito ser possível amar essa garota mais do que eu já amo.

— Está dizendo que eu sou fraco? — brinco com ela, dando a mesma resposta que ela me deu uma vez. Seus olhos brilham.

— Não. Estou dizendo que ao seu lado eu me sinto completa! — Caminho até Christina e lhe abraço, tirando-a do chão. Anahí pega os microfones de nossas mãos de forma tão sutil que eu nem percebo.

Fecho meus olhos e escuto sua voz no meu ouvido.

— Me perdoa por não confiar em você.

— Só se você me perdoar por ter partido! — A coloco no chão e seguro sua cabeça entre minhas mãos, deslizo meus dedos entre seus cabelos olhando dentro do verde de seus olhos. — Eu prometo que nunca mais vou te abandonar!

— *Eu te amo...*

Trago seus lábios para o encontro dos meus e lhe beijo sentindo o sal de suas lágrimas se misturar com o doce de sua boca. Ela queria dizer mais alguma coisa, mas eu não quero perder o meu tempo ouvindo pedidos de desculpas.

Na verdade, eu preciso recuperar o tempo que perdi longe da Chris.

E só existe um tempo que não se perde, apenas se ganha... aquele que você passa ocupado beijando a garota que tanto ama!

PARTE 17- DOIS ANOS MAIS TARDE

[EPÍLOGO]

Todas as paredes que ergui desmoronaram com o seu amor. Koll entrou em minha vida e em meu coração e eu deixei que ele me mostrasse cores na palheta da minha alma que eu não conhecia.

Durante esses dois anos que passei ao seu lado, senti como se eu tivesse despertado. Todos os dias eu acordo com a sua voz que soa na secretaria eletrônica:

“Chris, eu sei que você está me ouvindo e não precisa levantar. Eu só quero dizer que estou com saudades, e só vou parar de te acordar às oito da manhã quando você se mudar para o meu apartamento.”

Na verdade, ele faz isso todos os dias apenas para se vingar, porque toda vez que eu vou para o seu apartamento eu o acordo ao som de “One Republic - Counting Stars” ou “Spring- Vivaldi”.

É um pouco engraçado, ele levanta e se escora na porta com aqueles olhos cerrados de sono e me vê usando apenas uma das suas camisas enquanto pinto. Eu faço isso porque ele me irrita! Eu falo algo sério com Koll e tudo vira brincadeira, idiota!

E também porque ele sempre me abraça por trás e me carrega de volta para cama. (Risos) Ele odeia quando eu acordo antes dele. Diz que eu bagunço a casa inteira.

O que é verdade!

Mas, quase sempre, é ele que se levanta primeiro faz café e deixa tudo brilhando. Ele faz aqueles banquetes que eu não dou conta de comer, acho que, se não fosse locutor, seria um chefe de cozinha.

Os nossos feriados quase sempre são com os pais dele, eu prefiro. Minha mãe odeia o Koll, bem, ela odeia todo mundo inclusive eu! Nós duas não conversamos mais, ela me culpa por sua falência. Me culpa por ter perdido “O homem da minha vida” ou será da vida dela?

Eu não queria que as coisas ficassem tão estranhas com Ashley, ela é minha mãe. Queria que tudo ficasse bem entre nós, eu sinto como se tivesse

perdido algo importante da minha vida sem o apoio dela. Afinal, ela é a única família que eu tenho.

“Christina, sou eu! Eu estou indo para Tennessee, fim de semana. Eu tive pensando... vem comigo? Eu estou indo a trabalho, mas seria uma ótima oportunidade de você conversar com a sua mãe, resolver as coisas com ela. Eu sei que você também quer isso... pelo visto, você não está... quando pegar minha mensagem, me liga de volta!”

O Koll acha que não resolver as coisas com a minha mãe, me coloca dentro da bolha negra do passado, a gente briga às vezes por causa disso. Eu sei que ele tem razão, mas eu não vou me humilhar e pedir para Ashley ser a mãe que nunca foi.

Ela cortou os laços comigo, não o contrário. Ela disse que eu joguei o nome da família da lama (gargalhada) que ela nunca mais vai ter uma chance de encontrar um bom partido. Também, quem vai querer se casar com ela sabendo que ela torra todo o dinheiro com coisas inúteis?!

Eu tenho o meu orgulho e não vou atrás dela.

“Chris... Eu sei que a gente já falou disso antes, mas você está no último ano em exatas. Eu sei que você não vai seguir a carreira do seu pai, Thomas, mas... é o último período! E eu tenho certeza que você vai sentir muito orgulho de pegar aquele diploma... Então... Porra, Christina, dá para atender essa merda de telefone?”

Não, não dá!

Normalmente eu o deixo falando horas com a secretaria eletrônica, ele fica enfurecido pega o primeiro avião e aparece no meu apartamento. Risos. Em relação à faculdade... eu não quero falar sobre isso agora! Já basta o Koll enchendo a minha paciência com esse assunto! Ele acha que se eu não me formar vou me sentir culpada futuramente, por não ter concluído.

“Chris, eu já te disse o que eu vou fazer com você a próxima vez que nós encontrarmos? Vou sentar você na beirada da minha cama, abrir suas pernas e chupar...”

— Oi! — Ajeito o fone auricular.

— É só falar bobeira que você atende! — Escuto a risada marota do outro lado da linha. — Christina Beckham, quando é que você mudou tanto?

— Passou um trem ferroviário aqui do lado. Eu não ouvi o celular chamar, seu idiota! — Subo na mureta da ponte e me coloco de pé na plataforma. — Onde você está?

— Tô na estrada, perto da linha de ferro. Ah, qual é? Você ainda está com raiva? — Escuto a música que toca dentro do carro dele “*A Thousand Years -Christina Perri*”.

— Eu não estou com raiva, Koll Gardner, raiva é o que você deseja que eu sinta quando chegar aqui! — Encaro a serra de Mairinque (SP) à minha frente e puxo o ar pela boca sentindo minhas mãos suarem. — Você esperou dois anos para me contar que beijou aquela vadia da SJ. Simpson... corrigindo... para eu descobrir que você beijou!

Dou um grito contido para não cair.

— Eu não escondi isso de você, apenas... esqueci de mencionar, achei que isso não tivesse importância — o interrompo.

— Você se lembra o que ela escreveu no jornal sobre mim? Eu te lembro...

— Não, Christina, eu não me lembro. Sabe o que eu me lembro? De ter exposto a imagem da Samanta em rede nacional. Você sabia que ela era famosa, por ninguém conhecer a face dela? — Fico em silêncio e tento prender o sorriso no canto dos lábios. — Isso você esqueceu, não é, meu amor!

— Eu não te pedi para fazer isso! — Vejo o “*Chevrolet Spin*” preto parar lá em baixo.

— Não pediu, mas eu fiz porque te amo! — A porta do carro abre revelando Koll. Ele tira os óculos e olha para cima. — Christina, o que diabos, você está fazendo aí?

— Você não me deu escolha, Koll Gardner!

— Você não precisa fazer isso! — Ele começa a subir em direção à ponte.

— Preciso sim. E a culpa de eu estar aqui em cima é sua! — Faço um rabo de cavalo com meu cabelo. Ele cresceu muito e o Koll adora o fato dele estar grande e com luzes.

— Não coloque a culpa em mim! Você está aí em cima porque quer! Agora dê um passo para trás e saia daí! — Sabe o que vejo quando fecho meus olhos? O nosso amor. Para todo lado que eu olho eu vejo um pedacinho de tudo que construímos nesses últimos anos. — Vamos conversar!

— E sobre o que você quer conversar, Koll Gardner?

— Vamos conversar sobre o quanto você mudou nesses dois anos! — Ele sempre diz isso.

— Você gosta da nova Christina?

— Eu disse que você mudou, não que virou outra mulher! Você se libertou de tudo que te prendia. Eu me sinto tão grato por te ver feliz! — O vento sopra e espalha alguns fios do meu cabelo que se desprenderam do nó. — Eu

amo tanto você que o meu único desejo é passar a minha vida colocando sorrisos em seus lábios! Me desculpa por ter esquecido de te falar sobre o que aconteceu com a Samanta.

— Eu te perdoo, mas ainda vou pular!

— O Dr. Audrey Alexander me ligou hoje de manhã, me perguntou como você estava se sentindo, estava preocupado com você! — Sinto meu coração gelar. Dr. Audrey tinha que abrir a boca. — Eu disse que não sabia do que ele estava falando. E quando lhe perguntei o que era o Dr. Alexander me pediu para falar com você e agora *eu* estou preocupado!

Ele dá ênfase em sua preocupação.

— Não é... Nada! — Se eu contar o que aconteceu durante o ano... Céus... Ele vai sofrer muito.

— Christina, você coçou o nariz! Tá mentindo. — Olho para o lado e tomo um susto ao ver Koll a alguns metros de distância. Caramba, como ele foi rápido!

Meus olhos se acendem quando encontram os dele. Toda vez que eu me perco no escuro, Koll brilha e me mostra o caminho de volta para os seus braços. Não posso mentir. Me sinto a pessoa mais feliz do mundo ao seu lado.

Antes eu me sentia assustada com coisas que não conhecia e agora, mesmo quando me sinto perdida, não tenho mais medo de me lançar em direção à sorte.

Mas dessa vez é diferente e isso está me arrastando aos poucos para o fundo do poço.

E eu sei que mais cedo ou mais tarde eu terei que contar para ele o que aconteceu, mas eu prefiro que seja mais tarde. Não quero que ele me culpe por ter perdido a coisa mais importante que poderia acontecer em nossas vidas.

Como eu vou contar que tive dois abortos espontâneos esse ano e nenhuma das vezes liguei para ele? Que eu escondi... Como eu vou anunciar que talvez eu esteja grávida e o bebe não sobreviva novamente?

Eu não quero que ele sofra como eu já estou sofrendo.

— Te vejo mais tarde, Koll Gardner! — A equipe me libera e eu salto de “*Bungee Jump*”.

Combinamos de fazer isso juntos há dois anos, mas como ele me escondeu a SJ. Simpson... resolvi castigá-lo e pular sozinha. Ninguém pode dizer que eu não cumpro minhas promessas.

O deixo para trás com aquele sorriso iluminador que só ele tem. Sabe o que eu aprendi ao lado de Koll?

Que o amor é um salto de fé! E nesse momento eu preciso mais do que nunca saltar.

Continua...

@EstefaniaCristinaOficial



Adquira os livros no site:
<https://escritoraestefaniacristina.blogspot.com/>

^[1] Vênus é na mitologia grega, Afrodite, deusa do amor. E Marte, Ares, deus da guerra.

^[2] Banda Teen Coreana.

^[3] Entrevista da Anahí baseada em perguntas e respostas reais feitas no:
Programa do Jô Soares. 02/11/2009. <https://www.youtube.com/watch?v=pKp5JbJSZBk>
Programa da Eliana, dia 18/10/2010. <https://www.youtube.com/watch?v=5dUo3FzWnCI>

Table of Contents

[PARTE 1- VENEZA](#)

[PARTE 2- XADREZ](#)

[PARTE 3 - A MÁSCARA](#)

[PARTE 4- FAMÍLIA GARDNER](#)

[PARTE 5- EU NUNCA](#)

[PARTE 6- SPIRIT OF ART](#)

[PARTE 7- DEIXA QUEIMAR](#)

[PARTE 8- A BOLA É SUA](#)

[PARTE 9- O PRESENTE ESTÁ NO PRESENTE](#)

[PARTE 10 - EM PEDAÇOS](#)

[PARTE 11- CÓDIGO DE HONRA E CONFIANÇA](#)

[PARTE 12- ADEUS VENEZA](#)

[PARTE 13- A OPORTUNIDADE PASSOU](#)

[PARTE 14- TÁ NO AR EM](#)

[BERCY PARIS](#)

[PARTE 15- CORRENDO CONTRA](#)

[O TEMPO](#)

[PARTE 16- AO SEU ENCONTRO](#)

[PARTE 17- DOIS ANOS MAIS TARDE](#)